

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA - UNIARA**  
**MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL**  
**E MEIO AMBIENTE**

***TRANSPOSIÇÃO DO RIO PIUMHI PARA O RIO SÃO***  
***FRANCISCO: REGISTRO HISTÓRICO***

**ANDRÉ TOMÉ DE ASSIS**

**ARARAQUARA - SP**  
**2009**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA - UNIARA  
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL  
E MEIO AMBIENTE**

***TRANSPOSIÇÃO DO RIO PIUMHI PARA O RIO SÃO  
FRANCISCO: REGISTRO HISTÓRICO***

**ANDRÉ TOMÉ DE ASSIS**

*Dissertação apresentada ao  
programa de Pós-Graduação -  
Mestrado em Desenvolvimento  
Regional e Meio Ambiente do  
Centro Universitário de Araraquara  
UNIARA para obtenção do título de  
Mestre.*

**ORIENTADOR:  
DR. LEONARDO RIOS**

**ARARAQUARA - SP  
2009**

## FICHA CATALOGRÁFICA

A 865 ASSIS, André Tomé de

Transposição do rio Piumhi para o rio São Francisco: registro histórico. Araraquara-SP. Centro Universitário de Araraquara, 2009. 101p.

Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – Centro Universitário de Araraquara, UNIARA. 2009.

Área de concentração: Dinâmica Regional e sustentabilidade. Alternativas de sustentabilidade

Orientador: Dr. Leonardo Rios.

1.Transposição. 2.Rio São Francisco. 3.Rio Piumhi. 4.História de Vida. 5.Levantamento histórico.

C.D.U. 504.03

"Abracei o meu violão, oi linda Minas Gerais  
Pra falar do rio Piumhi, a história aqui nos traz  
O nosso rio está triste, quase nem vive mais  
Pois os peixes já morreram e a mata se cedeu  
E ele não pode correr, no leito onde nasceu  
A natureza de Deus e a rima que expande  
Ele foi pro São Francisco, mas queria ir pro rio Grande

O rio Piumhi está triste, o que lhe aconteceu  
Mudaram o seu caminho e a tristeza apareceu  
A mata não está sombria e os peixes já morreu  
O rio Piumhi é assim e a vida que nos trás  
É uma tristeza com ele e com Minas Gerais

Ai se pudesse voltar e esse rio voltaria  
No caminho que levaram, pois viver não queria  
Eu pra onde voltava e o verso que aqui expande  
Igual toque de viola, Minas Gerais que nos mande"

Edson Gaúcho

Verso do repentista Edson Gaúcho sobre a Transposição do Rio  
Piumhi, apresentado no Programa de televisão Terra da Gente.

Fonte: <http://www.transpiumhi.ufscar.br/repente.htm>

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente a Deus, por ter-me proporcionado o cumprimento de mais esta etapa de aprendizagem em minha vida;

Aos meus pais, Damásio e Dora e aos meus irmãos Galdino e Roberta, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e incentivando;

Ao meu orientador Dr. Leonardo Rios, pela amizade, paciência, competência e disponibilidade de tempo nas diversas reuniões que tivemos;

Ao professor Dr. Orlando Moreira Filho, grande pesquisador do rio Piumhi e a toda equipe de pesquisadores da UFSCAR, pela concessão de todo material já pesquisado, e pelas sugestões durante todo o processo de escrever a dissertação e durante a qualificação e defesa;

A professora Dra. Dulce Consuelo Andreatta Whitaker, pelas claras explicações sobre história de vida, pelas palavras de incentivo e pelas orientações de correções principalmente durante a qualificação e defesa;

Aos professores da UNIARA, pela confiança depositada em mim;

Ao Centro Universitário de Formiga (UNIFOR-MG), base do meu conhecimento, em especial aos meus antigos professores;

Aos professores do curso de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, em especial a professora Dra. Marly Nogueira, suplente da banca de defesa, que muito me apoiaram com suas sugestões e ao Programa da Universidade Aberta do Brasil (UAB), sob a coordenação da Secretaria de Educação a Distância (SEED) do Ministério da Educação (MEC) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida e pela oportunidade de estar trabalhando junto a esses grandes doutores da Geografia;

A Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais pelo afastamento concedido e em especial a todos da Escola Estadual Dr. Abílio Machado;

As irmãs e a toda equipe do Colégio Santa Teresinha que com muito carinho e fé acreditaram em mim;

A todos os meus alunos e colegas de profissão, que sempre acreditaram no meu trabalho;

A todos os meus amigos e parentes pelos momentos de bate papo e por me tranquilizarem nos momentos de dificuldades, em especial a Alda e a Dorali (Tininha);

Ao jornal Alto São Francisco, as prefeituras de Capitólio e Piumhi e principalmente as meus entrevistados pelas valiosas informações.



Centro Universitário de Araraquara

Rua Voluntários da Pátria, 1309 - Centro - Araraquara - SP  
CEP 14801-320 - Caixa Postal 68 - Fone/Fax: (16) 3301-7100

[www.uniara.com.br](http://www.uniara.com.br)

BANCA DE DEFESA

Profa. Dra. Dulce Consuelo Andreatta Whitaker  
UNESP – Araraquara

Prof. Dr. Orlando Moreira Filho  
UFSCAR – São Carlos

Prof. Dr. Leonardo Rios  
UNIARA – Araraquara

## SUMÁRIO

|                                                                                                                      |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO                                                                                                           | 1  |
| CAPÍTULO 1 – DISCUSSÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA                                                                          | 4  |
| 1.1 - História de vida: Um elo à percepção ambiental                                                                 | 4  |
| 1.2 – Questionamento sobre a nascente do rio São Francisco                                                           | 09 |
| 1.3 - A construção da barragem de Furnas                                                                             | 13 |
| 1.4 – A transposição do rio Piumhi                                                                                   | 15 |
| 1.5 – A construção do dique de Capitólio                                                                             | 16 |
| 1.6 – Impactos Ambientais                                                                                            | 18 |
| CAPÍTULO 2 - OBJETIVOS DA PESQUISA                                                                                   | 21 |
| 2.1 - OBJETIVO GERAL                                                                                                 | 21 |
| 2.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS                                                                                          | 21 |
| CAPÍTULO 3 - UNIVERSO EMPIRICO -<br>CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DA TRANSPOSIÇÃO DO<br>RIO PIUMHI PARA O RIO SÃO FRANCISCO | 22 |
| 3.1 - Município de Piumhi                                                                                            | 22 |
| 3.2 – Município de Capitólio                                                                                         | 24 |
| CAPÍTULO 4 - METODOLOGIA                                                                                             | 26 |
| 4.1. Levantamento bibliográfico                                                                                      | 26 |
| 4.2 – História de Vida e Depoimentos                                                                                 | 26 |
| 4.2.1 - Aplicação da técnica                                                                                         | 26 |
| 4.2.2 - Sujeitos da pesquisa                                                                                         | 27 |
| 4.2.3 - Analise dos resultados                                                                                       | 27 |
| 4.3 - Entrevista aberta não estruturada                                                                              | 29 |
| 4.4 - O uso de imagens                                                                                               | 29 |



## CAPÍTULO 5 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

|                                                                                                                    |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 5.1. Aspectos histórico-geográficos no entorno da área da transposição:                                            | 29  |
| 5.1.1. A valorização da região das nascentes do rio São Francisco: Região da nascente e da foz do rio Piumhi.      | 29  |
| 5.1.2. A construção do lago de Furnas: Motivo da construção do dique de Capitólio e da transposição do rio Piumhi. | 37  |
| 5.2 - A história retratada nas margens do rio Piumhi                                                               | 41  |
| 5.2.1 - Capitólio: O retorno do rio Piumhi pela construção do Dique                                                | 42  |
| 5.2.2 - Piumhi: A construção dos canais da transposição                                                            | 65  |
| 5.2.3 Piumhi: Alterações no pântano, foz do rio Piumhi.                                                            | 77  |
| CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS                                                                                  | 89  |
| REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA                                                                                           | 94  |
| GLOSSÁRIO                                                                                                          | 98  |
| ANEXOS - 1 - Quadros do perfil das pessoas entrevistadas                                                           | 99  |
| 2 - Regulamentação das Terras da Transposição do Rio Piumhi.                                                       | 102 |

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                                                                                                               |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| FIGURA 1: Rio Piumhi antes da transposição.                                                                                                                                                   | 02 |
| FIGURA 2: Rio Piumhi após a transposição.                                                                                                                                                     | 03 |
| FIGURA 3: Chamada para um evento, divulgação das nascentes do rio São Francisco/Samburá feita pela prefeitura de Medeiros.                                                                    | 11 |
| FIGURA 4: Monumento que marca a nascente do rio São Francisco em São Roque de Minas                                                                                                           | 13 |
| FIGURA 5: Rio Grande, em Passos, MG, local escolhido para a construção da Usina de Furnas.                                                                                                    | 14 |
| FIGURA 6: Juscelino Kubitschek nas obras da construção de furnas.                                                                                                                             | 14 |
| FIGURA 7: 1962, As comportas dos túneis de desvio do rio Grande eram fechadas, e concluíam-se as construções da casa de força e da barragem de Furnas.                                        | 15 |
| FIGURA 8: Dique sobre o rio Piumhi no município de Capitólio-MG.                                                                                                                              | 17 |
| FIGURA 9: Região da transposição do rio Piumhi para o rio São Francisco.                                                                                                                      | 22 |
| FIGURA 10: Foto de uma maquete da igreja matriz de São Roque de Minas, elaborada por alunos da sexta série do ensino fundamental da única escola estadual do município de São Roque de Minas. | 30 |
| FIGURA 11: Fotos da Serra Canastra. 24/11/2007.                                                                                                                                               | 32 |
| FIGURA 12: Foto de placa na entrada de Vargem Bonita, 24/11/2007. A valorização do município enquanto parte dos municípios que fazem parte das nascentes do rio São Francisco.                | 33 |
| FIGURA 13: Foto da entrada do município de Vargem Bonita, 24/11/2007. Orgulho em ser a primeira cidade banhada pelo rio São Francisco.                                                        | 34 |
| FIGURA 14: Entrada principal do Parque Nacional da Serra da Canastra. Monitorada com regras e com horário de funcionamento de 8:00 as 16:00 horas. Ao fundo a serra da Canastra.              | 34 |
| FIGURA 15: Na foto a entrega domiciliar do leite a cavalo. Modo de vida preservado de Vargem Bonita.                                                                                          | 35 |

|                                                                                                                                                     |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| FIGURA 16: Momento da subida das águas de Furnas em Santo Hilário.                                                                                  | 39 |
| Fonte: Arquivo pessoal de um morador.                                                                                                               |    |
| FIGURA 17: Seqüência, subida das águas de Furnas em Santo Hilário.                                                                                  | 39 |
| Fonte: Arquivo pessoal de um morador.                                                                                                               |    |
| FIGURA 18: Antigo Santo Hilário. Antes da inundação das águas de Furnas.                                                                            | 40 |
| Fonte: Arquivo pessoal de um morador.                                                                                                               |    |
| FIGURA 19: Foto atual da igreja de Santo Hilário após a tentativa de reconstrução.                                                                  | 40 |
| FIGURA 20: Santo Hilário atualmente. Um arraial pertencente ao município de Pimenta/MG, reconstruído após a tomada pelas águas de Furnas.           | 41 |
| FIGURA 21: Foto do lago de Furnas visto de cima do Dique de Capitólio.                                                                              | 44 |
| FIGURA 22: Foto do dique. Acima o lago de Furnas, abaixo a região do rio Piumhi.                                                                    | 48 |
| FIGURA 23: Foto do rio Piumhi no município de Capitólio, visto de cima do dique.                                                                    | 49 |
| FIGURA 24: Praia artificial formada pelo rio Piumhi no município de Capitólio.                                                                      | 49 |
| FIGURA 25: Foto do rio Piumhi, ao fundo as suas margens o município de Capitólio.                                                                   | 50 |
| FIGURA 26: Foto do rio Piumhi já no canal de transposição, no município de Piumhi, visto da rodovia que separa os municípios de Piumhi e Capitólio. | 54 |
| FIGURA 27: Foto da inundação que fez com que o carnaval de 2008 fosse transferido das margens do rio Piumhi para o centro de Capitólio.             | 55 |
| FIGURA 28: Foto dos camarotes. A inundação ocorre de forma rápida.                                                                                  | 56 |
| FIGURA 29: Fotos da inundação de casas as margens do rio Piumhi.                                                                                    | 56 |
| FIGURA 30: Foto do carnaval da década de 1920.                                                                                                      | 60 |

|                                                                                                                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| FIGURA 31: Foto do carnaval de 2007.                                                                                                                                    | 60 |
| FIGURA 32: Cartaz de publicidade do carnaval de 2008 em Capitólio. A cidade é hoje destaque em Minas Gerais recebendo grande número de turistas.                        | 61 |
| FIGURA 33: Foto de uma casa coloca a venda em Escarpas do Lago, bairro de Capitólio.                                                                                    | 63 |
| FIGURA 34: Fase das obras nos canais rio Piumhi.                                                                                                                        | 67 |
| FIGURA 35: Momento exato em que o canal é aberto e as águas do rio Piumhi passam a fluir pelo seu novo leito.                                                           | 68 |
| FIGURA 36: Foto do rio Piumhi em seu novo curso logo após a abertura do canal.                                                                                          | 68 |
| FIGURA 37: Foto do rio Piumhi na atualidade em seu curso já alterado. Ao lado do rio, montes de terra que foram retirados para formar o canal.                          | 69 |
| FIGURA 38: Foto da área próxima ao rio Piumhi na entrada da zona rural do município de Piumhi saindo de Capitólio.                                                      | 72 |
| FIGURA 39: Foto da área próxima ao rio Piumhi na entrada da zona rural do município de Piumhi saindo de Capitólio.                                                      | 73 |
| FIGURA 40: Foto da área do rio Piumhi na divisa dos municípios de Capitólio e Piumhi, vista da propriedade do Sr. Otavio Alves Ferreira e da Sra. Maria Alves Ferreira. | 74 |
| FIGURA 41: Foto da área do rio Piumhi na atualidade.                                                                                                                    | 74 |
| FIGURA 42: Foto da Sr. <sup>a</sup> Maria Ferreira da Silva de 80 anos em sua modesta casa próxima ao rio Piumhi na zona rural do município de Piumhi.                  | 75 |
| FIGURA 43: Foto da capela no distrito de Penedo na zona rural de Piumhi.                                                                                                | 76 |
| FIGURA 44: Foto do pântano, na década de 1960, pouco antes da transposição.                                                                                             | 80 |
| FIGURA 45: Foto atual do pântano. Criação de gado por grandes fazendeiros.                                                                                              | 81 |

|                                                                                                                                                                              |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| FIGURA 46: Foto que mostra a fartura na região do rio São Francisco, próximo ao rio Pimhui, na década de 1970 .....                                                          | 83 |
| FIGURA 47: Exuberância de peixes na região do rio São Francisco, próximo ao rio Piumhi, da década de 70. ....                                                                | 84 |
| FIGURA 48: A caça e a pesca eram comuns na região do rio São Francisco próximo à região do rio Piumhi, na década de 70. ....                                                 | 84 |
| FIGURA 49: Encontro das águas do rio Piumhi vindas de Vargem Bonita e do refluxo das águas do rio Piumhi vindas de Capitólio com o córrego Água Limpa. ....                  | 85 |
| FIGURA 50: Canal de transposição do rio Piumhi sobre parte do antigo leito do ribeirão Água Limpa. Em detalhe, barranco sem cobertura vegetal. ....                          | 85 |
| FIGURA 51: Encontro do córrego Água Limpa com o rio Piumhi. ....                                                                                                             | 84 |
| FIGURA 52: Córrego Água Limpa. Visivelmente um aumento grande na quantidade de água. ....                                                                                    | 84 |
| FIGURA 53: Foto da ponte com cabeceira destruída sobre o córrego Água Limpa. ....                                                                                            | 87 |
| FIGURA 54: Encontro das águas do rio Piumhi com o rio São Francisco. ....                                                                                                    | 88 |
| FIGURA 55: Foz do rio São Francisco. Mesmo a transposição tendo ocorrido muito próximo a nascente do rio São Francisco, o rio não pode ser entendido apenas por partes. .... | 88 |

## RESUMO

O rio Piumhi fazia parte da bacia do rio Grande. Com a construção de Furnas foi construído um dique no município de Capitólio para que as águas de Furnas não inundassem a cidade. Com a construção do dique foi construído um canal e as águas do rio Piumhi foram transpostas por esse canal até o rio São Francisco. Esse fato alterou o modo de vida da comunidade local e não foi registrado adequadamente. O objetivo desse trabalho é realizar um resgate histórico da transposição do rio Piumhi através de jornais, de pequenos registros encontrados em alguns livros e documentos; entrevistas abertas, contando também com a técnica história de vida, valorizando os personagens da comunidade local que vivenciaram os fatos e guardam em sua memória a lembrança dos acontecimentos, viram como era a região de antes da transposição e atualmente. Também foram dispostas imagens que demonstram as transformações na paisagem. Na nascente histórica do rio São Francisco em São Roque de Minas não se encontram pessoas que soubessem da transposição do rio Piumhi, mas existe uma valorização muito grande do turismo e seus benefícios na região. Essa visão se estende aos municípios vizinhos, como Medeiros e Vargem Bonita, devido a essa valorização os cuidados com a água e as riquezas naturais são mais nítidos. Os entrevistados da região da transposição do rio Piumhi tem percepções diferenciadas dependendo da região geográfica onde moram. Assim as entrevistas ficaram divididas da seguinte forma: A primeira região é a do município de Capitólio, ao lado do dique que separa o rio Piumhi e o lago de Furnas, onde a população sentiu com maior impacto a inundação do lago de Furnas. A segunda região é a que fica entre Capitólio e o começo da zona rural de Piumhi, onde estão os canais da transposição e a população registra como impactos a alteração do leito do rio e das várzeas. A terceira área é onde existia um pântano que chegaria até a zona urbana de Piumhi, mas que hoje são grandes fazendas, praticamente de um único dono. Nessa região impera o sentimento pelo conflito fundiário ocorrido na época da transposição e ainda tão presente nos dias de hoje. O registro histórico do fato demonstra conflitos sociais, impactos econômicos e ambientais gerados pela mudança na paisagem, registrando como as pessoas sentiram e lidaram com os fatos ao longo de suas vidas. Fica registrado esse exemplo para que casos de transposição de rios e construções de usinas hidrelétricas possam se basear nesse acontecimento para minimizar seus problemas e efetivar soluções. As falas aqui dispostas pela história de vida das pessoas descrevem como foi do seu nascimento a velhice ver e conviver com as mudanças na paisagem. É uma grande oportunidade olhar para a história das pessoas em busca de melhorar a vida das gerações futuras.

Palavras chaves: Transposição, Rio São Francisco, Rio Piumhi, História de Vida, Levantamento Histórico.

## ABSTRACT

The Piumhi river was part of the basin of the Grande river. With the construction of Furnas, a dam was built in the city of Capitólio so the waters of Furnas do not flood the city. With the construction of the dam was built a canal and the waters of the Piumhi river were carried by the channel up to the São Francisco river. This changed the way of life of the local community and was not properly registered. The aim of this work is to achieve a historic rescue of the transposition of the Piumhi river through newspapers, from small logs found in some books and documents, open interviews, including also the technical history of life, highlighting the characters of the local community who experienced the events and have kept in their minds in the memory of the events, as was seen in the region and currently before the transposition. Imagens were also arranged has showing changes in the landscape. The transposition of the Piumhi river has different perceptions depending on the geographic region of the residents along the river, where information were collected. In the historical source of the São Francisco river in São Roque de Minas, people who knew the transposition of the Piumhi river, were not found, but there is a great value and benefits of tourism in the region. This vision extends to the neighboring municipalities, as Medeiros and Vargem Bonita due to the recovery care with water and natural resources are more. The he interviews were divided as follows: The first region is the city of Capitólio, next to the dike that separates the Piumhi river and the lake of Furnas, where the population felt greater impact to flooding of Lake Furnas, the most valued lands of the municipality. The second is the region that lies between the Capitólio and the beginning of Piumhi rural zone, where are the channels of implementation impacts and population registers as a change of the river bed and floodplains. The third area where there is a swamp to reach the urban area of Piumhi but which today are large farms, belonging pratically to a single owner. In this region the prevailing sentiment by land conflict occurred during the implementation is still present today. The historical record shows the social conflicts, economic and environmental impacts generated by the change in the landscape, recording how people felt and dealt with the facts throughout their lives. It has been logged in this example that cases of transposition of rivers and construction of hydropower plants can be based on that event to minimize their problems and make effective solutions. The prepared speeches here by peoples history of live describe how it was from their birth until old age seeing and living with the changes in the landscape. It has been a great opportunity to look at peoples history in search of improving future nest generations lives.

Keywords: Transposition, Rio São Francisco, Rio Piumhi, History of Life, Historical Survey.

## INTRODUÇÃO

No final da década de 1950 e início da década de 1960, o Brasil passava por um período de expectativa de alto grau de desenvolvimento. Juscelino Kubitschek, já na sua campanha, prometeu que o Brasil teria um desenvolvimento de meio século, crescer cinquenta anos em cinco. Nessa perspectiva, constrói-se em Minas Gerais a usina hidrelétrica de Furnas. Para a construção de Furnas foi necessário construir um dique no município de Capitólio para que as águas do lago de Furnas não inundassem a cidade e não conectasse as bacias do rio Grande e São Francisco através do rio Piumhi.

Com a construção do dique de Capitólio foi necessário transpor o rio Piumhi, que fazia parte da bacia do rio Grande (figura 1), para o rio São Francisco. Para tanto, foi escavado um canal para que as águas do rio Piumhi pudessem chegar até o córrego Água Limpa que por sua vez desemboca no ribeirão Sujo, afluente natural do rio São Francisco (figura 2). Assim, o rio Piumhi passa a integrar a bacia do rio São Francisco.

Esse fato foi pouco divulgado e a história não teve o registro adequado e organizado, mais este foi relatado em música, jornais da época, fotos e principalmente ficou registrado na memória da população que viveu o fato. Desta forma, este trabalho é uma tentativa de provocar uma série de reflexões sobre as questões ambientais que envolvem a nascente do rio São Francisco e seu desenvolvimento local; é dentro do conceito de conservação dos mananciais que se deve discutir todas as ações direcionadas aos recursos hídricos. “Os fatos envolvendo os impactos ambientais estão sendo estudados por biólogos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Entretanto, os impactos históricos e sociopolíticos foram esquecidos e merecem ser resgatados e registrados.” (MOREIRA, 2006, p.79).

Portanto, o objetivo deste trabalho é realizar o resgate histórico da transposição do rio Piumhi para o rio São Francisco, não esquecendo como a população local sentiu e vivenciou tal fato. Delimita-se o contexto histórico da construção de Furnas. Faz-se uma análise observando a nascente do rio São Francisco e do rio Piumhi e o encontro desses dois rios na região dos municípios de São Roque de Minas, Vargem Bonita, Capitólio e Piumhi. Demonstra-se o questionamento da nascente do rio São Francisco em São Roque de Minas, e a nova Geografia, sendo atualmente a nascente histórica do rio São Francisco em São Roque de Minas e a nascente geográfica em Medeiros. Registra se a



história da transposição do rio Piumhi para o rio São Francisco, através do que já se tinha escrito em livros e jornais e principalmente através dos relatos orais colhidos através da história de vida de moradores dos municípios de Capitólio e Piumhi.

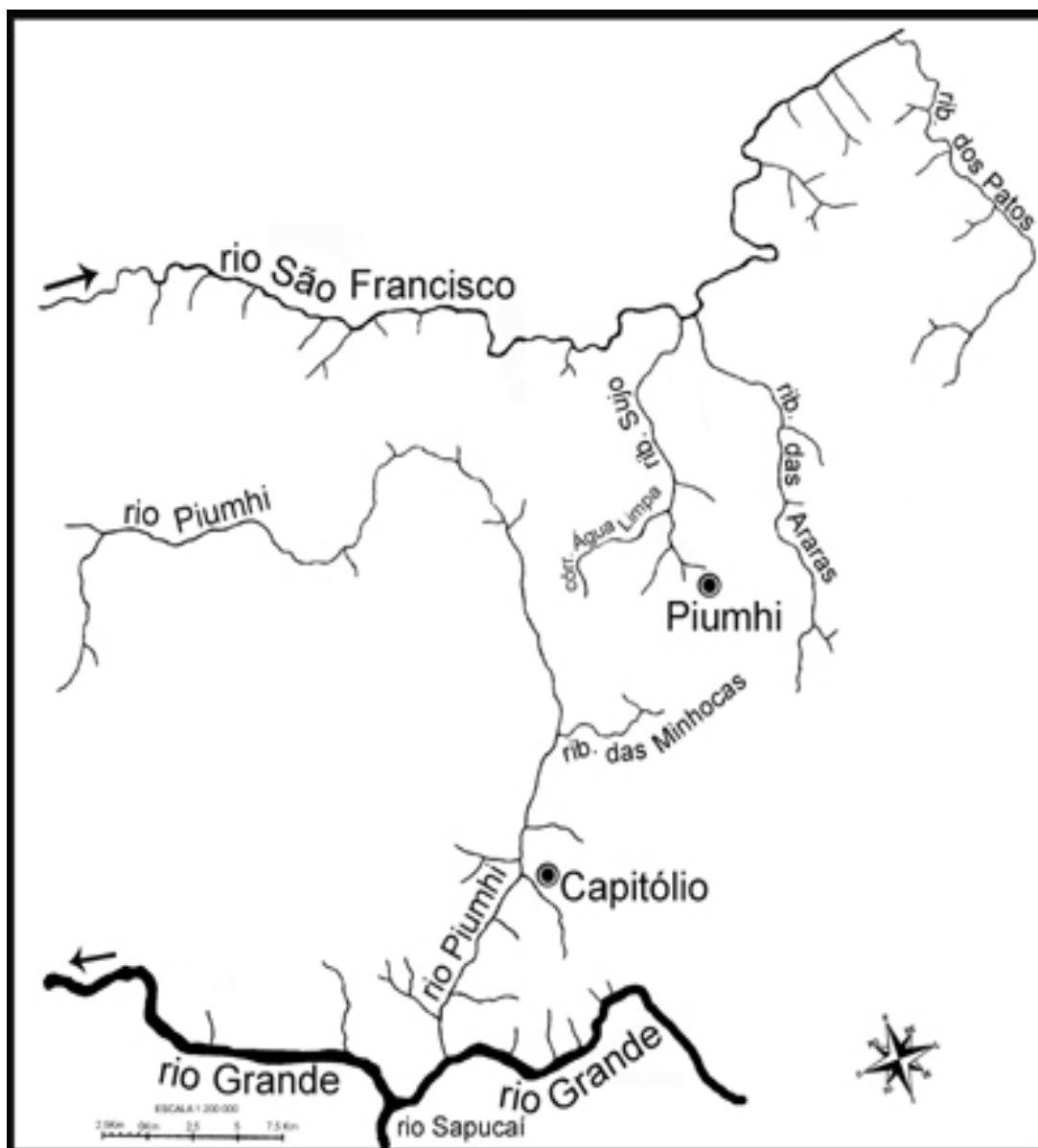


FIGURA 1 – Rio Piumhi antes da transposição (1958).

Fonte: <http://www.transpiumhi.ufscar.br/historico.htm>

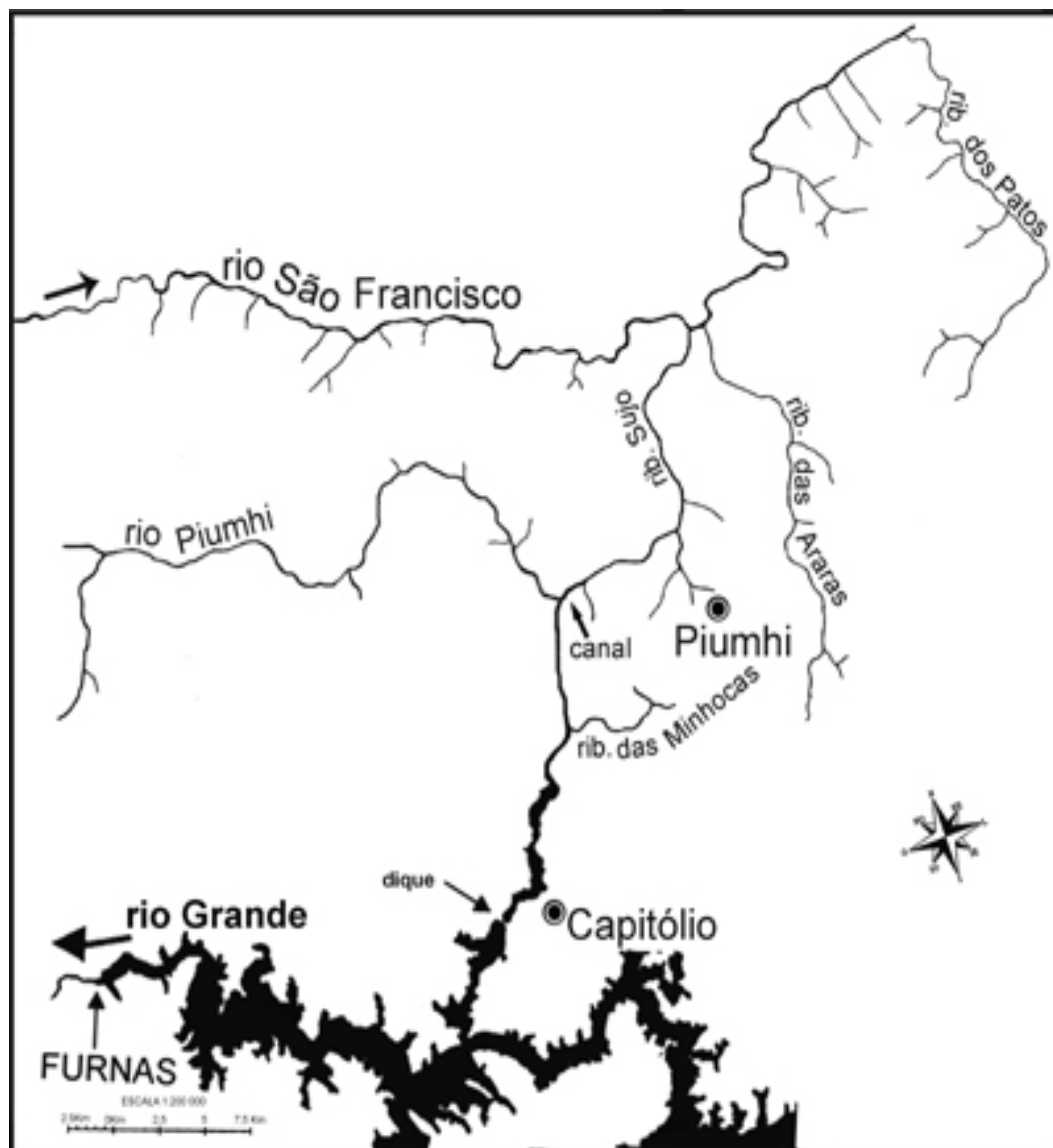


FIGURA 2 – Rio Piumhi após a transposição (1963).

Fonte: <http://www.transpiumhi.ufscar.br/historico.htm>

## **CAPÍTULO 1 – DISCUSSÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA**

### **1.1 - História de vida: Um elo à percepção ambiental**

A história de vida tenta obter dados relativos à experiência íntima do entrevistado que apresente resultados reveladores em relação ao tema estudado. Para Marconi e Lakatos (1999), “... é uma forma de poder explorar mais profundamente uma questão (...) há liberdade total por parte do entrevistado, que poderá expressar suas opiniões e sentimentos”. Procura-se captar reações espontâneas, relatos de suas vidas. O investigador procura fazer uma reconstituição global da vida da pessoa e evidenciar o fato relevante ao tema, podendo colher informações que descrevam acontecimentos, emoções e sentimentos. As ações das pessoas, de um grupo podem ser traduzidas em termos espaciais. Quando eu lembro do lugar onde fui criado e sei que ele existe, que posso ir lá, isso me traz uma sensação de estabilidade, nos acostumamos aos nossos lugares. Mudanças bruscas no lugar podem gerar uma série de problemas:

“O equilíbrio mental resulta em boa parte, e antes de mais nada, do fato de que os objetos materiais com os quais estamos em contato diário não mudam ou mudam pouco e nos oferecem uma imagem de permanência e estabilidade. (...). Até fora dos casos patológicos, quando algum acontecimento também obriga a que nos transportemos a um novo ambiente material, antes que a ele tenhamos nos adaptado, atravessamos um período de incerteza, como se houvésssemos deixado para trás toda a nossa personalidade: tanto isso é verdade, que as imagens habituais do mundo exterior são partes inseparáveis de nosso eu.” (HABWACHS, 2006, P. 157).

Segundo Bottura (1998), muitas vezes a história registrada deriva de pessoas que possuem certo poder, a história por muitas vezes exclui a versão de grande parte das pessoas, a técnica história de vida pode, por exemplo, colher dados de pessoas analfabetas, não rejeitando várias faces da história. As relações entre a população e o meio ambiente são fundamentais na análise de ecossistema, por isso devem ser consideradas nos planos de manejo dos recursos naturais. As informações trazidas pela população local são fundamentais. A técnica história de vida tem demonstrado relevância para entender as relações entre homem e natureza. Para recuperação da memória da diversidade cultural onde houver a perda de ecossistemas naturais recorre-se ao resgate da memória, utilizando-se técnicas das ciências humanas como história de vida. Através desse trabalho pode-se coletar a história local sob a ótica dos seus antigos

moradores, demonstrando assim a percepção deles em relação aos fatos. Os trabalhos de resgate da memória oral não podem ser realizados a qualquer tempo, pois dependem do ciclo de vida das pessoas. Os dados colhidos fornecem um conjunto de informações que permitem reconstruir em parte a bacia hidrográfica e seus ecossistemas, resgatam a paisagem da região no passado. Desta forma pode-se situar o leitor numa retrospectiva histórica em relação à população local com o meio ambiente, bem como nas transformações no uso de recursos naturais em relação às mudanças socioeconômicas, culturais e ambientais. A utilização da metodologia de resgate da memória ambiental pode ser ferramenta útil em regiões onde houve fortes rupturas da população com o meio ambiente. Acredita-se que este tipo de pesquisa pode fornecer subsídios para programas de educação ambientais mais compreensivos, baseados nas representações e percepções das populações, evitando-se, dessa forma, o desencontro entre os educadores e as comunidades, desencontro esse que resulta da diferença entre os códigos científicos e as representações culturais formadas na relação entre as comunidades e seu meio ambiente. Na pesquisa quando se quer ir direto ao assunto a ser investigado é utilizado a técnica do depoimento, onde são colhidos determinadas informações pessoais, cabendo ao pesquisador conduzir com sensibilidade o depoimento do sujeito, para manter dentro do tema proposto. O depoimento é curto e com maior interferência do pesquisador. Já as histórias de vida são constituídas por um conjunto de depoimentos. A história de vida é geralmente uma entrevista longa e com pouca interferência do pesquisador.

“No caso do depoimento, o pesquisador delimita o tema e conduz a entrevista dentro dos seus objetivos específicos. Para adquirir tal clareza, este deve confeccionar um roteiro de questões pertinentes ao seu projeto, que tem a função de evocar e estimular os depoimentos. Estas questões devem ser preferencialmente memorizadas pelo entrevistador, surgindo no decorrer da “conversa” de modo “espontâneo”. O entrevistado deve ter liberdade de se expressar deslocando-se pelo tempo (já que a memória é descontínua), mas deve ser regulado quanto ao espaço (já que o depoimento requer mais rigor quanto ao tema). A transcrição deve preferencialmente ser realizada pelo entrevistador, pois dessa maneira o texto pode-se aproximar muito mais fidedignamente da fala do entrevistado. O pesquisador que realizou a entrevista vivenciou este momento e assim poderá reproduzi-lo como nenhuma outra pessoa poderia fazê-lo sem essa experiência. Ao fazer a análise dos depoimentos, o pesquisador necessita despir-se de quaisquer preconceitos, realizando nessa fase um rigoroso controle metodológico: a vigilância epistemológica. Outros dados como, as constantes (mesmas informações presentes em depoimentos de entrevistas diversos ou em diferentes trechos ou entrevistas do mesmo indivíduo), a reiteração e o silêncio no discurso, devem receber atenção especial dentro do processo de análise. Outro fator também presente são as relações indiretas que a entrevista deixa emergir. Por exemplo, dentro de um caso podem ser

captadas informações como a memória da paisagem e várias informações ecológicas, entre outras”. (BOTTURA, 1998, p.23, p.24).

Segundo Whitaker (2002), numa tentativa de transcrever na íntegra as falas do homem rural as transcrições das entrevistas devem ter o cuidado de não fazer uma caricatura desse homem, pois transcrever a fala na íntegra para a palavra escrita possui suas limitações:

“Um dos problemas mais complicados na tarefa de transcrição pode ser enunciado da seguinte forma: como respeitar a fala do entrevistado? Quando o entrevistado pertence às classes privilegiadas, o problema não se coloca. Como num passe de mágica, a transcrição se transubstancia em discurso coerente, sempre reproduzido em ortografia correta, como se os falantes jamais cometessem hesitações ou deslizos fonéticos. Quando o entrevistado pertence a camadas outras, sob pretexto de respeitar-lhe a cultura, comentem-se barbaridades do ponto de vista ortográfico, confundindo ortografia com fonética. É evidente que a sintaxe de qualquer discurso deve ser respeitada para uma transcrição seja fidedigna. Assim se o falante comete erros de concordância ou de regência de verbos, por exemplo, deve se reproduzi-los em qualquer transcrição. Até porque a norma culta da língua é por vezes desrespeitada mesmo nos grupos que se consideram mais eruditos. Transcrever erros de sintaxe não configura, portanto falta de respeito em relação à fala do outro. Falta de respeito seria corrigi-los. Os problemas com os quais este texto se preocupa ocorrem no nível fonético, quando, em sua onipotência, os transcritores julgam possível reproduzir uma pronúncia original, usando erros ortográficos. Quando um sujeito fala, ele está falando, não está escrevendo. Não está, assim, cometendo erros ortográficos. Diríamos até que não está cometendo erro algum. Usa a pronúncia característica do seu grupo social, e como ela recebe aprovação dos seus pares. Como transcrever essa pronúncia? O alfabeto que utilizamos em qualquer atividade, acadêmica ou não, não é um alfabeto fonético. Não da conta, portanto, da imensa variedade de pronúncias das sociedades complexas. (...) Estamos preocupados com o homem rural porque ele tem sido vítima indefesa de transcritores bem intencionados que julgam estar respeitando seu discurso e conseguem reproduzir apenas a caricatura de sua pronúncia.” ( WHITAKER, 2002, p.115, p.116, p. 117).

Segundo Mancuso (1998), a história de vida trazida pela memória é texto ancorado na realidade social e histórica. Devem ser observadas as condições de sua produção; as características históricas e sociais no momento. Entre essas características se coloca também a origem social da pessoa. Pensada a memória como um texto que se produz no presente, que é atualizada pelos estímulos do presente, as condições de sua produção tem a ver com os quadros sociais da memória. Os pontos diferentes no tempo e no espaço são definidos socialmente e tais definições qualificam e dão conteúdo aos corpos, a tudo que entra pelos sentidos: cheiro, sons, imagens. Portanto as sensações não são meramente físicas mais são carregadas de significados sociais e na medida em

que pontos diferentes são ocupados no tempo e no espaço. Nas entrevistas realizadas se reconhece pela memória um espaço.

Segundo BEIRO (2007), através dos relatos orais podemos descrever a paisagem. Refletir a respeito da idéia de paisagem não somente como cenários sensíveis, visuais, táteis, olfativos, sonoros. Ou seja, o que vemos não é somente o que nos toca. “Antes de ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças, quanto de extratos de rochas.” (SCHAMA, 1996 *apud* BEIRO, 1997, p.01). O que é percebido pelos sujeitos não se dá de forma aleatória: “Na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças”(…)“ Um outro dado entra no jogo perceptivo: a lembrança que impregna as representações” (BOSI, 1987, *apud* BEIRO, 1997, p.5). Ao que chamamos percepção, desse modo, está intrinsecamente ligada à vivência de cada indivíduo. Poderíamos pensar as paisagens como as porções de mundo significativas relacionadas a espaços onde sujeitos construíram suas experiências, produziram espaço e fizeram história, construindo representações. Paisagem a partir do que se estabeleceu em algum momento da vida. “A realidade objetiva inclui a percepção ambiental como fruto da experiência vivida e sentida, uma vez que o corpo humano não termina em seus limites físicos, estendendo-se nas coisas e nas pessoas com as quais se relaciona cotidianamente” (SARTORI, 2000, *apud* BEIRO, 2007, p. 06).

No conceito de paisagem entram elementos físicos, biológicos e antrópicos reagindo uns sobre os outros em combinações dinâmicas. As alterações nos ecossistemas são presentes ao longo da história do homem e se agravam na atual economia capitalista:

“O meio ambiente natural foi drasticamente modificado desde que o ser humano passou a habitar esse planeta. No princípio, quando o *Homo sapiens* habitava a Terra sua interferência nos ecossistemas era mínima. Essas alterações tornam-se cada vez mais acentuadas em decorrência das conquistas tecnológicas. Nas várias partes do mundo, podem ser encontrados modos muito diferentes de manejar os recursos da natureza. As populações utilizam seu meio circundante de acordo com a cultura da sociedade em que vivem. Assim existem comunidades humanas que causam grandes impactos aos ecossistemas e outras que vivem harmoniosamente de acordo com os ritmos impostos pela natureza. Essas diferentes formas de utilização do meio ambiente advém da distinta visão de mundo que os povos possuem. (...) Por isso é importante o conhecimento das comunidades que vivem ou viviam em íntima associação com o meio ambiente natural, para que haja o reconhecimento de modos adequados de utilização dos recursos naturais. Muitas vezes essas sociedades nos mostram formas criativas e não destrutivas de utilização dos ecossistemas. Quando esta utilização racional dos elementos dos ecossistemas considera também as necessidades das gerações futuras,

convencionou chamá-la de desenvolvimento sustentado. (...) Em muitas áreas de estudo, devido à forte influência do processo de urbanização houve a perda das características originais de determinados ecossistemas. A população que habita a região há algum tempo é portanto, uma importante fonte de informação futuros estudos deste meio, e muitas vezes pode ser a única. A maioria dos ecossistemas aquáticos, sobretudo os reservatórios localizados na região sudeste do Brasil, sofreram ou sofrem grande influência do processo de adensamento populacional e da intensa industrialização, e isso acentuou o processo de eutrofização desses ecossistemas. ” (BOTTURA, 1998, p.01, p.02).

Percepção, atitude, valor e visão do mundo, estão entre palavras-chave das questões ambientais. O desenvolvimento sustentável pressupõe o uso racional dos recursos naturais. Mas, por isso, é preciso conhecer o ambiente e estabelecer condições de sustentabilidade no espaço. As pesquisas sobre percepção do meio-ambiente fazem parte dos estudos das interações do homem com esse mesmo meio. A organização do meio ambiente pelo homem é realizada através das decisões, das escolhas, das atitudes, que por sua vez, estão na dependência da compreensão que os indivíduos ou que os grupos têm do mesmo (FERREIRA, 2007).

Segundo Hochberg (1966), “Estudamos a percepção numa tentativa para explicar nossas observações de mundo que nos rodeia”. Para Ismerim (2005), o estudo da percepção ambiental é de fundamental importância para que possamos compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas. Quando a lembrança se encontra com o presente temos a percepção. Na realidade a percepção está impregnada de lembranças por isso a história de vida é uma técnica muito importante no resgate histórico e na percepção da população dos problemas ambientais.

Colaborando com a história de vida, o uso de imagens exemplifica os fatos narrados, fotografias do passado podem demonstrar como era a paisagem, os acontecimentos no passado:

“A fotografia é um instrumento privilegiado para registro e denúncia de fenômenos históricos. O “congelar” das cenas facilita a análise dos contextos. (...) As fotografias são instrumentos de reconstrução do mundo e devem ser submetidas a um tratamento crítico, para que de fato se revelem. Elas nos conduzem para o mundo de fora, para o outro mundo. Elas sempre nos contam uma história. Mas tais histórias têm de ser extraídas, já que as fotografias como dados, não falam por si só. (...) As imagens iconográficas são representações que aguardam um leitor que as decifre. Tudo o que você vê parece estar ao alcance, pelo menos dos olhos de quem vê o que, no entanto é uma ilusão. Nossa preocupação, em termos metodológicos, foi justamente a de encontrar, para além da foto, as circunstâncias, as

implicações políticas, sociais, históricas; enfim, que não são acessíveis a uma abordagem do senso comum. Daí a indispensabilidade da legenda e da boa integração entre textos e as imagens. (...) Nos trabalhos de história oral, as fotografias têm sido utilizadas como meio de reavivar a memória dos sujeitos de quem se solicita a história de vidas. São usadas também como ilustração, confirmação ou prova, mais ainda como ampliação da percepção visual. (CINTRÃO, 1999, p.19, p.20, p.21, p.23).

## 1.2 – Questionamento sobre a nascente do rio São Francisco

O rio São Francisco é considerado o rio da integração nacional, foi importante desde a descoberta do Brasil, quando facilitou a entrada dos colonizadores, para o interior do Brasil, até o desenvolvimento sócio-econômico no processo atual de globalização do capitalismo, cedendo suas águas para industrialização no sudeste do Brasil e para irrigação mecanizada de alta produção no nordeste brasileiro. A nascente do rio São Francisco foi considerada sendo no município de São Roque de Minas, no Parque Nacional da Serra da Canastra, criado em 1972. Porém há questionamentos em relação a essa nascente. Estudos realizados demonstram que o rio São Francisco é afluente natural do rio Samburá:

A observação de diversas fontes de informação gera um questionamento sobre a relação hidrológica rio principal/afluente entre os rios São Francisco e Samburá. Esse fato foi observado em imagens de satélite Landsat e em cartas topográficas. Nos arquivos digitais pode-se observar que a bacia hidrográfica do rio Samburá possui maior área geográfica do que a do rio São Francisco, a montante da confluência de ambos. Pelo critério de área da bacia hidrográfica o rio samburá conteria, assim, as nascentes verdadeiras do São Francisco. Nas imagens de satélites e cartas topográficas pode-se também verificar que o Samburá conteria, assim, as nascentes verdadeiras do São Francisco. Nas imagens de satélite e cartas disponíveis pode-se também verificar que o rio Samburá é um rio mais extenso que o rio São Francisco, a partir de suas confluências. A definição mais aceita de afluente ou tributário, é com certeza, aquela que define o tributário como um rio que deságua ou desemboca em outro, tendo uma cota de talvegue superior ao do outro, que seria, então, o rio principal. O rio principal é, então, o mais profundo dos dois. Essa é inclusive a definição do IBGE, como visto acima. Assim para caracterizar a relação hidrológica entre o São Francisco e o Samburá, foram efetuados levantamentos de campos na área de confluência dos dois. Os levantamentos constaram de determinações de cotas e de seções transversais nos dois rios, além de cálculo expedido de suas vazões. Esses levantamentos foram realizados entre 19 e 27 de agosto de 2002, durante o período da estação da seca, mais indicado para caracterização dessas relações. As cotas de talvegue dos rios na confluência, determinadas pelo levantamento foram: São Francisco: 666 m e Samburá 944 m. As vazões encontradas foram de 5,3



m<sup>3</sup>/s para o São Francisco e de 16, 6 m<sup>3</sup>/s para o Samburá. Assim observa-se que na confluência, o Samburá tem calha mais larga e maior vazão que o São Francisco e, principalmente, que o São Francisco tem cota de talvegue superior ao do Samburá, caracterizando sua condição de afluente deste último. As determinações de escritório e de campo demonstram que o rio São Francisco, em qualquer um dos critérios analisados, é afluente natural (geográfico) do rio Samburá e não o contrário. (...) Assim foi determinada a extensão do rio São Francisco para um valor determinado histórico (considerando suas nascentes tradicionais) e um valor dito geográfico, que implica em considerar suas nascentes verdadeiras nas nascentes do rio Samburá. Os valores calculados para a extensão do rio São Francisco foram: 2814 km para o trecho histórico (nascentes da Serra da Canastra); e 2863 km para o trecho geográfico (nascentes consideradas no rio Samburá). (SILVA, 2003, p. 394, p. 395, p.399).

Por tanto desde 2002 o rio São Francisco passou a ter 2.863,3 km da nascente à foz. Um aumento considerável. A nova nascente foi reconhecida por estudos técnicos da Companhia de Desenvolvimento dos vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf); teve início com a expedição chamada de Américo Vespúcio, organizada pelo engenheiro agrônomo Geraldo Gentil Ferreira. Comparando os dois rios, o Samburá tem maior bacia, maior vazão e maior calha. São as características que definem qual é o rio principal. Em 2004 a Agência Nacional das Águas (ANA), publicou resolução ratificando a portaria do extinto Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica (Dnaee). Através da resolução 399 de julho 2004, considera-se a nascente do rio São Francisco em Medeiros. Porém, por questões culturais e históricas a nascente que ainda é visitada e aceita pela população é em São Roque de Minas (figura 4).

O assunto passa a ser intensamente divulgado por meio da Internet e jornais da região:

“Após o levantamento, diversos jornais divulgaram a notícia. A Agência Nacional de Águas (ANA), responsável pela implementação da gestão dos recursos hídrico do país, considera hoje duas nascentes para o Velho Chico.” Disponível em [http://viajeaquai.abril.com.br/indices/conteudo/blog/138195\\_comentarios.shtml?7516350](http://viajeaquai.abril.com.br/indices/conteudo/blog/138195_comentarios.shtml?7516350). Acesso em: 12 janeiro 2009.

“Entre os muitos estudos, histórias e causos que freqüentam o legendário rio São Francisco, um merece atenção muito especial: a verdadeira nascente do Velho Chico não está no Parque Nacional da Serra da Canastra, onde fica a belíssima cachoeira Casca D’Anta, que maravilhou bandeirantes e portugueses e continua a ser destaque na exuberante paisagem da região. Aliás, foi justamente essa exuberância que extasiou os primeiros desbravadores e naturalistas, como Saint-Hilaire, que preferiram dar ao São Francisco um berço mais nobre. As novas verdades sobre a correta nascente do São Francisco já foram objetos de discussão em pelo menos três congressos de sensoriamento remoto e, agora, estão comprovadas por uma equipe de técnicos que usaram imagens de satélite e medição por GPS

geodésico.”

Disponível

em

[http://velhochico.net/index\\_arquivos/Page%20354III.htm](http://velhochico.net/index_arquivos/Page%20354III.htm).

Acesso em: 12 janeiro 2009.

“Desde que foi descoberta a “nova” nascente a Prefeitura de Medeiros tem se esforçado para difundir o turismo ecologicamente correto e investindo o que pode para valorizar esse que é um marco histórico da cidade de Medeiros; um verdadeiro divisor de águas!”

Disponível em <http://jornalpontodevista.blogspot.com/2007/09/por-que-que-medeiros-abriga-nascente-do.html>. Acesso em: 12 janeiro 2009.

Segundo a divulgação da página na internet oficial da prefeitura de Medeiros nos dias sete e oito de setembro aconteceu a cavalgada ecológica à nascente geográfica do rio São Francisco/Samburá no município de Medeiros-MG. Com o objetivo de divulgar turisticamente e inaugurar o marco oficial. O evento contou com a participação de cavaleiros e trilheiros do município e de toda a região. Os problemas ambientais também devem ser observados, questões como a descida ecológica da serra da Canastra ou cavalgada ecológica em Medeiros (FIGURA 3) são fatores que tem conseqüências para a vida do rio São Francisco. Na figura 4 percebe-se que a nascente em São Roque de Minas, apesar de ser muito visitada apresenta o campo cerrado preservado com algumas trilhas para os turistas chegarem perto da nascente.



FIGURA 3: Chamada para um evento, divulgação da nascente do rio São Francisco/Samburá, feita pela prefeitura de Medeiros.

Fonte: <http://www.pmmedeiros.com.br>. Acesso em: 03 dez. 2007.

No intuito de divulgar a nascente do rio Samburá como a nascente geográfica do rio São Francisco, a prefeitura do município de Medeiros organizou essa cavalgada até suas nascentes. O jornal da região anuncia que a mesma prefeitura tem o intuito de explorar o turismo ecológico na região, porem nota-se na figura 3 que as nascentes do rio Samburá não apresentam área de preservação permanente e sim está totalmente ocupada com pastagem.



FIGURA 4: Monumento que marca a nascente do rio São Francisco em São Roque de Minas.

Fonte: [http://www.adrenalinapura.com.br/offroad/Tribo\\_Canastra/DSC00036.JPG3](http://www.adrenalinapura.com.br/offroad/Tribo_Canastra/DSC00036.JPG3)

Segundo dados do censo de 2001 do IBGE, Medeiros hoje conta com uma população de três mil, duzentos e trinta e oito habitantes, numa área territorial de três mil duzentos e trinta e oito quilômetros quadrados, com um PIB de 2005 de R\$32.785.000,00, sendo R\$21.732.000,00 na agropecuária, R\$979.000,00 na indústria e nos R\$10.074.000,00 no setor de serviços, demonstrando que a economia do município é essencialmente rural.

Umas das formas comuns de turismo na região é a descida ecológica da serra da Canastra, passando pelo curso dos rios, atividade, bem divulgadas pelos municípios. A disputa dos municípios é evidente na busca por atrair o turismo e seus benefícios.

### 1.3 - A construção da barragem de Furnas

Sentindo a necessidade de melhor integrar o Brasil na economia capitalista industrial Juscelino Kubitschek, cria o plano de metas, chamado de política desenvolvimentista. Seus objetivos eram estruturar o Brasil na industrialização; valorizando o transporte, a indústria de base, a construção de Brasília, e a busca por energia. Os recursos para tais empreendimentos foram trazidos na sua maior parte do exterior, o que nos alinhou com os norte americanos, e que fez crescer escandalosamente nossa dívida externa e a inflação. Novos investimentos públicos foram feitos para ocupar a mão de obra flutuante, construção de estradas, barragens, novas siderúrgicas, o capital estrangeiro obsoleto é atraído sob a forma da indústria automobilística. Forma-se uma elite dirigente convencida da necessidade do capital estrangeiro. Define-se a industrialização e a urbanização como pontos fundamentais para a inserção da economia brasileira no grupo dos países considerados ali detentores do desenvolvimento. Jânio Quadros assume após Juscelino com idéias de populismo (BUENO, 2002).

No contexto da infra-estrutura brasileira para a industrialização em 28.02.1957, criava-se a Central Elétrica de Furnas S.A., com a missão de construir uma usina que evitaria o colapso energético da região centro-sul do Brasil: a hidrelétrica de Furnas. Pode-se observar nas figuras cinco, seis e sete, as imagens numa cronologia de datas e as ações nas obras de construção de Furnas. Uma vista do rio Grande antes da obra de Furnas (FIGURA 5), a visita de Juscelino Kubitschek nas obras iniciais (FIGURA 6) e a fase de conclusão da usina hidrelétrica de Furnas (FIGURA 7).



FIGURA 5: Rio Grande, em Passos/MG, local que faz parte da usina de Furnas.

Fonte: <http://www.furnas.com.br/historia/1957.htm>. Acesso em: 10 dez. 2007.

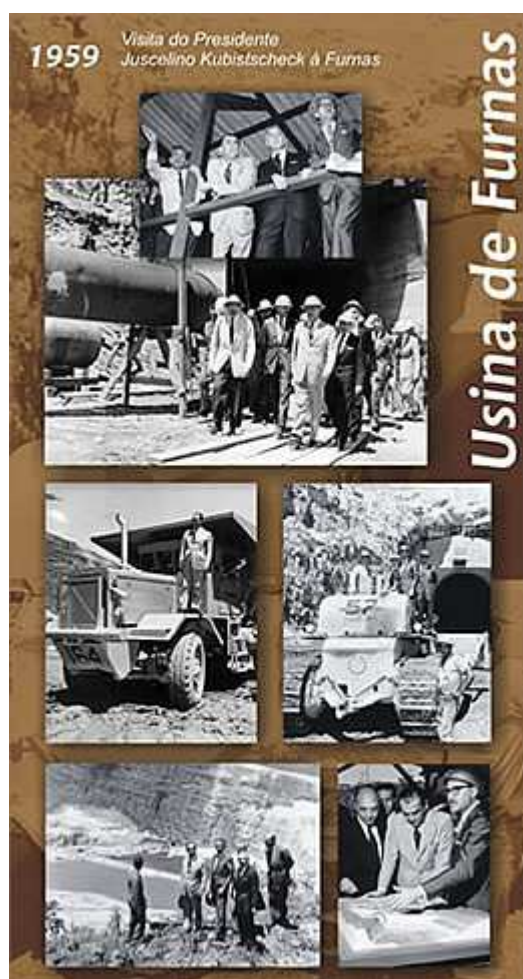


FIGURA 6: Juscelino Kubitschek nas obras da construção de furnas

Fonte: <http://www.furnas.com.br/historia/1959.htm>. Acesso em: 10 dez. 2007.

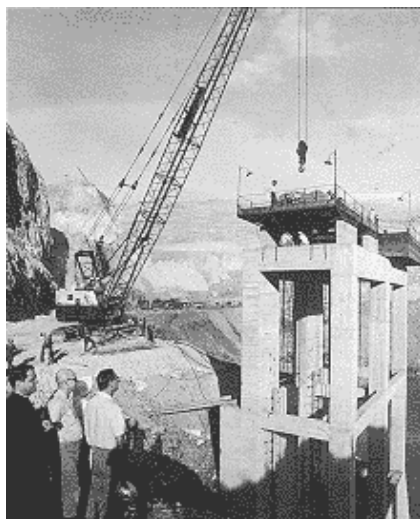


FIGURA 7: 1962, As comportas dos túneis de desvio do rio Grande eram fechadas, e concluíam-se as construções da casa de força e da barragem de Furnas.

Fonte: <http://www.furnas.com.br/historia/1962.htm>. Acesso em: 10 dez. 2007.

#### 1.4 – A transposição do rio Piumhi

A transposição do rio Piumhi aconteceu entre o final da década de 1950 e início da década de 1960, quando estava sendo construída a usina hidrelétrica de Furnas, que se situa no centro-oeste de Minas Gerais. Um dos problemas encontrados é que com o alagamento da represa as bacias do rio Grande e do rio São Francisco seriam conectadas pelo rio Piumhi. Sendo assim, o rio Piumhi que era afluente do rio Grande foi desviado de seu curso e passou a ser afluente do rio São Francisco. Foi construído um dique na cidade de Capitólio (vizinha à cidade de Piumhi e Vargem Bonita), que separaria as águas represadas de Furnas do encontro com as águas do rio Piumhi. O rio Piumhi próximo à cidade de Capitólio, formava um pântano e segundo (Moreira, 2006): existia um pantanal por onde corria o leito do rio Piumhi. Foi feito um sistema de drenagem e o rio passou a correr por um canal artificialmente construído. Desviando as águas do pantanal e de seus afluentes para o córrego Água Limpa, que deságua na margem esquerda do Ribeirão Sujo, um dos afluentes da margem direita do rio São Francisco:

“A cabeceira do rio Piumhi está localizada na divisa entre municípios de Vargem Bonita e Piumhi, ao centro oeste do estado de Minas Gerais. Sua cabeceira é formada pela junção dos córregos Destêrro, Jorça e Confusão aproximadamente há 930 metros de altitude.

No final dos anos 50, as águas do rio Piumhi fluíam num pequeno trecho para o Nordeste, deslocando-se para o Leste, em seguida para o Sudeste e finalmente para o Sul, que passava a ser sua direção geral até a foz. Em parte de seu percurso atravessava uma região de planície alagada com mais de 38 Km de extensão, denominada antigamente como o pantanal do rio Piumhi. À margem esquerda desse rio está localizada a cidade de Capitólio, onde as águas do Piumhi continuavam rumando ao Sul, por volta de 760m de altitude, onde situava-se sua foz, na margem direita do rio Grande. Portanto, até 1963 o rio Piumhi pertencia a bacia do rio Grande. Segundo as folhas cartográficas de Vargem Bonita, rio Piumhi, Piumhi e Capitólio (escala 1.50.000), os principais afluentes do rio Piumhi, à margem direita, são córregos da Jorça, da Confusão e da Estiva, ribeirão dos Pavões, córregos dos Bois, da Onça, do Servo, Campão Grande, do Fumo, Mutuca, Penedo, ribeirão da Cachoeira e córregos Água Limpa, dos Soares e Araujo. Os afluentes da margem esquerda são córregos do Destêrro, das Almas, ribeirão dos Almeidas, córrego Capão da Olaria, ribeirão das Minhocas e os córregos Pari Velho e Engenho da Serra. Ressalta-se que até o início dos anos 60 os córregos Capão da Olaria, dos Bois, da Onça, do Servo, Campão Grande, do Fumo e Mutuca não desaguavam diretamente nas margens do rio Piumhi, mas sim no grande pantanal por onde percorria o rio Piumhi. (...) Aproveitando a topografia da região do pantanal - por onde corria o leito do rio Piumhi, suas lagoas marginais e seus 22 afluentes - foi efetuado um sistema de drenagem, com a construção de aproximadamente 18 Km de canais, alterando o curso do rio Piumhi, desviando as suas águas, e as do pântano para o córrego Água Limpa, que deságua na margem esquerda do ribeirão Sujo, um dos afluentes da margem direita do rio São Francisco. Para efetuar o desvio, foi necessário alterar o leito do córrego Água Limpa, que foi totalmente dragado e alargado para receber todo o volume de águas vindas do rio Piumhi, de seus afluentes e da drenagem do pântano. O mesmo procedimento teve de ser feito em parte do leito do ribeirão Sujo. Na parte inferior da bacia do rio Piumhi, na região do dique formaram-se sucessões de grandes lagos interligados, cujas as águas também foram desviadas para um dos canais do rio Piumhi (canal de refluxo), que junta-se ao canal construído sobre o Água Limpa.” (MOREIRA, 2006). Disponível em <http://www.transpiumhi.ufscar.br/historico.htm>. Acesso em: 12 janeiro de 2009.

## 1.5 – A construção do dique de Capitólio

Segundo Rainer (2002) com a construção de Furnas cidades seriam inundadas como é o caso de Guapé que foi reconstruída ao lado da cidade velha. O mesmo teria acontecido com a cidade de Capitólio, se a barragem inicial tivesse sido construída como era o projeto inicial de Furnas. O projeto Dique 1, deveria ser construído num espigão no município de Piumhi. Esse dique seria relativamente baixo e sua construção seria bem vantajosa para Furnas, pois o investimento seria o mínimo e o reservatório bem maior. A cidade de Capitólio ficaria, portanto praticamente submersa uma vez que a água atingiria o piso da igreja matriz. Diante da iminente inundação o protesto popular

foi tão grande, contando com o apoio do Vigário Alberico Santos, que Furnas recuou e elaborou um segundo projeto (Projeto Dique 2).

No segundo projeto, o dique seria colocado entre a fazenda Matinha de Sinval Alves de Melo, e a fazenda de Francisco Delfino, no local onde se vê o trecho mais estreito do lago de Furnas, quando se vai do atual dique em direção à ilha do Funil. Sondagens geotécnicas chegaram a ser realizadas para dar início à construção, mais faltava, naquela região pedregosa terra para a construção do dique. O transporte teria de ser feito a uma distância de dois quilômetros. Realizou-se então um terceiro estudo, o projeto dique 3, que finalmente culminou na construção do dique atual, na fazenda do Sr. Antônio Jonas. Duas vezes mais extenso que o projeto anterior, havia no local terra adequada e disponível. Em dezembro de 1960 o bispo diocesano celebrou uma missa campal no lugar onde seria construído o dique. O dique tem 650 metros de extensão, construído pela construtora Mendes Junior, sendo o engenheiro Dr. João Câncio Fernandes Filho seu supervisor técnico. Na figura 05 está o dique de Capitólio, a represa de Furnas, bacia hidrográfica do rio Grande, e o braço do rio Piumhi que agora faz parte da bacia hidrográfica do rio São Francisco.



FIGURA 8 – Dique sobre o rio Piumhi no município de Capitólio-MG.

Fonte: <http://www.transpiumhi.ufscar.br/historico800.htm>. Acesso em 23 abril 2008.



## 1.6 – Impactos Ambientais

Por meio da Resolução CONAMA nº 001/86 definiu-se o conceito de impacto ambiental, os critérios para a elaboração do Estudo de Impacto Ambiental e do Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA), assim como exemplos de casos em que estes documentos são requisitos para a obtenção da Licença Prévia (LP). Sobre a definição de impacto ambiental, o artigo 1 desta Resolução, diz que:

“Artigo 1º - Para efeito desta Resolução, considera-se impacto ambiental qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam:  
I - a saúde, a segurança e o bem-estar da população;  
II - as atividades sociais e econômicas;  
III - a biota;  
IV - as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente;  
V - a qualidade dos recursos ambientais.”  
(CONAMA, 1986)

Desde já fica evidente o caráter geral desta definição, estendendo este conceito para as transformações manifestadas sobre a população, a fauna, a flora, as características geológicas e hídricas da região de influência de um empreendimento. Neste sentido, é possível interpretar esta definição e apresentar o conceito de impacto ambiental como a diferença entre a realidade anterior à implementação de determinado empreendimento com a realidade posterior à ele, considerando-se as condições ambientais existente nos dois momentos, na esfera física, biológica, social, econômica e cultural da região onde ele é inserido. É importante ressaltar que existem impactos positivos e negativos, de diferentes magnitudes e formas de manifestação e que, devido à complexidade que os caracteriza. (COPEL, 2001).

Segundo MORAL (2006), nas últimas décadas a idéia de gestão participativa ou de consulta pública têm se tornado mais comum (impulsionadas pelas questões ambientais, orçamentos e audiências públicas). Destacam-se fóruns nacionais de reforma urbana, fóruns de Ong's nas discussões das agendas 21 locais. São uma motivação a pensar nas possibilidades de discussões públicas e estabelecimento de políticas originadas

da discussão mais ampla entre órgãos de decisão e a sociedade também na área de energia. (MORAL, 2006).

Segundo TEIXEIRA (2006), os estudos de impacto ambiental de empreendimentos hidrelétricos têm sido elaborados com inúmeras deficiências e fragilidades sob o ponto de vista legal e metodológico. Como resultado os órgãos licenciadores enfrentam dificuldades na sua análise. As populações afetadas recebem informações pouco transparentes nas audiências públicas, os empreendedores enfrentam sérios conflitos, os governos amargam atraso na política energética, os órgãos ambientais são criticados por ongs e o ambiente nem sempre recebe a proteção que a lei determina.

Na época da transposição do rio Piumhi para o rio São Francisco, década de 50 a 60, não existia os estudos de impacto ambiental (social) e as questões ambientais eram desprezadas. No Brasil somente a partir da década de 80, mais especificamente em 1986, que foi institucionalizado o estudo de impacto ambiental com a resolução CONAMA 1 de 1986. Muitos foram os impactos decorrentes da implantação da usina hidrelétrica de Furnas que merecem ser estudados:

Assim, a transposição do rio Piumhi, da bacia do rio Grande para a bacia do rio São Francisco, acarretou diversas alterações ambientais, tais como (a) a formação de um conjunto de lagos no antigo leito do rio Piumhi, na região do município de Capitólio, (b) a construção de canais, por onde corre atualmente o rio Piumhi, (c) a drenagem do pântano e, finalmente, (d) a alteração dos leitos dos córregos e ribeirões. No álveo abandonado do rio Piumhi, a mata ciliar foi derrubada e substituída por pastagem. Hoje, o rio Piumhi corre por canais totalmente desprovidos de mata ciliar. Evidentemente, tudo isso modificou a paisagem da região, associado à ausência de estudos e à negligência dos órgãos governamentais responsáveis pela degradação ambiental ali observada.

Inevitavelmente, a transposição de águas colocou em contato peixes de distintas bacias hidrográficas, que estavam separados há milhões de anos. Assim, toda a ictiofauna do rio Piumhi (bacia do rio Grande), que representava uma parcela da ictiofauna do sistema hídrico-alto Paraná, foi transposta para a bacia do rio São Francisco. Dentre todos os impactos ambientais ocasionados pela transposição do rio Piumhi para a bacia do rio São Francisco, a mistura das duas ictiofaunas, sem dúvida alguma, é o que mais chama a atenção dos ictiologistas.

Em novembro de 2004 na campanha de coleta de peixes efetuada em parceria entre o laboratório de citogenética de peixes da UFSCar e o Museu Nacional da UFRJ no canal do rio Piumhi, foi efetuada a primeira amostragem de peixes, entre os exemplares capturados de algumas espécies, o que chama a atenção foi a presença de *Leporinus octofasciatus*, espécie conhecida popularmente como "Ferreirinha", sendo da bacia do rio Paraná, presente na bacia do São Francisco. (MOREIRA, 2006).

Disponível em: <http://www.transpiumhi.ufscar.br/historico.htm>. Acesso em: 12 janeiro 2008.

Alem desses impactos ambientais citados por Moreira (2006) muitos outros impactos, principalmente os sociais foram negligenciados; como os problemas de distribuição de terras do pantanal, a saída de várias famílias da área de inundação da represa. Esses fatos ainda marcam a região e afetaram a população local da época.

## **CAPÍTULO 2. OBJETIVOS DA PESQUISA**

### **2.1 - OBJETIVO GERAL**

- Resgatar a história da transposição do rio Piumhi para o rio São Francisco, registrando como a população dos municípios de Capitólio e Piumhi, perceberam as modificações da transposição do rio Piumhi e como isso implica em mudança de vida para as populações locais.

### **2.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Levantar dados, em diferentes fontes bibliográficas, que esclareçam os fatos históricos e a importância do rio São Francisco e da transposição do rio Piumhi para seu curso na região dos municípios de São Roque de Minas, Vargem Bonita, Capitólio e Piumhi.
- Resgatar a história da transposição do rio Piumhi nos municípios de Capitólio e Piumhi, através da história de vida da população.
- Registrar a percepção ambiental dos moradores da região da transposição do rio Piumhi nos municípios de Capitólio e Piumhi, através da história de vida da população.

### **CAPÍTULO 3 - UNIVERSO EMPIRICO - CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DA TRANSPOSIÇÃO DO RIO PIUMHI PARA O RIO SÃO FRANCISCO**

A área de estudo abrange a região próxima aos municípios de São Roque de Minas, Vargem Bonita, Capitólio e Piumhi. No município de São Roque de Minas historicamente nasce o rio São Francisco. Na divisa dos municípios de Piumhi e Vargem Bonita nasce o rio Piumhi. Em Capitólio o rio Piumhi é barrado pelo dique do lago de Furnas e retorna por um canal junto com águas dos córregos de Capitólio. Em Piumhi as águas do rio São Francisco se encontram com o rio Piumhi. Portanto a área mais afetada pela transposição do rio Pimhui ocorre nos municípios de Piumhi e Capitólio.

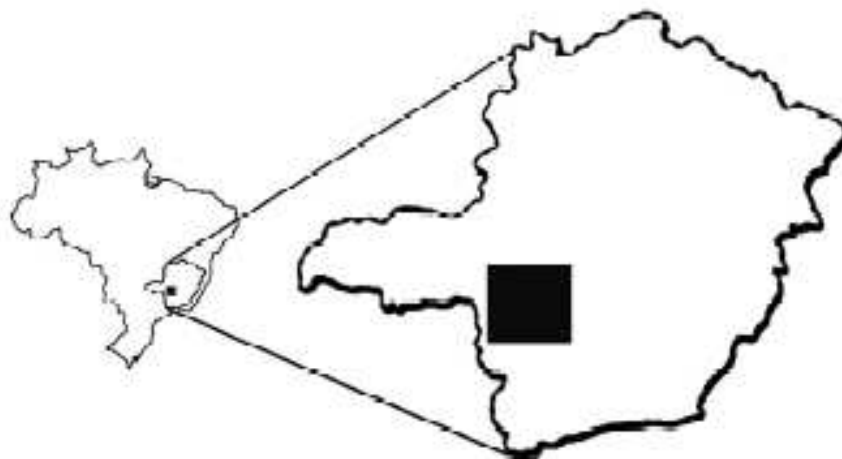


Figura 9: Região da transposição do rio Piumhi para o rio São Francisco.

Fonte: [http://www.transpiumhi.ufscar.br/figuras/revista\\_ufg\\_dezembro\\_2006\\_editada.pdf](http://www.transpiumhi.ufscar.br/figuras/revista_ufg_dezembro_2006_editada.pdf)

#### **3.1 - Município de Piumhi**

Em Piumhi acontece o encontro das águas do rio São Francisco com as águas do rio Piumhi. Moram em Piumhi as pessoas que presenciaram de perto a transposição. Piumhi fica entre o lago de Furnas e a Serra da Canastra.

“Nas proximidades, localizam-se o lago de Furnas e a Serra da Canastra, local da nascente do rio São Francisco e da sua primeira queda d'água, a cachoeira Casca D'Anta. Piumhi possui uma área total de 902 Km<sup>2</sup> e uma altitude de 793 metros, sua topografia plana proporciona um clima agradável e belíssima vista, hoje sua população é de aproximadamente 30.756 habitantes. A cidade fica a 256 km da capital do estado, Belo Horizonte, e a 500 km da cidade de São Paulo. Piumhi é considerada a 39ª cidade em qualidade de vida entre os 853 municípios do estado de Minas Gerais. Além das atividades ligadas à pecuária, comércio e serviços, a economia de Piumhi destaca-se na produção agrícola e de produtos como café, milho, feijão e leite.”  
Disponível em <http://www.prefeiturapiumhi.mg.gov.br/>. Acesso em: 8 maio 2007.

Segundo Jamil Januário Soares, secretário de Agricultura de Piumhi, o município teria nascido, em função de um acampamento de tropas militares, enviadas à região para combater quilombos estabelecidos na serra da Canastra. Em 1752 surge o arraial da Vila de Piumhi. O nome nativo de Piumhi tem três possíveis significados: (1) rio cheio de peixe, são alusões ao rio do pântano do Cururu que ocupava uma grande extensão do município de Piumhi; (2) rio de mosquitos pequenos (díptero, provavelmente pernilongo, que não seria o pium amazônico, um borrachudo de cachoeira e corredeira, transmissor da oncocercose); (3) e mole até por dentro, pois, devido à constituição turfosa do solo, uma verdadeira argila-turfa movediça, saturada d'água, possibilitava atoleiros, quer seja para os homens, ou animais ou para qualquer máquina que tentasse adentrar ao pântano.

De 1754 à 1758, o arraial crescera e foi criada a Paróquia Episcopal (criada pelo Bispo, com vigários encomendados) Nossa Senhora do Livramento de Piumhi. O distrito foi criado através do alvará de 26-01-1803 e o município através da Lei Provincial nº 202 de 01-04-1841, desmembrado do território de Formiga/MG. A instalação do município realizou-se em 01-04-1842 e a emancipação política administrativa em 20-07-1968.

Piumhi esta localizado geograficamente na região centro oeste do estado, região também denominada de Alto São Francisco. Dista apenas 20 Km do “mar” de Minas Gerais, ou seja, represa de Furnas, referindo-se ao dique em Capitólio, e à 60 km de São Roque de Minas, por rodovia asfaltada, que é o principal acesso ao parque nacional da serra da Canastra, onde encontra-se a nascente principal do rio São Francisco e a famosa cachoeira Casca D'Anta. Limita ao norte com os municípios de Bambuí e São Roque de Minas, ao sul com Capitólio, a leste com Pimenta, Doresópolis e Pains, e a oeste com Vargem Bonita. A extensão territorial do município de Piumhi é de 902.348 Km<sup>2</sup> e o

perímetro de 889.878 km; já o perímetro urbano está em torno de 15 km, que circunscreve 1.247,0 há converter em km<sup>2</sup> de área urbana. Seus dados climáticos são: temperatura máxima de 36°C, temperatura média de 24° C, temperatura mínima de 6°C; já o índice pluviométrico médio é de 1300mm anuais. A população atual, rural e urbana, de acordo com o IBGE, censo de 2007 é de 30.987 habitantes, conforme uma 2ª revisão. Piumhi é uma cidade relativamente plana de clima tropical próximo a úmido, portanto, ameno e agradável, suas terras são férteis e produtivas. O café produzido em Piumhi é considerado de excelente qualidade e conta com duas exportadoras de café. A pecuária de leite e de corte ajuda também a sustentar a economia do município. Os setores da indústria e do comércio são diversificados, trazem divisas para o município, através dos produtos típicos da região, doces, queijos, que atendem satisfatoriamente a demanda local, a externa e turistas. Em qualidade de vida, Piumhi ocupa a trigésima posição entre as cidades mineiras. A principal rodovia de acesso é a MG 050, que liga Piumhi a Belo Horizonte e a divisa com São Paulo, na região de Ribeirão Preto.

Fonte: <http://www.prefeiturapiumhi.mg.gov.br>

### **3.2 – Município de Capitólio**

Segundo Rainier Adil (2002), a história de Capitólio começa quando suas riquezas naturais começam a chamar a atenção dos primeiros exploradores. A região era conhecida como mata do rio Piumhi, os investimentos na agricultura e pecuária deram origem a grandes fazendas. O povoado de Capitólio nasce formado basicamente por três irmãos: João Francisco, Manoel Francisco e Antonio Francisco, daí o nome de arraial dos Franciscos. Em vinte e sete de dezembro de 1948 formaliza-se o município de Capitólio. O nome Capitólio vem do Latim, Capitolium, nome de um templo dedicado, na Roma antiga, a Júpiter, o pai dos deuses entre os romanos da antiguidade. A mudança de nome de São Sebastião dos Franciscos para Capitólio, segundo monsenhor Mário Silveira, primeiro Vigário de Capitólio, foi sugerida pelo então bacharelado em direito Abel de Moraes Bello como forma de mostrar as grandezas da região.

“Capitólio fica a 80 km de São Roque de Minas, tem uma população de oito mil habitantes, clima tropical temperado, altitude de 745 metros. Temperatura: máximas: 28,5° C - média: 22,5° C - mínimas: 11,5° C. índice pluviométrico: 1.448 milímetros. Economia: agropecuária, comércio e serviços. O turismo encontra-se em desenvolvimento com o balneário Escarpas do Lago. A região tem grande

potencial turístico e muitos locais para a prática de esportes de aventura. Os municípios limítrofes são (distância aproximada): norte: Piumhi - 17 Km, noroeste: Vargem Bonita - 97 Km, nordeste: Pimenta - 40 Km, oeste: São João Batista do Gloria - 70 Km, sul: São José da Barra - 35 Km, sudeste: Guapé - 30 Km. O município possui o conselho municipal do patrimônio cultural e ambiental, que já realizou dois tombamentos: Sede da sociedade São Vicente de Paulo (bem imóvel) e conjunto de tear (bem móvel).”

Fonte: <http://www.capitolio.mg.gov.br/default.asp>



## **CAPÍTULO 4. METODOLOGIA**

### **4.1. Levantamento bibliográfico**

A obtenção de dados se deu a partir de pesquisas de exploração, nos levantamentos de fatos históricos na bibliografia de jornais locais da região de São Roque de Minas, Vargem Bonita, Capitólio e Piumhi; acervo bibliográfico das bibliotecas municipais, acervo de dados do escritório do IBAMA e do parque nacional da Serra da Canastra no município de São Roque de Minas e de trabalhos relacionados ao tema, como monografias, dissertações, teses, pesquisas técnicas, de diferentes órgãos do governo e instituições de ensino.

### **4.2 – História de Vida e Depoimentos**

#### **4.2.1 - Aplicação da técnica**

Considerando amostragem de depoimentos em diversos pontos dos municípios, em diferentes níveis socioeconômicos, temos uma visão geral de como os moradores perceberam a história. A análise começa no dique de Capitólio e vai até a foz do rio Piumhi no rio São Francisco no município de Piumhi.

Foram colhidos dados qualitativos, de caráter descritivo, emocional e afetivo através de entrevista não estruturada, não dirigida, colhidos através da técnica de história de vida. A escolha e o número de entrevistados não seguiram um padrão rígido; procurou-se identificar ao longo do curso dos rios, moradores que viveram na época da transposição do rio Piumhi ou que tenham demonstrado conhecimento da história ou que se sentiram afetados por ela. Moradores que tenham uma ligação de modo de vida com os rios, seja ela, econômica, social ou ambiental. As entrevistas visaram coletar percepções frente às questões históricas, as transformações geradas pela transposição e a importância do rio São Francisco e do rio Piumhi, com elementos representativos como as responsabilidades, interesses, possibilidades de uso, expectativas, valoração. As primeiras perguntas procuraram identificar a base da amostra, como a idade, nível de conhecimento da história da transposição e a ligação social, econômica e ambiental com

os rios. Ao longo da entrevista, foram observadas, as respostas, que se colocaram a favor e contra a transposição e a valorização de impactos ambientais, sociais e econômicos, em diferentes grupos socioeconômicos, com idades que demonstrem conhecimentos da história, não se tentou fazer com que as respostas seguissem caminhos rígidos, dando ao entrevistado liberdade para demonstrar fatos ainda não eram conhecidos. Inicialmente a técnica de história de vida era a metodologia escolhida, mas percebeu-se durante as entrevistas as dificuldades de se trabalhar adequadamente a técnica; as entrevistas de história de vida no caso da transposição do rio Piumhi levariam um tempo muito grande para serem realizadas, podendo levar dias, e por vezes não se concretizou por inteiro, sendo que o entrevistador teve que direcionar mais rapidamente o foco da pesquisa, adequando a pesquisa para a técnica de colher depoimentos. Em todos os casos durante a “conversa” os entrevistados contaram histórias de suas vidas, lembrando da infância até o presente, lembrando dos parentes que viveram com eles ao longo desse tempo, houve momentos de profunda emoção. A paisagem da região foi lembrada e apresentada pelos entrevistados.

#### **4.2.2 - Sujeitos da pesquisa**

População que mora ao longo do curso do rio Piumhi nos municípios de Capitólio e Piumhi ou que acompanharam a história da transposição e a importância do rio São Francisco e rio Piumhi na região.

#### **4.2.3 - Análise dos resultados**

Foi feito a transcrição dos relatos tentando ser fiel ao máximo à íntegra das entrevistas. De acordo com a revisão da literatura já apresentada muitos sons, emoções, por vezes não são fáceis de se transcrever. Em seguida os relatos foram se incorporando às referências bibliográficas, às imagens, às falas de outros entrevistados da mesma região geográfica, para depois serem recortados, focalizando os principais pontos desejados na pesquisa. A interpretação deles se deu a partir de comparações com diferentes relatos e o referencial bibliográfico. Os resultados se apresentam como exemplos dos fatos registrados em diversos documentos, bem como expõe o sentimento

e a visão da população local. Para tanto as entrevistas foram gravadas com gravador digital mediante consentimento dos entrevistados.

#### **4.3 - Entrevista aberta não estruturada**

Para Marconi e Lakatos (1999), “... A entrevista não estruturada é uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. O entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. Em geral as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversa informal.” Em alguns momentos não coube a aplicação da técnica de história de vida. Entrevistando profissionais como o jornalista da prefeitura de Capitólio, o hidrólogo e chefe do departamento de agricultura de Piumhi, o pessoal responsável pela guarda do parque nacional da Serra da Canastra, e outros. Nesses casos houve uma entrevista aberta.

#### **4.4 - O uso de imagens**

Como a transposição ocorreu no fim da década de 1960 e existem fotos da época; atualmente podem se comparar às imagens com as atuais, e se notar as modificações visíveis. Ao longo do texto da dissertação foram disponibilizadas tais imagens exemplificando as modificações ocorridas.

## CAPÍTULO 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1. Aspectos histórico-geográficos no entorno da área da transposição:

#### 5.1.1. A valorização da região das nascentes do rio São Francisco: Região da nascente e da foz do rio Piumhi.

O rio Piumhi nasce e atualmente encontra com o rio São Francisco na região das nascentes do rio São Francisco. Rios que sempre estiveram próximos, mais eram de bacias diferentes. Depois da transposição o rio Piumhi passa a levar para a região das nascentes do rio São Francisco uma grande quantidade de sedimentos, além de ser agora um elo de ligação da fauna dos rios. A região das nascentes do rio São Francisco faz parte da história nacional e é de grande importância social, econômica e ambiental. Existe por parte de muitos esse reconhecimento do valor da região e a obra da transposição passa a ser um fato marcante na área. Como já foi apresentado anteriormente, atualmente considera-se como sendo a nascente histórica do rio São Francisco a região do município de São Roque de Minas e geograficamente a do município de Medeiros.

Nas entrevistas, feitas com funcionários da prefeitura de Medeiros, nota-se uma boa vontade em divulgar e atrair o turismo para a nascente geográfica nesse município. André Picardi, ambientalista do conselho consultivo do parque nacional da Serra da Canastra ressalta a necessidade da proteção da nascente, com a criação de uma unidade de conservação para poder regulamentar o turismo sustentável na região de Medeiros, numa alternativa econômica pra região. A idéia da nova nascente começa a ser bem recebida pela comunidade local e uma nova valorização do rio São Francisco passa a ser estabelecida na região das nascentes com base na exploração do turismo:

*O parque faz parte de São Roque de Minas, agora a parte que esta em estudo vai abranger Vargem Bonita e outras cidades... Eles estão tentando arrumar uma nascente paralela. Não tenho bem certeza mais acho que é o rio Samburá, afluente do São Francisco... Agora quando encontram os dois rios lá embaixo, mais próximos de Piumhi eu nem sei como tá lá, digamos que eles falam isso, porque o rio Samburá tem cinco vezes mais água que o rio São Francisco. Pode ser por isso, estão tentando*

*mudar... (Depoimento do sr. Bento, funcionário do parque nacional da Serra da Canastra em 23/11/2007).*

São Roque de Minas, cidade que é de suma importância na pesquisa, é onde se encontra a nascente histórica do rio São Francisco. Caracterizada como uma cidade pequena típica do interior de Minas Gerais. Com percebe-se na figura 13, desde criança as pessoas estão sendo estimuladas e discutem como é importante a questão patrimonial do município. Em exposição de trabalhos em uma escola de nível fundamental percebem-se vários trabalhos relacionados à importância de se ter no município os atrativos turísticos de rara beleza principalmente a nascente histórica do rio São Francisco. A valorização do local, num espaço cada vez mais visitado e que aposta no turismo.



FIGURA 10: Foto de uma maquete da igreja matriz de São Roque de Minas, elaborada por alunos da sexta série do ensino fundamental da única escola estadual do município de São Roque de Minas. Os trabalhos expostos para uma feira cultural na escola valorizam o patrimônio do local.

Segundo funcionários do parque nacional da Serra da Canastra é cada vez maior o número de turistas na região e nem sempre a manutenção do parque ocorre de forma adequada. As belezas da região (figura 11) atraem turistas e pesquisadores:

São Roque de Minas, cumprimentos, lamentos pelas dores do aperto na viagem. Amizades. Sábado saímos cedo. Fomos a nascente do rio São Francisco. Para chegar lá tivemos que dominar o nosso medo. Atravessamos uma estrada que arrepiava-nos a todo instante pelas curvas perigosas, pela altura, mas fomos. Lá naquele mato, onde a natureza deixou apenas um rasteiro. Não tem árvores, nem arbustos. Apenas mato, nascentes e a imagem do São Francisco apontando pra frente, para a vida, para a esperança de milhares de pessoas que dependem das águas do velho Chico. (PRIMEIRA DESCIDA ECOLÓGICA DO RIO SÃO FRANCISCO, p. 4).

“Reencontramos ali um dos mais belos e transparentes remansos de rios na serra da Canastra”. (Relatório de viagem de participantes do curso de mestrado em Ciências e Valores Humanos, 12 e 13 outubro de 2007).

“Antes mesmo de chegar a Formiga eu já tinha avistado no horizonte a serra da Canastra. Essa montanha que, se assemelha a um imenso cofre, mostra ao longo sua massa imponente, pareceu-nos tão isolada. Não é o que ocorre, porém. Ela faz parte da serra das Vertentes... que limita a oeste a bacia do São Francisco. (...) Ao entrarmos no desfiladeiro a que já me referi vimo-nos próximos da serra. Ali seu cume é perfeitamente regular, e grande parte de seus flancos, nos pontos mais elevados, é formada de rochas talhadas a pique, cheias de sulcos e inacessíveis. Abaixo delas se estendem matas e pastagens naturais em encostas suaves, até o fundo de um vale estreito, onde corre o rio São Francisco. Embora as rochas formem como um paredão quase vertical, elas estão longe de ser escavadas, pois em vários pontos são cobertas por uma relva muito fina, que raramente deixa entrever a cor acinzentada da pedra. Em nenhum outro lugar encontrei relvados um verde tão bonito e tão viscoso como os que estendiam aos pés dessas rochas a pique, e os matizes mais escuros das matas vizinhas não lhes ficava devendo nada em beleza.” (SAINT-HILARE, 1975).

*No carnaval de 2003 chegamos a receber mais de novecentas pessoas por dia.* (Depoimento do Sr.Bento - Funcionário da portaria do parque nacional da Serra da Canastra).



FIGURA 11: Fotos da Serra Canastra. 24/11/2007.

Nas entrevistas tanto em Medeiros quanto em São Roque de Minas percebe-se uma preocupação muito grande em atrair turistas por questões econômicas. Já as questões de proteção ambiental das nascentes do rio São Francisco foram pouco faladas. O turismo gera uma série de impactos, esses impactos não parecem ser observados tanto quanto a questão econômica. No depoimento do Sr. Bento percebe-se que o número de turistas é grande e nos depoimentos em relação às descidas ecológicas percebe-se que a região passa por impactos. No depoimento da Primeira descida ecológica do rio São Francisco e no Relatório de viagem de participantes do curso de mestrado em Ciências e Valores Humanos, pode-se notar a descrição de rara beleza e de espaço natural preservado, esses depoimentos são de pesquisadores e grupos organizados que na intenção de descobrir o local, também levam para lá um numero cada vez maior de pessoas, afinal o lugar é historicamente atraente como demonstra o depoimento de Saint-Hilare (1975). Não houve por parte dos entrevistados nessa região, São Roque de Minas e Vargem Bonita, demonstração do conhecimento das obras da transposição do rio Piumhi para o rio São Francisco, mesmo sendo uma região geográfica muito próxima.

Logo depois de descer a serra da Canastra e ver o belíssimo espetáculo formado pela queda das águas do rio São Francisco na cachoeira Casca D'anta se sai por uma entrada do parque que dá no município de Vargem Bonita que é muito importante na questão do desenvolvimento regional, por causa da exploração mineral:

“O município de Vargem Bonita surgiu entre 1935 e 1936 quando descobriram diamantes no leito do Rio São Francisco, nas proximidades da Fazenda Vargem Bonita. Atraindo grandes levas de garimpeiros, embora a região já tivesse sido desbravada no séc. XVII pela expedição de Castanho Taques. O município está situado nas brenhas do chapadão da serra da Babilônia, junto à encosta da serra da Canastra, uma de suas principais atrações naturais. (...) População: 2167”.

(Disponível em <http://www.guiadoturista.com.br/suacidade.asp?cod=305>.

Acesso em: 8 maio 2007

O município de Vargem Bonita valoriza estar perto da nascente do rio São Francisco tentando atrair turistas. Na figura 12, 13 e 14, observa-se que o município coloca placas destacando a presença do rio São Francisco com sua beleza preservada pela proximidade com a nascente. Essas mesmas águas que no passado geraram uma importante extração mineral demonstrado pelo relato do senhor Claudine, abaixo registrado, procuram atrair turistas para esse recanto típico do interior de Minas (figura 15):



FIGURA 12: Foto de placa na entrada de Vargem Bonita, 24/11/2007. A valorização do município enquanto parte dos municípios que fazem parte das nascentes do rio São Francisco.





FIGURA 13: Foto da entrada do município de Vargem Bonita, 24/11/2007. Orgulho em ser a primeira cidade banhada pelo rio São Francisco.



FIGURA 14: Entrada principal do Parque Nacional da Serra da Canastra. Monitorada com regras e com horário de funcionamento de 8:00 as 16:00 horas. Ao fundo a serra da Canastra.



FIGURA 15: Na foto a entrega domiciliar do leite a cavalo. Modo de vida preservado de Vargem Bonita.

*O rio São Francisco, principalmente no município de Vargem Bonita, o rio Pimhui e o córrego das Araras, por mais de 40 anos forneceu ouro para nós ourives de Formiga. Tinha muitos garimpeiros que viviam do garimpo de ouro, não tem mais por causa do Florestal... Córrego Cabresto, perto da foz do rio Pimhui com o rio São Francisco tem diamante. Eu comprei muito diamante, inclusive um de um ki late, hoje no valor de uns dez mil reais. Tinha tal de Nice. Essa Nice trazia ouro toda semana, tirado no quintal. Uma vez ela chegou com uma latinha de Tody, cheia de ouro. Passa uma semana e o barranco mata o marido dela, pela forma como ele tirava o ouro. Córrego das Araras e o rio Pimhui ainda tem muito ouro e diamante. Trabalho há cinquenta e quatro anos com jóia. Sr. Claudine Ourives.*

Na divisa do município de Vargem Bonita e do município de Piumhi nasce o rio Piumhi. E é também no município de Piumhi que acontece o encontro das águas do rio São Francisco com as águas do rio Piumhi. Hoje tem uma espécie de segunda nascente do rio Piumhi, ou até mesmo como colocado também por um dos entrevistados uma nova nascente do rio São Francisco. Córregos da região de Capitólio deságuam num lago formado dentro do município de Capitólio e que escorre por canais artificialmente

construídos, pelo antigo leito do rio Piumhi que foi alterado, até encontrar no município de Piumhi com a parte do rio Piumhi que vem de suas nascentes em Vargem Bonita. Quando as duas partes se encontram correm para o antigo leito de córrego Água Limpa (que é na verdade hoje, o próprio rio Piumhi) e deságua no rio São Francisco no município de Piumhi.

*O rio corria pro rio Grande na função da barragem, que é de furnas. O rio Piumhi retornou em vez de continuar indo pro grande ele foi pro São Francisco. Por isso a bacia do São Francisco começa hoje aqui, nesse dique, e devia até mudar a nascente do rio São Francisco, que o ponto mais ao Sul de onde ele nasce, é no dique. Então a nascente de São Roque já passou a ser um afluente dessa nascente do dique que é o ponto mais ao Sul. Ele desaguá no nordeste né? O ponto mais ao sul é essa montanha ao lado direito aqui do hotel. Ali começa então as nascentes que começam o córrego. Córrego do dique, e vai pro São Francisco, entra o São Francisco. Precisa até mudar esses livros de geografia e história porque a nascente do São Francisco é aqui agora. Queriam passar pra Medeiros, ai tem vários lugares que querem ter a nascente do São Francisco. Dos três que estão brigando; é aqui, porque ta mais ao sul. Como se mede um rio? Se ele deságua no nordeste, o ponto mais ao sul é aqui. Então não tem mais como discutir isso daqui. Hoje sem dúvida é só pegar o mapa e ver que é aqui.*  
(Depoimento do Sr. José Carlos Soares Carlito).

Como pode-se perceber parece confuso a hidrografia na região e realmente é, pois o rio Piumhi fazia parte de uma bacia diferente da do rio São Francisco e ali é inserido através do córrego Água Limpa após sua transposição. Essa alteração ocorre na região das nascentes do rio São Francisco, fazendo que as águas do rio Piumhi sejam ali inseridas. Um forte impacto para o rio São Francisco levando para suas águas uma grande quantidade de sedimentos. No depoimento acima do sr. José Carlos Soares Carlito se percebe até mesmo a colocação de nova nascente. Segundo dados da CODEVASF, já demonstrados, a nascente do rio São Francisco geograficamente está bem definida no município de Medeiros e essa possibilidade não existe, portanto o critério utilizado pelo entrevistado não é correto e não tem funcionalidade. Como devemos considerar essa nova hidrografia da região? Será considerado o rio Piumhi como parte da bacia do São Francisco nos planos de recuperação do rio São Francisco preconizados pelo ministério da Integração Nacional no caso da transposição do rio São Francisco para região nordeste? Essas perguntas encontram-se sem respostas. O

desconhecimento por parte das autoridades e da própria academia sobre a transposição, leva os órgãos governamentais tanto federais com estaduais a desconsiderarem a transposição do rio Piumhi para o rio São Francisco.

### **5.1.2. A construção do lago de Furnas: Motivo da construção do dique de Capitólio e da transposição do rio Piumhi.**

A construção de Furnas mudou a paisagem da região. Em visitas as cidades de Guapé e na comunidade de Santo Hilário, que foram reconstruídas por causa do lago de Furnas, foi percebido através de entrevistas realizadas o sentimento das pessoas em relação à transformação do espaço de moradia. Santo Hilário é uma arraial, um distrito do município de Pimenta, ele foi completamente inundado pelas águas do lago de Furnas e reconstruído ao lado da área inundada. Foram entrevistadas pessoas que viveram na região antes da construção do lago e que ainda permanecem no espaço construído. Nas fotos 16, 17 e 18 disponibilizadas por um morador da região, pode-se observar o momento da invasão das águas e nas fotos 19 e 20 percebe-se como está atualmente a região. Os depoimentos descrevem como os moradores acompanharam essa transformação:

*Eles fizeram a festa de Juscelino, fizeram palanque pra receber ele. Aureliano da Maria; há mais que bondade!*

*O soldado tudo aguardando. Chegou com o cacete na mão...*

*Que coisa linda hora que ele foi chegar, era bomba e foguete, a gente ficou até com a cabeça ruim de tanto foguete, era tanto comer. O povo fez tanta festa pra esperar Juscelino, mas nunca vi tanto guarda.*

*Na época veio até helicóptero para acudi o povo, a mulherada gritando pra ser acudida. Ficava todo mundo doido com aquelas águas subindo. Se não fosse essas águas Santo Hilário seria uma grande cidade. Hoje os turistas estão tomando conta de tudo, agora mesmo a gente fica sem lugar denovo. Neco Costa e João Dultra, um suicidou, o outro ficou louco de contrariedade... Outra foi embora, quando veio visitar Guapé virou o rosto pra não ver. Ali debaixo da ponte tinha uma cachoeira que sumiu, tinha tanto Jaú. (Depoimento da Sra. Conceição Marques).*

Como pode-se perceber a construção de Furnas foi uma obra política, onde Juscelino visitou essa comunidade protegido por uma série de soldados, percebe-se pela fala que a visita mais parecia um comício. Uma festa para receber o presidente, eram formas de contatos da população com os políticos. Em seguida a entrevistada narra o drama da população, “ficava todo mundo doido”, a necessidade de socorro via helicóptero, demonstra que a população não foi adequadamente preparada para a inundação e que os dramas psicológicos foram tão graves que levaram a casos de suicídio. Atualmente a entrevistada não se sente acolhida pelo turismo e sim ainda perdendo lugar na região onde viveu toda sua vida. Ela também lembra da quantidade de peixes que não mais se vê e nas mudanças da paisagem.

*Meu pai vendeu uma casa aqui por mil e quinhentos dinheiros de cruzeiro. Aqui morreu três fazendeiros. Um suicidou, outro morreu de pesar por deixar as terras, uns viajou pra todo lado, pra Belo Horizonte. Melhor terreno acabou, o que prestava ficou tudo debaixo d'água...Mudou os peixes, tinha muito Jaú, Dourado, hoje tem os peixes que soltam aí...Os políticos visitavam de helicóptero...Dois meses e pouco encheu tudo...Aqui tem muita casa, num deu tempo...Os animais morreram, mais num dava pra ver...Tinha uma estrada, Formiga a Guapé, a rodovia sumiu...(Depoimento do Sr. José Florêncio de Jesus).*

Esse depoimento é muito parecido com o depoimento da Sra. Conceição, também demonstrando os dramas sofridos pela população da área inundada pelo lago de Furnas. Como pode-se perceber nas próximas fotos a região teve de ser reconstruída e é evidente que é impossível que a reconstrução tem seus limites para proporcionar aos antigos moradores as mesmas condições sociais, até mesmo porque a região é hoje receptora de turistas. As fotos antigas foram cedidas por um antigo morador que hoje tem um pequeno comércio que fica ao lado de uma pousada. Segundo Leme (2007) existe para os moradores de áreas alagadas por represas além das perdas materiais as perdas simbólicas, forjando uma nova identidade.



FIGURA 16: Momento da subida das águas de Furnas em Santo Hilário. Moradores observam a estrada sendo inundada.  
Fonte: Arquivo pessoal de um morador.



FIGURA 17: Seqüência, subida das águas de Furnas em Santo Hilário.  
Fonte: Arquivo pessoal de um morador.





FIGURA 18: Antigo Santo Hilário. Antes da inundação das águas de Furnas.  
Fonte: Arquivo pessoal de um morador.



FIGURA 19: Foto atual da igreja de Santo Hilário após a tentativa de reconstrução.  
Fonte: [http://www.desvendar.com/cidades/pimenta/imagens\\_santohilario.asp?img=12](http://www.desvendar.com/cidades/pimenta/imagens_santohilario.asp?img=12) . Acesso em: 06 fevereiro 2008.



FIGURA 20: Santo Hilário atualmente. Um arraial pertencente ao município de Pimenta/MG, reconstruído após a tomada pelas águas de Furnas e agora sendo invadido por turistas.

Fonte: <http://www.ferias.tur.br/localidade/3811/santo-hilario-mg.html>. Acesso em: 06/02/2008.

## 5.2 - A história retratada nas margens do rio Piumhi

A região da transposição do rio Piumhi abrange áreas diversas. Através dos depoimentos colhidos através da história de vida dos moradores que estão às margens do rio Piumhi pode-se descrever parte da história da transposição, observando como as pessoas acompanharam as mudanças na paisagem. Portanto dependendo da localização geográfica do morador as mudanças foram sentidas e relatadas de maneiras diversas sobre a transposição. Ficou evidenciado três grupos distintos de percepção: na área do município de Capitólio, próximo ao lago de Furnas; na área rural entre Piumhi e Capitólio e na área próximo ao antigo pântano do rio Piumhi, junto à área urbana do município de Piumhi, que secou e onde hoje é praticado a agricultura e a pecuária comercial. Nos subitens abaixo estão descritos esses fatos.



### 5.2.1 - Capitólio: O retorno do rio Piumhi pela construção do Dique

A construção da hidrelétrica de Furnas transformou radicalmente a vida dos capitolinos. Houve muitos danos, visto que as melhores terras foram encobertas. Segundo Rainer (2002) cerca de 22,4% da área total do município, que é de 522,3 km quadrados, foi inundada. A água subia rapidamente, plantações de arroz e milho ainda verdes, tulhas cheias de cereais, casas, benfeitorias, engenhos de cana, moinhos... Mal dava tempo de derrubar as paredes das casas para aproveitarem algo, até animais não foram todos retirados a tempo. A indenização foi a preço de escritura, como as escrituras eram registradas a preços inferiores por causa de impostos a indenização foi baixa. Muitos fazendeiros foram morar na vila Vicentina, uma instituição de caridade de Capitólio. Houve suicídios e vários casos de neuroses profundas. A população do município caiu. Segundo o senso do IBGE de 1950 Capitólio tinha 6643 habitantes, 5668 na área rural e 975 na área urbana. Quatro décadas depois, no censo demográfico de 1991, o município apresenta 4177 habitantes, 1432 na área rural e 2745 na urbana. Atualmente, segundo o site oficial da prefeitura de Capitólio a cidade possui cerca de oito mil habitantes. Apesar de tantos problemas a represa de Furnas trouxe muito progresso. A região ficou bem servida de energia e foi construída a rodovia que liga Passos a Formiga, passando por Piumhi e a região foi transformada num enorme potencial turístico com o lago de Furnas. Muitos jovens que hoje aproveitam das vantagens que o lago de Furnas trouxe, não sabem do trauma que seus avós sofreram.

*Na época o governo era tipo uma ditadura. A gente acompanhou a construção, eu era muito pequeno mas eu lembro, lembro as máquinas trabalhando, nossa casa dava vista. A gente via a barragem.*

*Indenizou. Claro que não era pelo valor real, sempre muito menos, essa política do governo de indenizar sempre muito menos, eu acho que deveria ser o valor real não?*

*Na época principalmente, eu não sei como é isso hoje, eles usavam, faziam o que eles queriam e fim de papo.*

*Muita gente foi pra justificar. Tem gente que até hoje, não recebeu ainda.*

*Meu pai pegou o carro de boi, colocou as mudanças e nós fomos embora. Nós demos só um azar na época. Que a gente, embora Furnas avisasse que já estavam a chegar as águas, muito provavelmente a partir de março; então meu pai plantou muito arroz, milho e depois inundou em Janeiro.*

*Teve muita resistência, o povo recebeu muito menos que valia. O pessoal ficou triste. Na maioria. (Depoimento do Sr. José Carlos Soares Carlito).*

*Então depois que decidiram mesmo. Já tava decidido. Então indenizou o pessoal, pagaram muito mal na época, pagaram muito mal.*

*Tinha o engenheiro responsável, cada setor tinha um engenheiro. Me parece na época, eles montaram espécie de um escritorzinho para poder o pessoal procura acertar, ver quanto que era. Porque não é negociado, eles estipulavam (X). Você vai receber tanto, sua área deu tanto, qualidade tal, sua indenização vai ser (X). Se a pessoa não quisesse eles depositavam em juízo e a pessoa ia pra justiça. Mas que eu sei até hoje quem foi pra justiça foi pior. O dinheiro ficou depositado em juízo. O juro é coisa mínima, a maioria do pessoal vendeu na época.*

*Satisfeito não. Satisfeito mesmo ninguém ficou, porque eles pagaram muito abaixo da realidade. (Depoimento do Sr. José Gonçalves Machado).*

*A gente tinha uma vargem muito boa ai que plantava milho, cana; meu pai tinha uns engenho, plantava né. Quando inundou aqui, a indenização não foi boa, abaixo do valor né, prejuízo foi grande na época, mas com o correr do tempo as coisas vai modificando né. Ai fez outra rodovia asfaltada, a rodovia era de terra na margem do rio, inundou tudo né, depois fez a rodovia do asfalto. Criou Escarpas do Lago, quinze anos depois nós temos um bairro aqui hoje que dá vida a Capitólio, então hoje houve as compensações.*

*Na época a gente preocupou muito, inundou tudo, mas depois compensou, Capitólio melhorou muito.*

*Se fosse agora, um outra? Não há dúvida, foi positivo. Na época eu não diria isso, eu diria que era um absurdo, o pessoal da margem tava sofrendo, você vê hoje, muita gente teve de mudar, é um transtorno. No município de Capitólio teve dois suicídios, nasceu ali, tava ficando velho, saber que ele teria de mudar, saber que ali era a casa dele, onde ele nasceu, onde o pai dele também nasceu, tampar tudo de água né. O velho, o jovem tem mais disposição pra enfrentar as dificuldades, pra lutar, o velho ta querendo é sussego. (Depoimento do Sr. Jair Pereira).*

Como se pode perceber nos depoimentos acima fica claro a insatisfação da comunidade local principalmente referente ao pagamento irregular das indenizações pagas pelo governo pelas terras ocupadas pelo lago de Furnas. Também foi colocada a questão do governo tipo “ditadura” onde a população não tinha voz, e novamente o

sentimento de perda do lugar de vivência levando até a suicídios. Como já foi discutido, o lugar é um espaço que envolve relações afetivas e que às vezes não pode ser totalmente reconstruído, levando a traumas psicológicos que podem levar a morte. “*O velho, o jovem tem mais disposição pra enfrentar as dificuldades, pra lutar, o velho ta querendo é sussego*”. No caso uma dificuldade da população idosa a ir morar em uma nova paisagem. Os benefícios da construção do lago também são colocados, como a construção do bairro de luxo em Capitólio e os turistas que o freqüentam e que movem atualmente a economia do município. Na foto 21 pode-se notar como é hoje a região do lago de Furnas que fica no dique que o separa do rio Piumhi.



FIGURA 21: Foto do lago de Furnas visto de cima do Dique de Capitólio.

Segundo o jornal Alto São Francisco de vinte e quatro de novembro de mil novecentos e cinquenta e seis, no auge dos protestos realizados pela população local, Juscelino Kubitschek respondia que os protestos só estavam ocorrendo por ignorância, por não conhecimento da importância da obra para manter a qualidade de vida da população local. Ele dizia sobre um déficit de energia elétrica que estava retardando o desenvolvimento, a construção da usina de Furnas iria inundar de energia o sul de Minas Gerais. Que nenhum kilowat, dos quinhentos mil destinados a Minas Gerais

seriam desviados a outras regiões e lembrava que os donos dos terrenos alagados receberiam as devidas indenizações.

*Difícil avaliar né. Tinha a necessidade de uso de energia o que move o país é a energia né. Mais os problemas sociais na época foram muitos né. Pra quem teve terra inundada pegar o dinheiro, investir em outra coisa, embora o valor; quem fez isso foi melhor do que quem foi brigar. Foi difícil pra muita gente. Que não queriam sair das casas, tiveram de ser arrastados. Falaram que não ia sair que ia ficar na casa, ia ficar lá, os vizinhos tiveram de ir lá e retirar. Teve alguns casos assim. De tirar as pessoas à força. É minha a casa é minha não vou sair. Teve uns casos assim.*  
(Depoimento do Sr. José Carlos Soares Carlito).

As falas registradas no jornal demonstram a ideologia desenvolvimentista em contrapartida as colocações do depoimento que fala de se retirar pessoas a força de suas casas em nome dessa política. No próximo depoimento também se percebe a questão do pagamento irregular das indenizações, está sendo colocado que terra fértil ou não, não foi considerado, o que gerou descontentamento. Na primeira parte do depoimento uma colocação de quanto espaço de terra foi ocupada pelo lago, e muita terra fértil nas margens do rio. E o benefício que o hotel da família construída para receber os turistas na atualidade trás a família do entrevistado, um contraponto entre os malefícios iniciais da construção do lago e benefícios das adaptações da família ao novo lugar.

No entanto, essa comparação é meramente especulativa, pois não existe parâmetros para comparar duas situações em tempos tão diferentes. Como seria essa região caso a represa não existisse? Essa é uma resposta impossível de ser dada. O certo é que a inundação para construção do reservatório de Furnas causou diversos problemas ambientais e sociais na região e estão vivos até hoje na memória da população que vivenciou o fato.

*Olha na verdade, na época tinha muita pastagem que inundou, e tá certo. Isso já não é consequência de Furnas, de lá pra cá, as coisas modificam, é um pedregulho, com as evoluções das coisas, capim braqueara né, mudou né. Foi consequência da evolução do mundo. 50km<sup>2</sup>, quantos alqueires isso representa? Mas era só área boa, a margem do rio Grande. A margem do Piumhi também.*  
*Houve luta judiciária: quem não concordou com a indenização deles, mas, quando o terreno era ruim a indenização foi boa.*

*Eles não consideraram a diferença, então o alqueire de terra boa hoje vale dez alqueires de terra ruim. Eles não consideravam isso, então quem teve terra ruim fez um ótimo negócio, financeiramente recebeu mais do que valia, quem tinha terra boa e inundou não teve valor, então foi pra justiça.*

*Hoje o lago, até pra conforto é muito melhor do que o rio era antes, o lago você pode por uma canoa, você possuía e naquele tempo não tinha isso. Onde é o hotel tinha um córrego, as águas vão diminuindo, vê as águas movimentavam um engenho quando eu comecei a trabalhar aqui. Eu casei em 52, comecei a trabalhar aqui fazer tijolo à mão, tinha máquina não. Hoje isso aqui tem 50 anos. Devagarinho foi crescendo.*

*Na verdade isso durante a vida não me deu lucro nem prejuízo, mas considerando hoje que eu tenho filhos que é sócio do hotel. Eles tão começando a ganhar dinheiro, eu sei que vão ganhar né, então se não fosse não existiria isso aí. (Depoimento do Sr. Jair Pereira).*

*Eu morei até casar né, eu casei em 65, ainda morei na área rural mais quatro anos. Em 69 é que mudei, em 69 pra cidade. Então quando inundou meu pai tinha dois sítios em uma parte a água inundou mais ele não vendeu remanescente. Na época quando Furnas pegava uma área, uma fazenda, um sítio, pegasse mais de 50 % ela pagava tudo, toda área, se pegasse menos pagava só a área inundada, foi o caso da nossa área que nós morava que era nossa sede pegou menos de 50 %, então pagaram só o que a área inundou, pegou a casa e tudo, mas era menos de cinquenta por cento. Então papai tinha um outro sítio, quando papai vendeu em 1960 não negociou com Furnas, ele pegou o dinheiro e mudou pra essa casa que tem hoje. Aí meu pai com o dinheiro da desapropriação ele comprou uma parte de um outro irmão dele. Meu vô tinha uma fazenda grande que dividiu com os filhos e meu pai comprou. Então meu pai não fez um mau negócio porque ele vendeu pra Furnas e comprou um outro terreno na época.*

*Só que papai fez a coisa mais pé no chão, teve gente que deixou, teve pessoas que não. Meu pai mesmo comprou uma área, a pessoa vendeu a fazenda e não tirou nada não, então a casa e a água veio chegando. Teve muita gente, não acreditava que a água viria, ou que seria tão rápido né. Dentro de dois dias, nós tava mais ou menos a uns 30Km de Furnas e em 48 horas a água já tava chegando no terreno nosso. Foi muito rápido sabe. É depois que ela vai abrindo a represa é que demorou mais né, mais meu pai não, ele planejou a coisa, mudou a casa, ele tirou o material, desmanchou.*

*Eu sempre digo isso aí, se a cidade melhorou a gente cresce junto. Então eu considero assim que eu não fui empurrado pela água, porque antes da água nós mudamos a sede e tudo. Eu casei, foi em 63 que teve essas águas, eu casei em 65, já residia*

*na área rural, então em 69 eu vim pra cidade, eu vim porque eu tinha dois filhos já pequeno e a gente já pensava, escola, educação e tudo. Já onde a gente residiu não tinha escola por perto, a gente também foi criado na roça, viu que roça não dava camisa mesmo, trabalhei no comércio e graças a Deus a gente soube administrar, ganhou dinheiro, então eu considero assim, que Furnas ajudou, ajudou assim por um lado, pois eu poderia estar na roça até hoje. Então a gente teve plano de mudar e mexer com o comércio. Felizmente deu certo, então mais que Furnas ajuda muito, igual Escarpas, a gente vende muito, tem muito rancho na beira da represa, com alto poder aquisitivo, caseiro, o pessoal ganha bem, então eles compra mesmo. Então pra Capitólio. Eu tinha até um tio que dizia que quando Furnas veio, a inundação, houve muito choro muitas lágrimas e se hoje tirar a represa dá mais choro ainda que teve antes. Então ficou na mente esse ditado que ele falava. (Depoimento do Sr. José Gonçalves Machado).*

Neste depoimento outra colocação de injustiça na indenização, referente a não valorização da parte construída nas propriedades rurais. Outra colocação importante é a mudança para a zona urbana, a entrada da família no comércio e a valorização do turismo na nova forma de se viver e de sua capacidade de empregabilidade na região; e a possibilidade de estudo advinda com a expansão urbana.

A construção do dique de Capitólio fez com que a cidade não fosse inundada. Uma série de conflitos, revoltas, marcam essa época como demonstra o depoimento abaixo. Na figura 22 o lago de furnas separado pelo dique do rio Piumhi.

*Houve muita revolta, segundo comentários houve um senhor que suicidou n/é, na época, então teve muita revolta. Ficou descontrolado, o pessoal não tinha pretensão de mudar dali n/é. Tanto que na época Capitólio aqui; se eles fizessem o dique 3 ia inundar uma parte de Capitólio, a água ia subir até na base da igreja. Porque a faixa de Furnas foi 769, e a represa de Capitólio na 744 então seria 25 metros acima pra construir outro dique. Então construíram o dique 2 pra evitar de indenizar várias casas, ficava mais barato. O dique 3 era mais fácil porque era um dique menor, a terra pra construir o dique era mais fácil, mais devido ter de indenizar muitas casas em Capitólio, apesar deles pagarem um valor baixo. (Depoimento do Sr. José Gonçalves Machado).*



FIGURA 22: Foto do dique. Acima o lago de Furnas, abaixo a região do rio Piumhi.

Formou-se em Capitólio uma pequena represa que hoje é parte do rio Piumhi e recebe água de vários córregos e esgoto do município. Esgoto esse que não é tratado, foi feito uma pequena barragem para tentar separar um pouco a área que mais recebe esgoto da que menos recebe; obra sem grande sucesso, levando esse lago a nem tanto mais receber banhistas. Forte impacto ambiental abandonado. Essa pequena represa fica na entrada direita de Capitólio de quem chega, ainda usada para banho de sol, natação e grandes eventos; como o carnaval, que hoje recebe grande número de turistas. Nas figuras 23, 24 e 25 o lago formado pelo rio Piumhi no município de Capitólio.





FIGURA 23: Foto do rio Piumhi no município de Capitólio, visto de cima do dique.



FIGURA 24: Praia artificial formada pelo rio Piumhi no município de Capitólio.

*63, janeiro de 63, eu tinha 5 anos e meio mas lembro muito; lembro muito, muito. Do rio descendo a usina que tinha a uns 6 Km pra baixo, abaixo do dique aqui n'é. Tinha uma usina, usina pequena mais que tinha o dique, Capitólio.*

*O rio passava lá embaixo perto daquela montanha lá. Num era um rio grande não, mais tinha o leito do rio. Era um córrego, vamos chamar assim, agora o rio Grande que era grande, então o rio Piumhi ele desaguava no rio Grande corria mais ou menos*



*uns 7 Km em linha reta daqui do dique até o rio Grande. (Depoimento do Sr. José Carlos Soares Carlito).*

*A mudança que houve foi a construção dessa barragem, foi construído em 1960, foi inundada em 63, 64. Fazendo então uns 45 anos mais ou menos. Eu acho interessante é o seguinte, a água que sobe pra cá é a do São Francisco, de lá o rio Grande. Vamos dizer a altitude, esse nivelamento em relação ao nível do mar, nível da inundação da represa é 766, e aonde é o nivelamento do rio Piumhi é bem mais baixo, ele inundou um pouco, pra dar queda pra ele voltar pra lá, lá tem um espigão, aqui subiu e ele voltou.*

*Eu lembro inclusive dos engenheiros trabalhando aqui. Nós morávamos aqui, onde é aquele hotel mesmo era a casa do meu pai, então eu nasci mais lá na frente, eu num sei que ano não, antes da represa inundar. Os engenheiros ficavam em casa. Meu pai era muito camarada, ficava hospedado e a gente era criança, eu lembro deles fazendo levantamento concluído isso, é lógico né, as águas tinham que inundar. (Depoimento do Sr. Jair Pereira).*



FIGURA 25: Foto do rio Piumhi, ao fundo as suas margens o município de Capitólio.

Na época com o atraso de outras obras no rio Piumhi essas águas também ameaçaram casas e plantações. O canal passa a ter problemas de fluxo de água. A primeira limpeza realizada foi com o prefeito José Gonçalves Machado que levou o problema aos órgãos competentes e em janeiro de 1986 foi assinado um convênio com o Ministério de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente e com o Governo de Minas.

O trabalho de limpeza e manutenção do canal foi iniciado nesse mesmo ano pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS).

*Porque aqui tinha um pântano de 3.200 hectáres n/é. E esse pântano, o pessoal queria aproveitar. Mais não tinha como devido ao alagamento. Então eles fizeram um projeto para drenar o pântano pro rio Grande. E com a inversão de Furnas, eles inverteram o fluxo do canal, ao invés dele desaguar no rio Grande ele passou a desaguar no rio São Francisco. Tanto que o canal ia pegar até no dique, ele ia pegar do lago até no São Francisco. Não houve tempo, o comentário: teve rocha, não rompeu ela a tempo então formou esse lago aqui em Capitólio até o canal e esse canal é problemático, precisava limpar ele pelo menos de 10 em 10 anos. E quando eu assumi a prefeitura em 83 a cidade tava sendo alagada devido ao assoreamento do canal, tentei acionar primeiro Furnas e Furnas respondeu que não era responsável porque não foi ela que construiu o canal. Ai eu parti pra Brasília e consegui a limpeza do canal com o Departamento Urbano e Meio Ambiente em parceria com o governo de Minas e limparam o canal. Foi em 86 e terminou em 88 e daí pra cá não foi limpo mais, hoje o canal foi assoreado provocando inundação de novo em Capitólio.*

*Na época eu procurei no Rio de Janeiro o presidente de Furnas, na época Ivo Camilo Pena, então a gente foi lá, levei documentação. Ele prometeu de analisar o assunto que ele não tinha conhecimento e depois me deu uma resposta dizendo que não era responsável. Foi onde eu fui pra Brasília, sabe.*

*Então eles assumiram, Ministério de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente e o governo de Minas na época era o Hélio Garcia limparam o canal.*

*Agora eu vi até no jornal, o governo ia acionar Furnas, não sei se eles agora vão assumir. Na época eles não quiseram assumir a responsabilidade.*

*(Depoimento do Sr. José Gonçalves Machado).*

Por esse depoimento pode-se notar alterações em um ecossistema, uma região que era um rio e que virou um lago, que os canais não fluem bem, toda a fauna e flora da região sofreram modificações. Como o relevo é contrario ao retorno do rio e a escavação do canal nem foi feita de forma correta e sim às pressas (será relatado nos próximos depoimentos) os canais não conseguem dar a fluidez do canal que precisa ser limpo de tempos em tempos. Houve um desequilíbrio regional evidente nessa região. No fim do depoimento se percebe questões políticas de não responsabilização do problema. Os órgãos públicos ficaram se eximindo da responsabilidade bem como Furnas que se diz sem responsabilidade pelo canal pois não foi ela quem o construiu,

agravando o problema e retardando a solução. Enquanto isso a cidade de Capitólio sofre as conseqüências da falta de limpeza do canal.

*Devido à transposição do rio Piumhi (...) com o passar dos anos e a falta de manutenção, também esse canal do rio ficou assoreado e por isso ta inundando aqui a represa de Capitólio. Mais pra frente, próximo onde que deságua o rio Piumhi no São Francisco não tem vazão pra água voltar pro rio São Francisco. Por isso quando chove muito na cidade aqui a cidade fica prejudicada. Então tem inundaçãõ muito grande aqui. Ano retrasado várias casas ribeirinhas aqui foram inundadas. Esse ano tivemos problemas também aqui na entrada da cidade; completamente intransitável e a praia artificial de Capitólio, também onde é realizado um dos principais eventos da cidade que é o carnaval. Tivemos de transferir o evento de última hora para o centro da cidade devido à inundaçãõ, que choveu muito, chegou no calçadão, tampando tudo, não tendo condições de realizar o evento. Não é sempre não. De uns tempos pra cá, dois anos, é que piorou.*

*Assim sempre choveu muito, ameaçou inundar mais nunca assim, isso de uns 20 anos pra cá. Épocas anteriores acontecia de inundar com mais freqüência, ter inundaçãõ, mas agora passou um bom tempo sem esse acontecimento e agora voltou a acontecer de novo.*

*É o seguinte, dessa última vez a prefeitura recorreu à justiça contra Furnas. Porque a prefeitura entende que essa é uma obrigação de Furnas, em manter o canal limpo pra não acontecer isso. Então a prefeitura protocolou uma ação na comarca de Altinópolis e de imediato já surgiu efeito, técnicos de Furnas já estiveram aqui fazendo estudos, topografia, fazer limpeza desse canal. (Depoimento do Secretário de turismo de Capitólio: Sr. Edgar Rodrigues).*

*Principalmente o pessoal da cidade que é onde afeta mais. O esgoto não flui, é complicado. Então as casas de mais baixo vão dar descarga, não conseguem. Eles agora fecharam o acesso pro pessoal tomar banho, lá no lago de Furnas pelo daqui, ali pela barragem, eles fecharam lá. Alegando que um dos principais motivos é a quantidade de lixo que o pessoal deixa lá. Talvez desde já seja uma preocupação ambiental, porque o pessoal deixava muito lixo ali, principalmente época de carnaval, semana santa. Muito lixo, em cima da barragem, caindo lá no lago. Muito lixo chegou dia de ter de 1000 pessoas ai. Muito sujo. (Depoimento do Sr. José Carlos Soares Carlito).*

Como pode se perceber a questão do saneamento básico em Capitólio é um problema sério que precisa ser observado, pois além de prejudicar a saúde dos moradores locais também compromete o rio Piumhi e por consequência o rio São Francisco já na região das suas nascentes. A cidade passa por problemas de infraestrutura urbana para se adaptar ao fato de receber o grande número de turistas. Segundo Rainier (2002) desde a década de 50, tempos conhecidos na região como tempos do padre João Machado, o fantasma da inundação perturbava o sono dos capitolinos. Falava se claramente que a cidade seria inundada e transferida para a região alta de Macaúbas ou da Serra. O desgosto levou muitos à doença e até à morte. O assoreamento em certa época fez as águas subirem tanto que cobriram o asfalto da MG-050. Ruas e casas da parte baixa de Capitólio no ano de 1985 chegaram a serem inundadas. A inundação do município de Capitólio já eram temida pelos moradores na década de 50, com a construção do dique e a transposição do rio Piumhi, a formação do lago no rio Piumhi muito próximo à área urbana e a má execução dessa obra já levaram no seu início a transtornos. A área do rio Piumhi também recebe em Capitólio córregos do município que fluem no sentido contrário à do canal de transposição do rio Piumhi. Isso ocorre devido à bacia hidrográfica ter sua declividade voltada para o antigo leito do rio Piumhi no sentido rio Grande. Por isso, a sedimentação é mais acentuada na represa de Capitólio, pois todo sedimento vai ser depositado nesse lago e seu remanso. Essa sedimentação é agravada pelo fluxo lento do canal de transposição que facilita a sedimentação e assoreamento no canal de reversão do rio Piumhi. A manutenção do canal também não é feita de forma regular com necessário. Passam se anos sem que nenhum tipo de manutenção seja feita e a consequência é o assoreamento do canal e lago e a inundação em Capitólio. Na figura 26 o rio Piumhi na saída do município de Capitólio.



FIGURA 26: Foto do rio Piumhi já no canal de transposição, no município de Piumhi, visto da rodovia que separa os municípios de Piumhi e Capitólio.

*O assoreamento vai fechar a lagoa, ou você tem que cavar ali e fazer uma vala que receberia os detritos da parte alta. Você tá vendo aqui, aroú né, a água da chuva já desceu. Da li você vê nitidamente como a terra revolvida, desce. (Depoimento do Padre José Pimenta).*

*Isso porque a vegetação chama remanso, enchentes, houve o remanso, a água pra escorrer precisa de certo gradiente, precisa ser mais forte a queda pra dá deflúvio, então houve vegetação que aumenta a resistência e que diminuiu a velocidade. Muita vegetação, capim, vegetação rasteira, obstrução de trechos. (Depoimento do Sr. Jamil - Hidrólogo - Secretário da Agricultura de Piumhi).*

Essa vegetação é fruto do assoreamento fazendo o leito ficar raso e com sol até o fundo. Assim, as plantas enraizadas nascem e realmente dificultam a vazão do rio. Mas o assoreamento é o problema. E só pode ser resolvido se for feito um canal mais profundo e sempre retificado, pois a declividade natural é no sentido contrário ao fluxo atual do rio. Existe a necessidade da presença de técnicos no local para melhores estudos do fato, de propostas adequadas e que sejam colocadas em prática. Nas figuras 27, 28 e 29 estão demonstrados problemas atuais gerados pelas inundações no carnaval

de 2008. A infra-estrutura da cidade e a manutenção das obras da transposição não foram acompanhadas de forma adequada.



FIGURA 27: Foto da inundação que fez com que o carnaval de 2008 fosse transferido das margens do rio Piumhi para o centro de Capitólio.

Fonte: Fotos tiradas por Edgar Rodrigues (Secretario de turismo de Capitólio).





FIGURA 28: Foto dos camarotes. A inundação ocorre de forma rápida.  
Fonte: Fotos tiradas por Edgar Rodrigues (Secretario de turismo de Capitólio).



FIGURA 29: Fotos da inundação de casas as margens do rio Piumhi.  
Fonte: Fotos tiradas por Edgar Rodrigues (Secretario de turismo de Capitólio).

A cidade que vivia da agricultura e pecuária passa a viver do turismo, mas problemas de infra-estrutura causados pela construção do canal ainda não são resolvidos. Segundo Silva (1999), que foi padre durante seis anos em Capitólio, e acompanhou a vida da comunidade local, escreve em seu livro, que a sobrevivência do capitolino era a agricultura de subsistência. O turismo aumenta o número de habitantes flutuantes e complica muito o problema de esgotamento sanitário em Capitólio nos meses mais críticos de inundação, o verão, que é a época do carnaval e de alta temporada em Capitólio.

... Os pais e os filhos homens, às vezes, as mulheres e a esposa também, sobretudo se mais pobres e lutadores, dia cedo se punham a tratar dos porcos, galinhas, patos, angolas, perus, a tirar o leite, a fazer o queijo, a comida, a moer a cana, a capinar, a roçar, a descaroçar, cardar e fiar o algodão, para tecer os panos de camisa, calça, colchão, lençol, cobertura; punham-se a fazer quitandas e comida, a arrumar a casa. A família era a unidade de produção. Praticamente produzia tudo que consumia. Raramente se via dinheiro. (...) Começa a multiplicarem-se os rádios, os carros, a melhorar e até a asfaltarem-se estradas, aparece a televisão, etc. A vida começa a ser acompanhada pela indústria, comercio, construção civil e turismo, meios de comunicação social. (SILVA, 1999, p. 205).

A Transposição alterou o modo de vida da população local, mudando a paisagem, seu local de caça, pesca lazer, fonte de renda e modo de vida. Um senhor que pescava e caçava jacarés no pântano, que hoje é uma planície seca, possui um sentimento de nostalgia, ao sentir falta daquela região onde ele foi criado que hoje já não existe mais (Terra da Gente / TV Globo 28/05/2005. Título do Programa: "Transposição e Agonia do Rio Piumhi"). A população local relata a despreocupação do governo ou de qualquer entidade que se beneficiou com a transposição. Existem depoimentos no caso da construção do lago de furnas, que já demonstram a importância de se analisar a percepção da comunidade local, como eles sofrem com as mudanças drásticas urbano-industriais no seu meio ambiente:

“Aqui vou descrever o que disseram alguns colaboradores que testemunharam todo o processo. Esses depoimentos precisam ser registrados, pois a realidade bonita de hoje esconde muitas dores e sofrimentos. (...) A



construção do lago de furnas foi, na época, um transtorno para o povo quase de modo geral, principalmente para os proprietários que foram expropriados de suas terras, às vezes, recebendo indenização muito aquém do valor real, sendo obrigados a se deslocarem para outros lugares. Muitos venderam a propriedade no início dos serviços da construção da usina, com o direito de permanecerem no imóvel até a chegada das águas. Com a desvalorização da moeda e chegada das águas, não tinham mais terras, havendo casos de proprietários serem obrigados a vir morar na Vila Vicentina.” (Pedro Domingos). “Uma mudança geral em todo o município. Alterou a vida da população em todos os aspectos que se possa imaginar.” (Nélio Costa, *apud* SILVA, 1999, p. 209).

Pode se descrever neste depoimento a prática da exclusão, muitos moradores não souberam lidar com a nova situação e foram excluídos dos benefícios advindos pela construção do lago. No depoimento abaixo uma clara alteração ecológica na fauna local.

*A gente desanima, o tanto que precisava investir o povo tá devastando tudo. Aqui o povo é mais pobre, não tem nem condição de desmatar. Agora aqueles projetos milionários, os florestal não vai lá não. Acontece igual aquele homem e aquela mulher que vem de helicóptero blindado... Tem essa Escarpa aí, é chique demais, tem essas cachoeiras que eles vão lá, acampam... Aqui tinha paca, esses animais assim, tinha muito pacu, cotia, inhambu, quati, tatu tinha demais. A cotia aqui foi o que terminou primeiro. A carne era boa demais. Tem um tamanduá, outro dia vimos, tem dias que ele desce aqui embaixo, atravessa a estrada. Agora outro dia também a vizinha disse ter visto uma onça que passou na casa dela. Cobra também tem. Coelho, antigamente corria muito, nem tem mais, lá no grotão que tinha muita cobra. Hoje não. O povo mata muito não. A seriema que come as cobras, agora a seriema que aumentou. Perdiz sumiu, mais ainda deve ter algum. Vinha uns caras com uns cachorros grandes, daí elas levantam e voando pra cima assim, aí que eles levantavam e atiravam... Paturi tem, mais bem pouco. Agora aqueles marrecos, eles mataram. Preá, o povo come de tudo, aqui tinha demais também. Eles dizem que a carne dele é bem molinha. (Depoimento do Sr. Manuel).*

Segundo José Pimenta da Silva, o rio Grande que foi represado pelo lago de Furnas, como seu próprio nome já diz era vistoso, favorecia a alimentação da população. Em suas margens Capitólio tinha terras férteis para a agricultura e pecuária,

boa parte dessas terras ficou submersa, terras de várzea que inundavam no período de chuvas e deixava o solo rico em nutrientes. Hoje as melhores terras estão nas mãos do pessoal da Mendes Junior, empresa que na mesma época construiu a MG-050. Quem vendeu não compra mais, quando muito um lote a beira da água.

Com o passar do tempo as mudanças foram ocorrendo, padre José Pimenta Silva também era professor de história numa escola de ensino fundamental e médio e segundo ele é perceptível a influência que o lago de Furnas, a construção do dique, as obras da transposição do rio causaram e continuam causando na comunidade. Os adolescentes que eram acostumados com o modo de vida rural viram nos visitantes um modo diferente de vida, as motos, os carros, as roupas de grife, as lanchas, o passear e se divertir o dia todo, afinal eram turistas e isso fez com que os adolescentes se sentissem excluídos ou inferiores. Nas figura 30 pode-se observar que o carnaval no município de Capitólio feito exclusivamente com a comunidade local na década de 20 (figura 31 e 32), passa hoje a receber um grande número de turistas se adaptando a estilos de carnavais de outras regiões do Brasil. A época do carnaval em Capitólio é quando mais se recebem turistas. Na tentativa de atrair turistas a prefeitura investe em atrações reconhecidas nacionalmente. Shows tentando copiar os carnavais de outras regiões do Brasil reconhecidas por atrair um grande número de turistas. Turismo que cresce rapidamente, muitas vezes sem planejamento e não respeitando o modo de vida, a cultura local. O fato do carnaval de um estilo da região nordeste do Brasil estar presente nesta região demonstra a importação de modelos de turismo. A pequena cidade de Capitólio passa a receber no lago de Furnas e no rio Piumhi uma grande quantidade de pessoas colocando em risco as belezas naturais e a cultura local.



FIGURA 30: Foto do carnaval da década de 1920. Segundo fala do jornalista faltava luxo, sobrava originalidade. A Festa de 1920 é substituída pelo espetáculo em 2007. Nessa foto as pessoas estão caracterizadas se integrando e fazendo a festa. Na foto seguinte as pessoas estão abaixo do palco assistindo a um show.

Fonte: ALTO, 70 Anos de História. Piumhi, Minas Gerais: Jornal Alto São Francisco. 1990. 24 p.



FIGURA 31: Fotos do carnaval de 2007 de Capitólio realizados as margens da chamada “prainha” formada pelo rio Piumhi.

Fonte: <http://www.carnapitolio.com.br/fotos.html#>. Acesso em: 23 janeiro de 2008.



*Eu acho que a agricultura hoje é muito prejudicada, não tem incentivo não. Então a área que foi inundada; a grande parte era margem do rio Piumhi e rio Grande, mas a produção agrícola hoje é pouco valorizada. Então turismo hoje na ponta, então eu considero que a evolução grande de Capitólio é o turismo graças ao lago. Então se não fosse o lago, Capitólio era outro Capitólio, presenciei antes e depois, quando veio a represa, a insatisfação era geral. Caso se você procurar, uma casa pra comprar era fácil porque achou que aqui não ia valer nada. E hoje Capitólio é um dos lugares mais valorizados aqui da região, né. Escarpas. Tinha viajado muito Brasil, então é muito bonito. A vida de Capitólio é o turista, Deixam o dinheiro mesmo, igual quando a gente sai pra passear.*

*Agora esse ano teve de mudar o carnaval da praia pro centro da cidade devido o excesso da água né. Inclusive pra Piumhi foi muito bom. Hoje Escarpas, Capitólio, dão emprego pra mais de todo dia, de ônibus, de caminhão, carpinteiro, pedreiro. Até dentro da cidade mesmo.*

*(Depoimento do Sr. José Gonçalves Machado)*

Novamente a caracterização das vantagens do turismo em Capitólio, porém no mesmo depoimento uma contraposição. O problema da inundação, fazendo com que a área próxima ao rio Piumhi tenha problemas para ceder o carnaval. Na figura 33 pode-se perceber as riquezas produzidas em Capitólio pelo turismo. Segundo o site que colocou a casa a venda, a descrição do imóvel é a seguinte: valor R\$1.800.000,00 - Casa na "MARINA". Ultra luxo. Terreno 1200 m<sup>2</sup>. Casa com +- 1000 m<sup>2</sup> de construção em 2 pavimentos. Venda de porteira fechada. Possui 4 suítes, sendo 2 com hidromassagem, todas com TV sky e parabólica. Ampla sala de TV com sky, 2 salas de estar, sendo 01 com lareira. Lindo jardim de inverno. Sala de jantar, dispensa, cozinha, quarto de empregada com TV, parabólica e banheiro. Possui aquecedor solar, piscina grande aquecida, pier coberto sobre as águas da represa de Furnas, rampa para barco e garagem de barco. Cozinha completa na área de lazer com TV 42" e sky, churrasqueira, sauna, ofurô hidromassagem. Possui ainda 01 suíte com TV e parabólica na área de lazer.





FIGURA 33: Foto de uma casa colocada à venda em “Escarpas do Lago”, bairro de Capitólio. O pequeno município de Capitólio tem um bairro que recebe milionários de todo o Brasil, principalmente da região de Ribeirão Preto/SP. Casas luxuosas, Heliportos e uma série de elementos que caracterizam o turismo de pessoas com alto poder aquisitivo na região.

Fonte: [http://www.icapitolio.com.br/i\\_imoView.asp?id=320](http://www.icapitolio.com.br/i_imoView.asp?id=320). Acesso em: 23 abril 2008.

Em visita ao dique percebe-se que Furnas, hoje, está colocando uma cerca de proteção no contorno do dique e que agora tem vigias. Para a proteção da comunidade? Segundo várias reportagens e entrevistando moradores e um radialista conhecido como repórter do povo, diz que essa atitude de Furnas, começou no governo estadual de Itamar Franco em Minas Gerais, quando Fernando Henrique Cardoso que era o presidente da república, realizava privatizações. Sentindo o risco da privatização de Furnas, Itamar se instala junto a uma comissão de políticos e ameaça arrebentar com o dique o que levaria a água de Furnas para o rio São Francisco esvaziando o lago de Furnas e comprometendo a geração de energia de várias usinas hidrelétricas pertencentes a Furnas e a CHESF. Existe um reconhecimento nacional da importância do dique de Capitólio, do rio Piumhi, e de sua relação com o rio São Francisco e rio Grande. A reportagem e os depoimentos abaixo relatam a história:

“Em meio aos boatos, o secretário de Minas e Energia, Paulino Cícero, convocou uma reunião fechada com os 20 comandantes da PM para discutir a ação nas margens de Furnas, o primeiro exercício fora da região metropolitana de Belo Horizonte, e com um contingente oito vezes e meia maior que os 300 soldados das manobras anteriores. No início, 17 dos 20 coronéis foram contra, com os argumentos de que a operação ficaria cara para uma PM sem recursos e com salários baixos. Após ouvir o relato de Cícero, Itamar deu um violento murro na mesa e mandou um recado duro aos coronéis. “O comandante-em-chefe da Polícia Militar sou eu”, gritou Itamar. “Eu não falei em explodir dique em nenhum momento. Mas, se fosse este o caso, não precisaria da PM. Sou engenheiro e, com mais cinco colegas engenheiros, poderia fazer este serviço.” O troco pesado de Itamar acabou levando todo o comando a aceitar a idéia e a manobra foi confirmada. A assessoria do governo informou que Itamar encontrará os soldados em Furnas na terça ou na quarta-feira. Entre as atividades programadas durante a visita, está a explosão de uma casa, para testar artefatos da PM. Itamar negou que tivesse pensado em abrir o dique de Capitólio e colocar a PM para lutar, mas ninguém se convenceu com os desmentidos. “Tenho uma espingarda velha em casa. Vou comprar munição para defender Furnas, se for preciso”, garante o engenheiro agrônomo e prefeito de Guapé, José Dalton Barbosa (PSD). Pode ser que o projeto seja fruto da imaginação de alguns, mas o fato é que Itamar conseguiu o apoio da grande maioria dos mineiros em sua luta e, aparentemente, fez o governo pisar no freio em relação à privatização de Furnas.” Disponível em <http://www.terra.com.br/istoe/brasileiros/1999/10/08/000.htm>. Acesso em: 13 janeiro de 2009.

“A manobra foi planejada como um protesto bélico e simbólico contra a privatização de Furnas, a companhia federal de geração e distribuição de energia, cujo dique está localizado na cidade de Capitólio.” Disponível em: [http://veja.abril.com.br/201099/p\\_054.html](http://veja.abril.com.br/201099/p_054.html). Acesso em: 20 maio de 2009.

*O Itamar ameaçou bombardear isso daqui. As águas de Furnas iam correr pra cá. A policia toda ficou aqui. Ali foi a sede, ali foi a casa de governo. O Itamar despachou aqui. O Agrives, a tropa dele toda estava aqui, daqui ele foi pra Brasília, nós padres tivemos aqui para hipotecar apoio a ele, para não privatizar Furnas. (Depoimento do Padre José Pimenta Silva).*

*O JK veio, quando inaugurou a usina ele veio. Num sei se ele chegou a vir aqui. Na época da construção aqui da barragem. Na época quem chegou a trabalhar aqui foi Itamar Franco, acho que ele é engenheiro. Ele chegou a trabalhar aqui nessa região, na construção da barragem. Me parece que ele me falou isso quando ele veio aqui naquele protesto contra o FHC. Ele ia, falava em transpor essas águas de Furnas para o São Francisco, abrir aqui o dique. Então o pessoal, ele me falou aqui que trabalhou aqui nessa barragem. Na época ele trouxe pra cá foi os soldados, o batalhão, trouxe acho aqui mais, se não me engano, mais de dois mil policiais. Ficou uma parte aqui na fazenda do papai e uma parte em Furnas. Pra fazer um protesto grande. Ai vieram aqui o pessoal, o preparo pra receber o governador. Vieram o pessoal de Passos, acho que o Deivisson, ele veio aqui falar comigo, se a gente podia receber o Itamar, se o pessoal podia acampar aqui. Num sei se a gente*

*falasse não, se eles viriam acampar assim mesmo, talvez viriam assim mesmo. Mas claro, fomos receptivos, recebemos bem. O Itamar passou o dia todo aí comendo pão de queijo. As principais redes de comunicação de todo o país estiveram aqui. (Depoimento do Sr. José Carlos Soares Carlito).*

*O Itamar era contra a privatização de Furnas então tava muito, muito provável que eles iam privatizar Furnas. Então Itamar fez uma pressão. Contra o governo da época Fernando Henrique. Não tenho muita certeza não mais acho que foi no seu segundo mandato. Então eles vieram acamparam aí, uma pressão mesmo pra não privatizar.*

*Eles falaram em rompimento do dique e realmente se quiser a usina de furnas para. Porque o dique não precisa destruir ele, se abrir suponhamos uma parte do dique pra água quando ela ta cheia, ela está a 20 metros da de cá. E segundo informação que eu tenho a margem de movimentar a usina é de 18 metros de lamina da água. Então se você tirar 25 a usina para né. Porque lá em cima tem umas turbinas assim pra dar pressão, então se baixar 18 metros a usina não funciona e aqui pode baixar 25.*

*Então tem jeito, Itamar fez aquela ameaça, veio mesmo pra qui e eles falaram em 2500 soldados, acamparam aqui nas imediações.*

*Mais aqui foi uma movimentação; adiantou que não privatizou. Mais eu não acho que é por isso não. Igual eu to falando, jeito de se abrir o dique acaba com a usina mesmo, porque o dique é pra aumentar o reservatório. (Depoimento do Sr. José Gonçalves Machado).*

### **5.2.2 - Piumhi: Os canais da transposição**

Com a construção do dique de Capitólio, o rio Piumhi teve de ser desviado para o córrego Água Limpa através de um canal artificial. Como as águas do rio Piumhi corriam no sentido de Capitólio, foi necessário aprofundar o leito do rio Piumhi, fazendo um outro canal, para que as águas que drenam o município de Capitólio pudessem ser escoadas também para o rio São Francisco através do córrego Água Limpa e do ribeirão Sujo. Sendo assim, o rio Piumhi hoje corre para o rio São Francisco em canais artificiais e canais naturais de um córrego e depois um ribeirão, o que provocou um aumento significativo de volume nesses corpos d'água provocando problemas de erosão. Portanto o rio Piumhi, o córrego Água Limpa e ribeirão Sujo tiveram suas estruturas alteradas, ficando sem mata ciliar, desprovidos de proteção.



Uma forte alteração no ecossistema regional. Nas figuras 34, 35 e 36 pode-se perceber a realização das obras nos canais do rio Piumhi momentos antes do rio passar a correr em seu novo leito, o momento da abertura e o rio no seu leito atual.

*Enche, agora que enche direito. As vargens tá tudo cheio. Fez o dique lá, pois então tampou, a água corre mais não corre tudo, água num tem espidiência, então a água num corre, tá tudo cheio. (Depoimento da Sra. Maria Alves Ferreira).*

*Quando eles estavam limpando o rio, a companhia pegou ai uma turma, ficou ai dormido numa barraca, ai uma semana dormia na barraca e trabalhava. O fiscal de Belo Horizonte ligava. Ao invés de vir calado, não, ligou que vinha. Eles dreno um pedaço raso. Aonde ta cheio desse jeito, desse jeito aqui é por causa disso: pra aparecer serviço. Em uma semana ele teve que trabalhar, fazer serviço de duas semanas.*

*Fazer a máquina andar beirando o rio, ai eles capinaram, só num afundou o rio. A coisa que era preciso. (Depoimento do Sr. Otávio Alves Ferreira).*

Esses depoimentos acima são dos moradores que moram o mais próximo do início dos canais. Não foi fácil achar moradores na região que acompanharam as obras da transposição, que estavam antes na região e que lá ainda estão. A maioria dos moradores tinha se mudado para a região recentemente. Portanto essa é uma das últimas oportunidades de se poder descrever a história a partir das falas dos moradores. Nos depoimentos acima se percebe o início das obras sendo relatado. A obra não foi bem feita. Foi feita as pressas e os canais não foram feitos com a profundidade correta, de acordo com os moradores, por isso as inundações ocorrem.

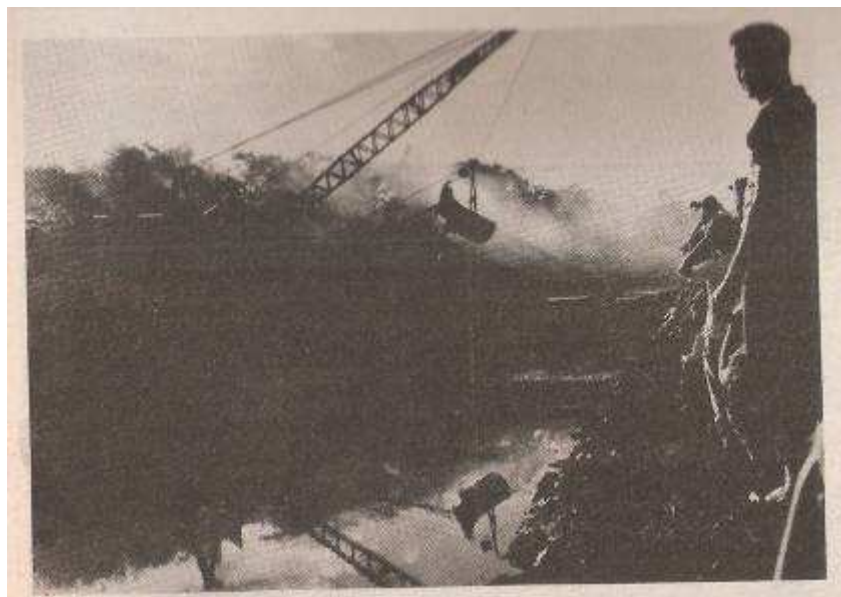


FIGURA 34: Fase das obras nos canais rio Piumhi.

Fonte: ALTO, 70 Anos de História. Piumhi, Minas Gerais: Jornal Alto São Francisco.

Nessa foto aparecem as obras iniciais dos canais. Esses equipamentos eram de grande porte e segundo moradores alguns foram abandonados e ainda podem ser vistos na região. Toda a terra que está sendo tirada do fundo do rio ainda pode ser vista entulhada ao lado do rio como mostra a figura 37.

*O rio corria pra baixo, agora eles pois correr pra cima. Eles veio limpando o rio do porto pra cá e ai mudou, pois o rio corria pra lá. Foi só drena e secou. Num demorou dois anos. Eles drenô lá pro lado da Mutuca, lá prós Almeida, Roseira, tudo ali é o rio Piumhi. E veio drenando pra cima. O pântano ai no porto eles trabalhou com água na cintura. E mutuando pra por os paus, pra por as dragas, trabalha gangorrande. Pegava um bambu, chuchava assim e ia embora, agora ta tudo seco, na mão dos fazendeiros, na mão de quem não precisa. (Depoimento da Sra. Maria Alves Ferreira). .*

Nesse depoimento da entrevistada são colocadas as rápidas transformações na região, “Foi só drena e secou”. A região que antes tinha água em abundância logo após a drenagem já começa a diminuir essa quantidade. Logo após essa área geográfica dos primeiros canais existia um pântano que teve de ser drenado, portanto a região da Sra. Maria Alves Ferreira também era uma região que era favorecida por essas águas e que também possuía algumas áreas alagadas. Atualmente como já foi mostrado na figura 32 o rio tem áreas onde ele é realmente um canal estreito. Também nesse depoimento é

falado da questão da posse da terra, as áreas que eram pântanos estão atualmente nas mãos de grandes fazendeiros, terra fértil e de qualidade, essa questão será melhor demonstrada na próxima região geográfica a ser analisada.

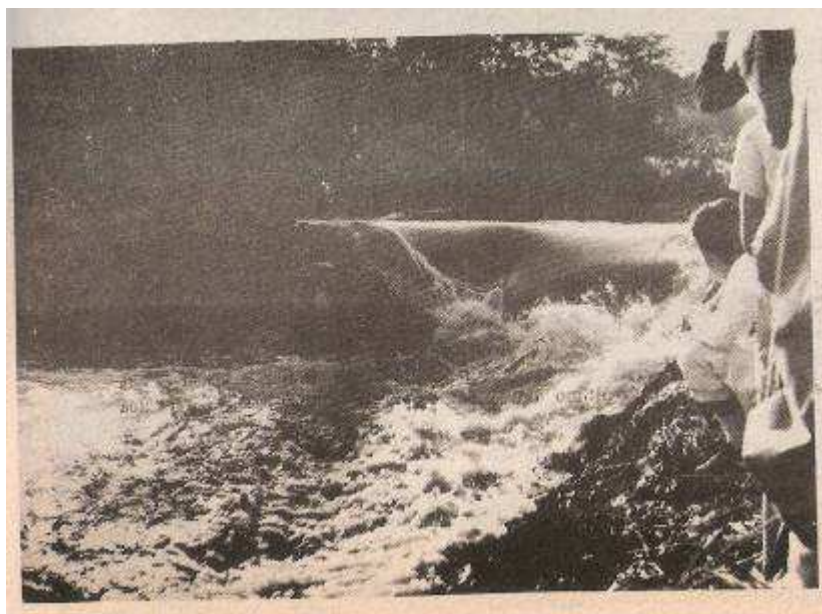


FIGURA 35: Momento exato em que o canal é aberto e as águas do rio Piumhi passam a fluir pelo seu novo leito.

Fonte: ALTO, 70 Anos de História. Pimhui, Minas Gerais: Jornal Alto São Francisco.



FIGURA 36: Foto do rio Piumhi em seu novo curso logo após a abertura do canal.

Fonte: ALTO, 70 Anos de História. Pimhui, Minas Gerais: Jornal Alto São Francisco.



FIGURA 37: Foto do rio Piumhi na atualidade em seu curso já alterado. Ao lado do rio, montes de terra que foram retirados para formar o canal.

Nas fotos acima (figura 36 e 37) pode-se perceber que a quantidade de água era bem maior do que é hoje. Percebe-se também que o leito do rio deixa de ter a sinuosidade natural e passa a ser um canal reto. Essa imagem fica bastante clara quando se observa por uma visão aérea do lugar, como mostra a imagem do Google Earth (figura 51). O rio foi totalmente modificado, deixando de ter seus meandros e passando a correr de forma linear. Nos depoimentos abaixo a beleza, a qualidade e quantidade de água do rio no passado é retratada. O rio hoje não tem mata ciliar, tendo em suas margens um monte de entulho que foi retirado do seu leito no passado. Como demonstrado nos depoimentos abaixo o rio está assoreado. Os canais não eram profundos e não sofreram limpezas adequadas. O material carreado das encostas dos morros de Capitólio, “até mesmo, porque atualmente é uma região altamente requisitada tanto para construção urbana, quanto para uso da agricultura e pecuária”, como demonstrado no depoimento do Sr. José Pimenta (página 50)” e o próprio esgoto de Capitólio fazem com que o rio não tenha a vazão adequada, passando por esse problema de assoreamento.

*O rio era coisa mais linda, mais era água demais que tinha! Então eu tenho a impressão que lá no Capitólio a água não tá dando queda pra lá é porque ele tá muito sujo. Ele era fundo. Ele era daquela largura que ele é aqui. Só tem que o povo servia da água dele, era limpinho a água dele, as*

*dragas trabalhou nas beradas, atrapalhou tudo, desmanchou as beiradas dele. Mas ele era daquele jeito ali mesmo. (Depoimento da Sra. Maria Ferreira da Silva).*

*Nós planta ali naquela vargem, enchia só quando dava uma enchente muito forte, chuva muito forte, enchia mais logo esvaziava, quando ele corria pra lá. (Depoimento do Sr. Otávio Alves Ferreira).*

Na foto 37 fica evidente a falta de profundidade do canal para que o mesmo dê vazão ao grande volume de água no período de cheia como mencionado pela moradora anteriormente.

Como pode-se perceber a exuberância da natureza marca a memória da população local, eles relatam a quantidade de água que existia no rio Piumhi antes da transposição, uma região com água de qualidade e com uma grande quantidade de peixes.

*Mais tinha o pântano também, aquela vargem que tinha pra lá. Ta plantado de cana, você pode olhar ali enchia d'água no tempo das águas. Mais era uma água limpinha não tinha sujeira não. Assim o povo servia com água do rio. Aquelas árvores, você vai passar por ali enchia tudo de água. Desse corguinho aqui. (Depoimento da Sra. Maria Ferreira da Silva).*

*Teve uma vez que Otávio plantou um arrozal ali perto do rio, o arroz tava me encobrindo, tava soltando casca. Nós passo lá no meio do arrozal domingo. Quando foi a noite deu uma chuva, quando foi segunda feira amanheceu tampadinho, até as pontas do arroz tava tampada. Tampou tudo e foi até o arroz apodrecer, o peixe cortou tudo. (Depoimento da Sra. Maria Alves Ferreira).*

*Você ia andar assim, eles batia na perna da gente. De primeiro quando você saia uma hora dessa da tarde com o anzol, tinha água, você jogava o anzol num levava cinco minutos a traira puxava. E era traira de um quilo e 200, num era trenzinho michado não. Era coisa boa mesmo. Piorou foi essa lei profissional, eles pesca mais usa muita rede, o peixe acaba. De primeiro o povo pescava era assim, quando fechou o dique ali num tinha pescador profissional, n/é. O povo de Piumhi, de Capitólio, vinha eles, num deixava pescar lá. Mais eles viam perguntava: posso deixar o carro aqui? Eles viam, pescavam. Pode entrar aí, pode ir lá pro rio, pode ir lá pescar. Aí quando o povo conheceu, todo sábado e domingo aqui ficava cheio de*

*carro. Às vezes tava saindo um carro tava chegando outro. Eles pegavam três, sete, traira. Deixa domingo nós volta. (Depoimento do Sr. Otávio Alves Ferreira).*

*Pesca não. Pescava pra comer né. Às vezes fogava o arroz aqui, falava: Otávio, podia lá buscar um peixe né pra nós. Ele ia lá e trazia o peixe. Era só jogar o anzol. Pial não, peixe cavalo, você conhece? Pois é ficava debaixo das gameleiras.*

*Agora depois deles drená. Acabou tudo. Agora num tem mais rio não. As vargem tudo é rio. Você nem separa o rio. O rio tá mais sujo que a Vargem. Os peixe tá acabando também, é porque os pescador pega muito, n/é. De primeiro eles pescava, num aguentava levar os peixes. Deixava a rede dentro do rio. O Otávio foi lá e viu tava cheinho de peixe, ai deu pros porco, porque já tava cheirando ruim, num agüento levar né, era ruim. (Depoimento da Sra. Maria Alves Ferreira).*

Como pode-se notar nesses depoimentos existia uma forma de turismo na região antiga do rio Piumhi, sua fartura de peixes e a beleza natural atraia as pessoas para suas margens. Os depoimentos também demonstram que a área era utilizada para plantação de arroz que existia a facilidade para pescar peixes, a pesca para subsistência que segundo os depoimentos foi substituída ou sofre competição com a pesca voltada para o comércio (pescar com redes, profissional).

Como pode-se perceber nas figuras 38 e 39 a primeira área que segue saindo de Capitólio para a zona rural de Piumhi sofre alterações visíveis, a área conta hoje com agricultura e pecuária de subsistência, mais também aparecem traços de agricultura comercial, aproveitando a terra fértil que ficou sobrando com um alagamento bem menor das águas do rio Piumhi.





FIGURA 38: Foto da área próxima ao rio Piumhi na entrada da zona rural do município de Piumhi saindo de Capitólio.

*Plantava. Hoje pra plantar tá muito difícil, semente ta muito cara, adubo muito caro, aração, hoje num tem: de primeiro era arado de boi, agora num tem mais arado, não tem boi. Tem que pagar trator, trator ta muito caro.*

*Ai num planta. Como é que planta? Hoje só planta quem tem trator. Hoje você arruma, eles vai plantar o deles primeiro pra depois vir, hora que ficar atoa que eles vêm, por causa disso. Esse ano até se tivesse plantado até que dava. Tá bão pra chover né? (Depoimento da Sra. Maria Ferreira da Silva).*

Pode-se observar por esse depoimento, até mesmo pelo ritmo em que ele foi falado, a dificuldade para se manter a agricultura de subsistência na região. A região possui terra fértil, a quantidade de chuva é adequada. O depoimento lembra a forma de plantar utilizando técnicas simples como o arado de boi, que hoje o morador encontra dificuldade em manter. Na foto abaixo a criação de gado também comercial próximo ao rio Piumhi. E no depoimento a seguir a resistência da natureza.



FIGURA 39: Foto da área próxima ao rio Piumhi na entrada da zona rural do município de Piumhi saindo de Capitólio.

*Eu acho mais bonito agora. Porque tem mais largueira, como diz o caso: lugar de plantar tem pasto pra criação. Capivara tem demais. Jacaré ainda tem. Eu tava no capim. Quando eu cheguei cedo, até certa hora. Ele saiu na enxada. Num via muito não. Um dia nós via os jacarezinho. (Depoimento da Sra. Maria Ferreira da Silva).*

Na figura 40 percebe-se que o nível de água não é muito grande na região, que segundo os moradores era uma área inundada. Toda essa área retratada nos depoimentos da Sra. Maria Ferreira da Silva, e do Sr. Otávio Alves Ferreira podem ser bem observados nessa foto.





FIGURA 40: Foto da área do rio Piumhi na divisa dos municípios de Capitólio e Piumhi, vista da propriedade do Sr. Otavio Alves Ferreira e da Sra. Maria Alves Ferreira.

Na figura 41 está demonstrado a região do rio Piumhi que já foi abundante de água e hoje é retratada como uma região bem mais seca. Essa percepção é demonstrada a partir de relatos que corroboram com a diminuição das espécies de animais.

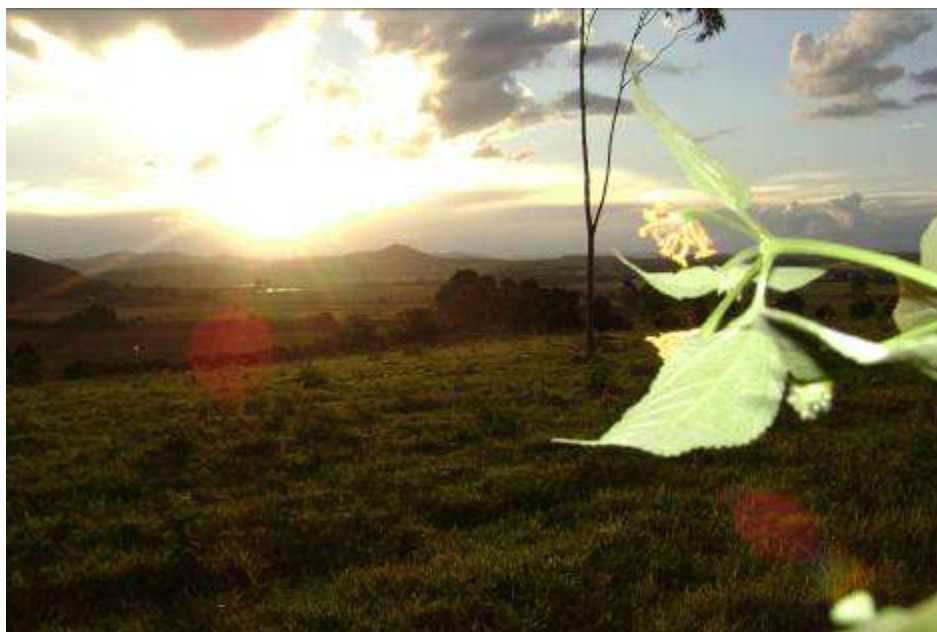


FIGURA 41: Foto da área do rio Piumhi na atualidade.

As alterações feitas no rio Piumhi chamam a atenção da comunidade local que mesmo mostrando-se satisfeitas na atualidade têm recordações que demonstram um choque de uma espécie de modernismo instantâneo que não atingiu a todos (figura 42). A região segundo moradores apresentava um grande número de espécies de animais que não mais se vê.



FIGURA 42: Foto da Sr.ª Maria Ferreira da Silva de 80 anos em sua modesta casa próxima ao rio Piumhi na zona rural do município de Piumhi.

Na figura 43 esta a capela do distrito de Penedo, um pequeno arraial do município de Piumhi. A partir desse arraial, seguindo para a área urbana de Piumhi há grandes fazendas de agricultura e pecuária comercial que aproveitam a terra fértil cedida pela canalização do rio Piumhi e o secamento parcial do pântano que ocupava aquela região. A região que era um pântano que foi drenado por causa da transposição do rio Piumhi apresenta características que a diferenciam das regiões até agora apresentadas nesse texto. Como se pode perceber a próxima região geográfica da área da transposição a história é outra.



FIGURA 43: Foto da capela no distrito de Penedo na zona rural de Piumhi.

*Era difícil, a água vinha até muito aqui em cima então eu morava de lá, então se a gente quisesse passar pra cá tinha de passar de canoa e quando chegava na beirada do rio de cá a gente gritava e aí a canoa vinha buscar a gente pra lá, então era meio ruim num era? (...) então pra gente ir lá tinha de voltar de canoa, era muita água, como eles virou a água pra lá, secou tudo e não atrapalhou o caminho. Mais ele era um rio, ali na ponte, era rio, agora pra cima era pântano até lá no aterro, agora é fazenda, ali tudo era pântano. (Depoimento da Sra. Maria Ferreira da Silva).*

*O governo drenou mais largou n/é os fazendeiros estão apoiado no terreno n/é. Num paga quase imposto nenhum. Esses fazendeiros paga micharia. E brigas? Teve não. Pra lá que deu. Pra ponte do rio pra lá que teve. O povo mais imbecionceiro, n/é? Até eles mataram dois lá, n/é. Matou dois lá por causa de terra. Eles tavam demandando lá e medo de perder a demanda matou. (Depoimento do Sr. Otávio Alves Ferreira).*

### 5.2.3 Piumhi: Alterações no pântano, foz do rio Piumhi.

*Mais o resultado que teve é igual a transposição do rio São Francisco, viu, foi tudo pro rico. O rico vai usufruir de todo benefício, o pobre vai ficar sendo tratado de caminhão pipa, como é hoje. (Depoimento do Sr. Orilde).*

Segundo Moreira Filho (2006), para mudar o curso do rio Piumhi foram construídos canais, o rio Piumhi formava um pântano que foi dragado e os córregos da região passaram a se juntar a essas águas e escorrer por esse canal. “Portanto o rio Piumhi e seus vinte e dois afluentes passaram a correr por aproximadamente dezoito quilômetros de canal até o córrego Água Limpa. Em parte de seu percurso atravessava uma região de planície alagada com mais de 38 Km de extensão, denominada antigamente como o pantanal do rio Piumhi.” ( MOREIRA, 2006) (Disponível em <http://www.transpiumhi.ufscar.br/historico.htm>. Acesso: 23 julho 2007). Atualmente o rio Piumhi, vem tanto de suas nascentes na divida do município de Piumhi e Vargem Bonita, como do refluxo do município de Capitólio através de um canal artificialmente construído e se encontra, no município de Piumhi, com o rio São Francisco.

*Atravessava aquilo era de canoa. Extensão grande assim. Meu sogro era de lá do pântano, era como se fosse uma lagoa. Ele pegava de Vargem Bonita, até Capitólio. Pegava um terreno bom de Piumhi, pegava tudo. Depois veio um português morando aqui em Piumhi, ele fez um aterro. No caso, de carro de boi, no braço, montou pedra pelo pântano a fora e abriram uma estrada.*

*Depois veio essa drenagem do rio. E o aterro desapareceu. O aterro tinha uns 500 metros de comprimento, passou até a ponte. (Depoimento do Sr. Jamil).*

Por esse depoimento percebe-se que essa região do rio Piumhi formava uma grande extensão alagada que os moradores tinham desejo de aproveitar para agricultura e pecuária. Antes da transposição do rio Piumhi houve tentativas de aterro. Nas entrevistas nessa área foi difícil tentar levar o entrevistado a relatar impactos ambientais, pois o desejo de todos os entrevistados era falar sobre a questão fundiária. Quando esse pântano secou essa área foi ocupada por grandes fazendeiros. Atualmente grandes latifundiários. As entrevistas nessa área não ocorreram na zona rural, antes a

região era um pântano, portanto sem moradores. A região é muito grande e não se encontrou moradores perto, pois hoje como foi dito são grandes fazendas. As entrevistas foram realizadas com moradores que moravam na época, próximo a essa região rural e que hoje moram na cidade de Piumhi. Houve algumas tentativas de falar com os grandes fazendeiros, mas não foram conseguidas as entrevistas.

*Tinha lugar que era plenamente alagado. Aqueles de cota inferior. O Zé Neca, ex prefeito de Piumhi tinha uma fazenda nas imediações, foi o primeiro a abrir um dreno, chamada vala do Zé Neca, ele já drenava o pântano para a água limpa. E foi exatamente em cima desse dreno, feito a base de enxada. Simbre, uma firma do RJ fez a dragagem do rio Piumhi para a Água Limpa. A firma Simbre, feita pelo DNOS. (Depoimento do Sr. Jamil).*

Como se pode perceber nos depoimentos havia um desejo pelo uso da terra. Essa sensação de injustiça está muito forte nos depoimentos, mas não se pode deixar de registrar a importância ambiental dessa região. A região possuía belezas naturais de altíssima importância. Um importante ecossistema que foi devastado.

*E demorou muito, eles trabalharam aqui uns 10 anos. Muita coisa além do canal, eles drenaram o rio Piumhi. Eles faziam um canal aqui, um outro ali, pra ir secando. A finalidade deles mais era deixar a terra produtiva. Isso foi idéia dos fazendeiros. Puseram na cabeça dos políticos e eles vieram ai. Agora a finalidade era a lei, o que ta escrito na lei era pra repartir com o pobre. (Depoimento do Sr. Orilde).*

Segundo alguns entrevistados o que aconteceu na época foi que alguns fazendeiros quiseram fazer por entender que na escritura da propriedade estava escrito que sua determinada propriedade ia até as margens do rio Piumhi e que como agora o rio Piumhi tinha diminuído de tamanho, deixando de ser pântano para ter um leito (praticamente em formas de canais), era só chegar a cerca de sua propriedade até as margens dos canais. Mas muita terra foi desapropriada pelo governo para fazer a obra da transposição e terras ficariam para reforma agrária. Nos anexos a dissertação está a

Lei de 7 de dezembro de 1962 que Cria o "Condomínio Rural de Piuí" e dá outras providências. Leis que no governo do presidente Fernando Affonso Collor de Mello foram revogadas. Como escreveu Moreira:

“Outro fato de grande importância relacionado à transposição do rio Piumhi foi o conflito de terras que ocorreu logo após a drenagem do Pantanal, denominado na época Pantanal do Cururu. Para efetivação da transposição, foi necessário realizar uma ampla desapropriação de terras, exemplo disso é o decreto número 53.498 assinado em 27 de janeiro de 1964, pelo então presidente João Goulart. (...) A partir dessa desapropriação, iniciam-se conflitos entre os fazendeiros e os meeiros plantadores de arroz. Esses conflitos prorrogam até a consolidação da ditadura no país.” (MOREIRA, 2006).

Segundo o jornal Alto São Francisco, de dezenove de janeiro de mil novecentos e sessenta e quatro, com a reportagem de título “Pântano: Prossegue o litígio em torno dos terrenos tomados as águas.”: Existia uma disputa pelos terrenos que secaram com a transposição do rio Pimhui. Como o rio formava um pântano, para o transporte das águas, por um canal artificial, essas águas foram dragadas e esse pântano secou em parte. Como essas terras eram de alta qualidade foram disputadas. Eram vinte mil hectares de terras drenados pela União e que acabaram pertencendo aos fazendeiros que tinham suas terras contínuas ao pântano. (Jornal Alto São Francisco, 19/01/1964).

Segundo Ferreira (2006), a população rural no Brasil passava por fome e miséria e para que isso não fosse um entrave à industrialização e ao desenvolvimento a idéia de reforma agrária se coloca tão presente: “(...) a partir de 1940 e que atingiram um dos momentos de maior intensidade no início da década de 1960, durante o governo João Goulart. Consolidou-se nesse período a visão de que havia uma questão agrária a ser resolvida.” (FERREIRA, 2006, p. 57).

*Foi na época do João Goulart. Os trabalhadores queriam as terras pra eles, começaram a cultivar, plantaram arroz, muito arroz, uma produção enorme de arroz.*

*O arroz que deu na época foi muito grande, e o arroz naquela época o Brasil não produzia como hoje. O que desenvolveu aqui foi o arroz.*

*Já existia os fazendeiros, eles tinham cercas que já chegava até lá na margem do rio. (...) Melhor região em termo de terra. (Depoimento do Sr. Jamil).*



*Virou um ambiente pra fazer pasto muito bom. Então só que era briga. Os ricos os fazendeiros em cima dos pobres. Os pobres defendendo. Teve muita gente contra, Aquela ID4, de Juiz de Fora veio aqui prendeu, porque o padre aqui era comunista, o professor era comunista. Então na época que era ditadura veio exército aí para prender, chegou a prender uns aí. Prendeu porque eles estavam fazendo ameaças lá no pântano. O rico querendo a terra e o pobre pensando que iria ficar com a terra. Mais o resultado que teve é igual a transposição do rio São Francisco, viu, foi tudo pro rico. O rico vai usufruir de todo benefício, o pobre vai ficar sendo tratado de caminhão pipa, como é hoje. (Depoimento do Sr. Orilde).*

Segundo José Pimenta da Silva, esta área coberta de água desde os primórdios, oferecia peixes, jacarés, capivaras, patos e agregava outras inúmeras espécies de animais que formavam e equilibravam um ecossistema, parte dessa área já era utilizada para a agricultura e pastagem, a maior parte dessa área pertence a Piumhi. Em seguida a figura 44 mostra como era o pântano antigamente, uma região alagada e pouco habitada e na figura 45 a região atualmente, terra fértil bem aproveitada; na foto a criação de gado por grandes fazendeiros.



FIGURA 44: Foto do pântano, na década de 1960, pouco antes da transposição.

Fonte: ALTO, 70 Anos de História. Pimhui, Minas Gerais: Jornal Alto São Francisco.



FIGURA 45: Foto atual do pântano. Criação de gado por grandes fazendeiros.

*Isso era água direto. Tinha um cara que vivia pescando. A gente andava de canoa. Eu andei de canoa aqui em cima com água. A gente usava uns bambus no chão e empurrava, era razinho. Canoa andava uma distância. Eu pesquei muito peixe aqui. Nossa era peixe demais. Agora tem peixe branco, boi. Tudo gado, tudo pelo social. Risos (Depoimento do Sr. João).*

Como foi dito, os entrevistados focaram bastantes suas falas na questão fundiário, mas também por esses depoimentos se percebe a riqueza que era esse pântano que o rio Piumhi formava, com grande quantidade de água de qualidade e com grande variedade de espécies vegetais e animais. Toda essa alteração desequilibrou o ecossistema local, como demonstra os depoimentos abaixo, jacarés invadindo os sítios, atacando galinhas. Uma região alagada que deu lugar a monoculturas voltadas para a venda, como é o caso do café em Piumhi que é exportado para diversas regiões, inclusive internacionalmente. Só ficou na memória das pessoas, pois houve dificuldade até mesmo para se conseguir fotografias, para se ter noção de como era o rio Piumhi neste local no passado.



*Nós poderíamos fazer hoje um turismo ecológico, pegar aquelas trairá grandonas, jacaré, capivara. Hoje nós temos fazendeiros enfrentando problema nesses bicos de pântanos com água. Isso tudo deve ter contribuído pra diminuição de nível de lençol freático. (Depoimento do Sr. João).*

*Ficou pior porque hoje ta cheio de fazenda, ta cheio de gado, cheio de plantação. Na natureza devastou tudo, hoje não tem nada. Hoje é café e gado, gado e café é o que tem mais aí. Você anda uma extensão enorme, e só vê plantação, num vê mais nada.*

*Jacaré até tem algum aqui ultimamente, mais jacaré ta dando é no quintal das galinhas, eles estão é matando o jacaré, sei de um episódio aí, não tava conseguindo criar mais galinha, ela teve me matar jacaré. (...) De vez em quando ouve falar que fulano assim vê um jacaré. Jacaré praticamente dizimado. (Depoimento do Sr. Jamil).*

Toda essa região fica muito próximo a foz do rio Piumhi no rio São Francisco. Rio São Francisco que hoje recebe os detritos do rio Piumhi que não fazia parte de sua bacia. O rio São Francisco que na região também era muito mais cheio de riquezas naturais. Riquezas essas que estão sendo ameaçadas já na região das nascentes. A região onde o rio Piumhi agora junta-se a ele. No jornal Alto São Francisco de sete de maio de mil novecentos e setenta e sete foram disponibilizadas as fotos que representariam os prejuízos causados a natureza com a transposição, já registradas alguns anos após sua realização (figura 46, 47 e 48):



FIGURA 46: Foto que mostra a fartura na região do rio São Francisco, próximo ao rio Pimhui, na década de 1970.

Fonte: Fonte: ALTO, 70 Anos de História. Pimhui, Minas Gerais: Jornal Alto São Francisco.

“Houve um tempo em Piumhi, em que a natureza foi mais pródiga. Hoje dificilmente se reproduziriam cenas como as das fotos tiradas na década de setenta: acima tradicionais caçadores da cidade; abaixo, pescadores exibindo surubins apanhados no São Francisco”. ALTO, 70 Anos de História. Piumhi, Jornal Alto São Francisco. 1990. Pág. 110. Reportagem de 28 maio 1977.



FIGURA 47: Exuberância de peixes na região do rio São Francisco, próximo ao rio Piumhi, da década de 70.

Fonte: Fonte: ALTO, 70 Anos de História. Pimhui, Minas Gerais: Jornal Alto São Francisco.



FIGURA 48: A caça e a pesca eram comuns na região do rio São Francisco próximo à região do rio Piumhi, na década de 70.

Fonte: Fonte: ALTO, 70 Anos de História. Pimhui, Minas Gerais: Jornal Alto São Francisco.

A cabeceira do Rio Piumhi composta de várias outras sub bacias, apresenta hoje, interferências naturais e principalmente antrópica, com alguns sinais de degradações, (olhos d'água desprotegidos, cursos d'água com matas ciliares mais estreitas do que a faixa institucionalizada, erosões laminares, voçorocas e assoreamentos dos corpos hídricos), que têm impedido a plena produtividade, determinada pelo potencial tecnológico já utilizado, mas cujas taxas de retorno, nas produções agropecuárias, não condizem; e por vezes, vem causando poluições, tanto pelas águas servidas e pelos esgotos sanitários ou vasilhames e embalagens contaminados de agrotóxicos, não devolvidos; originando assim, decréscimos qualiquantitativos nas águas superficiais, exceto nos quantitativos das cheias; o que em suma, tem culminado com o êxodo do homem do campo, perda de biodiversidade, decréscimos na potencialidade de sustentabilidade nesta importante sub bacia. Outros fatores alheios, de cunho econômico e de complexidade ou dificuldade por parte do homem do campo, no que diz respeito à burocracia, pertinente às inúmeras legalizações, têm também provocado não só o êxodo rural, mas a concentração das propriedades rurais, cada vez mais, nas mãos de poucos; aqueles que conseguem “empresarialmente” vencer as barreiras das dificuldades, impostas pela burocracia de alguns sofismas de governos, que desconhecem a realidade do campo, sendo administradores que vivem num “Brasil” diferente do real. (Relatório produzido e arquivado na prefeitura de Piumhi pelo Sr. Jamil).

A água retirada do pântano do rio Piumhi e as águas do rio Piumhi em Capitólio, passaram a fazer parte do córrego Água Limpa. Nas figuras 49, 50 e 51 aparecem o encontro das águas do rio Piumhi vindas de Vargem Bonita e do refluxo das águas do rio Piumhi vindas de Capitólio com o córrego Água Limpa, agora com seu leito alterado para receber uma maior concentração de água.



FIGURA 49: Encontro das águas do rio Piumhi vindas de Vargem Bonita e do refluxo das águas do rio Piumhi vindas de Capitólio com o córrego Água Limpa.

Fonte: <http://www.transpiumhi.ufscar.br/h>. Acesso em: 18 janeiro 2008.



FIGURA 50: Canal de transposição do rio Piumhi sobre parte do antigo leito do ribeirão Água Limpa. Em detalhe, barranco sem cobertura vegetal.

Fonte: <http://www.transpiumhi.ufscar.br/historico800.htm>





FIGURA 51: Encontro do córrego Água Limpa com o rio Piumhi.  
Fonte: Fonte: Google Earth. Acesso em 16 maio 2007.

Na figura 52 aparece o córrego Água Limpa atualmente fluindo com as águas do rio Piumhi, ou seja é agora o próprio rio Piumhi. A quantidade de água é bem maior do que o leito era preparado para receber.



FIGURA 52: Foto do córrego Água Limpa.  
Visivelmente um aumento grande na quantidade de água.

Na figura 53 pode-se perceber que as alterações feitas no córrego Água Limpa continuam gerando consequências para o córrego. A ponte com obras corretivas. Uma tentativa de aproveitar a ponte num córrego que agora é rio.



FIGURA 53: Foto da ponte com cabeceira destruída sobre o córrego Água Limpa.

O rio São Francisco hoje recebe os sedimentos vindos do rio Piumhi (figura 54), que merecem estudos específicos. Além desse problema, ocorreu a introdução de espécies de peixes da bacia do rio Grande no rio São Francisco devido à transposição. Moreira Filho (2006) descreve uma espécie de ocorrência restrita da bacia do rio Grande encontrado no rio São Francisco.

Evidentemente, tudo isso modificou a paisagem da região, associado à ausência de estudos e à negligência dos órgãos governamentais responsáveis pela degradação ambiental ali observada.

Disponível em <http://www.transpiumhi.ufscar.br/historico.htm>. Acesso em 03 maio 2008.



FIGURA 54: Encontro das águas do rio Piumhi com o rio São Francisco.  
 Fonte: <http://www.transpiumhi.ufscar.br/historico.htm>. Acesso em 03 maio 2008.

*Essa água veio engrossar o caldal do rio São Francisco ela veio de acréscimo, ela está como acréscimo, ela não era do São Francisco. Em vez dessa água cair lá no sul do Brasil, ela está caindo lá no Alagoas. Agora tem de proibir de tudo lá e fazer tratamento nas águas de Capitólio. Esse projeto não foi terminado, a firma recebeu e não fez. (Depoimento do Sr. Jamil).*



FIGURA 55: Foz do rio São Francisco. Mesmo a transposição tendo ocorrido muito próximo a nascente do rio São Francisco, o rio não pode ser entendido apenas por partes. Essa alteração faz parte agora do rio São Francisco.  
 Fonte: <http://www.fotoforma.com.br/writeable/fotoforma/foz%202.jpg>. Acesso em: 03 maio 2008.

## Capítulo 6 - Considerações finais

Esse trabalho parte do desejo de se ter uma visão de como as pessoas valorizam morar perto da nascente do rio São Francisco. Uma transposição de um rio ter acontecido muito perto da nascente do rio São Francisco, com uma complexa história desperta a vontade de se conhecer melhor o fato. Nessa história são revelados fatos que demonstram impactos ambientais, sociais e econômicos que mudaram a paisagem e a vida de muitas pessoas na região.

Os fatos históricos são facilmente esquecidos, principalmente quando não afetam diretamente interesses econômicos. Da população jovem praticamente nada se ouve da transposição do rio Piumhi para o rio São Francisco. Se essa história não tivesse sido levantada neste momento (por causa da época do acontecimento dos fatos, por volta de 1960) jamais se poderia ter a visão tão concreta que se tem nesse momento. A técnica história de vida se mostrou fundamental no levantamento histórico e para demonstrar a percepção dos moradores locais em relação às transformações da paisagem.

Pontuando: a transposição do rio Piumhi tem percepções diferenciadas dependendo da região geográfica do morador ao longo do rio, onde foram recolhidas informações.

Na nascente histórica do rio São Francisco em São Roque de Minas não se encontram pessoas que soubessem da transposição do rio Piumhi, mais existe uma valorização muito grande do turismo e seus benefícios na região. Essa visão se estende aos municípios vizinhos, como Medeiros e Vargem Bonita, devido a essa valorização os cuidados com a água e as riquezas naturais são mais nítidos. Nas entrevistas se percebe o entusiasmo da população em ter seu município próximo a nascente do rio São Francisco. Visitando a única escola estadual de São Roque de Minas, visita que não foi agendada, se depara com a exposição de uma grande amostra de trabalhos de diversas disciplinas expondo as belezas e vantagens econômicas de ter no município a nascente histórica do rio São Francisco. Alunos da sexta série do ensino fundamental, de aproximadamente doze anos, fazem uma bela explanação e demonstração através de maquetes sobre fatos que envolvem o sentimento de valorização da nascente. Mas não se encontra muitos registros de acontecimentos históricos que envolvam a nascente. A população idosa faz questão de aparecer para as fotos e de contar casos e de falar como a cidade se sente importante com o turismo e a presença da nascente. Os políticos e os



órgãos ambientais, através de entrevistas, também se mostraram dispostos a descrever o valor da nascente para a região.

No município de Medeiros pelas entrevistas e pelo site da prefeitura, se nota um começo de mobilização para efetuar acontecimentos que demonstrem o reconhecimento da nascente geográfica do rio São Francisco.

Chegando a Vargem Bonita já se depara com placas indicando ser a primeira cidade banhada pelo rio São Francisco. Nas entrevistas o que está marcado para as pessoas são os fatos que envolveram a exploração mineral. Em nenhuma dessas cidades os moradores sabiam sobre a transposição do rio Piumhi para o rio São Francisco. Também não se encontrou registros do fato.

No caso do rio Piumhi as entrevistas se tornam obrigatoriamente um caso de análise através da técnica de história de vida, até mesmo por não se ter a história registrada em outras fontes. As entrevistas, portanto, tomam um caráter de acompanhar pela história dos acontecimentos cronológicos da vida dos moradores a história da transposição. Houve detalhes específicos apresentados pelos entrevistados dependendo da localização geográfica desse morador. Assim ficaram divididas as entrevistas da seguinte forma: A primeira região é a do município de Capitólio, ao lado do dique que separa o rio Piumhi e o lago de Furnas. A segunda região é a que fica entre Capitólio e o começo da zona rural de Piumhi, onde estão os canais da transposição. A terceira área é onde existia um pântano que chegaria até a zona urbana de Piumhi, mas que hoje são grandes fazendas, praticamente de um único dono.

Quando se chega ao município de Capitólio as belezas da paisagem são encantadoras. Uma região com a presença de cachoeiras com água límpida. O lago de Furnas apresentando um espelho de água muito bonito. Ao mesmo tempo se vê em um bairro da cidade, mansões milionárias, equipamentos e estruturas turísticas típicas de uma região bem planejada. Não se enxerga a primeira vista que ali aconteceu uma transposição de rio. Nas entrevistas os moradores destacaram fatos dramáticos do início das obras da construção de Furnas e da transposição, como o caso das neuroses e dos suicídios. Todos se sentiram emocionados em lembrar dos fatos. Logo depois do dique existe uma olaria onde o morador que ali está atualmente, ali esteve quando o rio Piumhi fazia parte da bacia do rio Grande, se emociona a ponto de por um instante parar de descrever a história. Mas a vontade de que outras pessoas saibam da história o leva a continuar a narrar os fatos. O dono do hotel enfatizou como foi para a sua família e como era lembrada por seus pais a história. Descreveu como foi acompanhar totalmente

o desaparecimento do rio e o surgimento do lago e as estratégias de tornar o lugar exato da construção do dique em um hotel para receber turistas. No município de Capitólio o ex-prefeito da cidade descreveu sua história de vida e a saga de sua família em abandonar as margens do rio Piumhi e ver aparecer na região um lago artificial e uma usina hidrelétrica de grande porte e como foi administrar sua vida em relação aos fatos; deixando de ser um agricultor e se tornando um empresário do comércio e prefeito da cidade. Como foi mudar de vida e encarar os problemas e benefícios para sua vida, de sua família e de sua cidade. Todos esses entrevistados narram pontualmente o início da história da transposição, os dramas e as estratégias para ir se adequando a nova paisagem. Encerram as entrevistas demonstrando também os benefícios do intenso turismo na região e descrevem os fatos que marcaram o desenvolvimento do capitalismo industrial regional, a chegada da rodovia, da energia elétrica, etc.

Saindo de Capitólio, quando se entra na zona rural e chegando a Piumhi não foi fácil encontrar pessoas para as entrevistas, porque são poucas as casas nesta área. O que se encontrou foi moradores novos que não conheciam a história. Mas uma senhora e um casal que moram bem perto aos canais da transposição narraram com clareza a história. Nessas entrevistas, por na área não ter muitos efeitos do turismo, pode ser melhor percebido falas que demonstram as alterações na natureza, por exemplo, a falta de peixes.

Já nas falas dos entrevistados anteriores é citado a história de um pântano que secou. Na área do entorno do município de Piumhi o rio Piumhi formava um pântano que após a transposição do rio secou. A área é atualmente de grandes fazendeiros. O questionamento da posse dessas terras é demonstrado através dos relatos colhidos nas entrevistas. Chegando a essa área não se conseguiu entrevistar um grande latifundiário. Já no município de Piumhi um ex morador da região do pântano descreve como foi a história da drenagem desse pântano. Ele frisa a todo momento os conflitos sociais na posse dessa terra. Era uma terra fértil e historicamente bem procurada por várias pessoas. Nesse caso as entrevistas abertas com outros moradores mais jovens corroboraram com a fala desse entrevistado. Fica difícil falar de impactos ambientais na região do pântano, as pessoas têm uma necessidade muito grande de falar da questão fundiária, se sentem injustiçadas.

Foi observado que a primeira área é uma área que sofre intenso impacto causado pelo turismo, na segunda área ainda restam poucos moradores no resto de espaço rural para agricultura de subsistência. A terceira área é um espaço de produção agroindustrial

bem organizada e na mão de poucos, a população no município de Piumhi percebe a concentração fundiária e por essa concentração já não foi possível entrevistar facilmente moradores locais.

Existem diversos impactos ambientais da transposição do rio Piumhi demonstrados até mesmo pelas imagens, como o caso da falta da mata ciliar no percurso do rio Piumhi; da não limpeza do canal e o problema da não fluidez do esgoto em Capitólio produzindo mau cheiro, enchentes; o aprofundamento de leitos de córregos, notados até mesmo pelas obras corretivas em pontes; a diminuição da fauna; a confluência de espécies de peixes da bacia do rio Grande e do rio São Francisco.

Existem diversos impactos econômicos, como a geração de riquezas pelo turismo em Capitólio e a produção agropecuária em Piumhi, como é o caso do café que é plantado em larga escala.

Existem diversos impactos sociais como é o caso das mudanças no estilo de vida rural para o urbano feito instantaneamente com a ocupação das águas de Furnas em Capitólio, e a questão da concentração fundiária em Piumhi e seus conflitos.

Muitos desses fatos são notados pela comunidade local, outros principalmente os ambientais às vezes por falta de conhecimento técnico estão abandonados tanto pela comunidade local quanto pelo meio político, acadêmico e empresarial e estão sendo agravados ao longo da história. A transposição do rio Piumhi é uma obra pouco lembrada e seus impactos no rio São Francisco são pouco estudados por não comprometerem de forma tão visível a economia e o meio ambiente do rio São Francisco para população em geral.

O levantamento histórico e percepções ambientais, sociais e econômicas da transposição do rio Piumhi para o rio São Francisco foram disponibilizados ao longo dessa dissertação. Devido à importância do tema torna-se necessário o debate da questão da transposição do rio Piumhi para o rio São Francisco. É nessa discussão que estabelece uma perspectiva de valorização da comunidade local. Quando se fala tanto da transposição do rio São Francisco no nordeste brasileiro, um fato como esse, serve de exemplo para diversas considerações, até mesmo porque está atingindo o rio São Francisco na sua nascente. Aqui fica registrada a história da transposição do Rio Piumhi para o rio São Francisco e como a população local acompanhou e sentiu o fato. Espera-se que no caso de transposição de rios, de ocupação de terras por lagos de usinas hidrelétricas possam ser avaliados os fatos aqui descritos e melhor acompanhados pelos seus gestores, não esquecendo de ouvir a população local. As falas aqui dispostas pela

história de vida das pessoas descrevem como foi do seu nascimento a velhice ver e conviver com as mudanças na paisagem. É uma grande oportunidade olhar para a história das pessoas em busca de melhorar a vida das gerações futuras.

## Referências Bibliográficas.

ALTO, **70 Anos de História**. Pimhui, Minas Gerais: Jornal Alto São Francisco. 1990. 136 p.

BEIRO, Douglas. **Paisagens de Migrantes rural-urbano e memória**. Disponível em [www.preac.unicamp.br/memoria/textos/Douglas%20Beiro%20-%20completo.pdf](http://www.preac.unicamp.br/memoria/textos/Douglas%20Beiro%20-%20completo.pdf). Acesso em 10 julho 2008.

BOTTURA, Giovana. **A compreensão das formas de relação da população com o meio ambiente: estudo de caso no reservatório de Salto Grande (Americana – SP)**. 1998. 122 p. Dissertação de mestrado em engenharia ambiental, USP, São Carlos, SP.

BUENO, E. **Brasil: Uma História**. São Paulo: Ática, 2002. 447 p.

CINTRÃO, Janaina Florinda Ferre. **Nova Europa: A ideologia Germanista no interior paulista**. 1999. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Paulista ( UNESP) – Campos Araraquara.

COMITÊ DE BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SÃO FRANCISCO. **Plano de recursos hídricos da bacia hidrográfica do Rio São Francisco**. Salvador. 2004.

DORNELES, Cláudio Turene Almeida. **Percepção ambiental: Uma análise na bacia hidrográfica do rio Monjolinho**. 2006. 177 p. Dissertação de mestrado em engenharia ambiental – Escola de Engenharia Ambiental de São Carlos, USP, São Carlos, SP.

COPEL, Companhia Paranaense de Energia. **Estudo de impacto ambiental: Rio Chopim, Bacia do Rio Iguaçu, Estado do Paraná. Introdução, Empreendimento, Justificativas, Diagnóstico Ambiental**. Volume 1. Curitiba, Paraná, 2001. 504 p.

ISMERIM, Filha. Susete. **As cheias do baixo São Francisco: Estudo do caso, sobre a percepção dos ribeirinhos**. 2005. 109 p. Dissertação de mestrado em desenvolvimento e meio ambiente – Universidade Federal do Sergipe, São Cristóvão, Sergipe.

Ferreira, Alessandra Borro Nascimento. **Percepção Ambiental dos Alunos do Ensino Fundamental sobre as queimadas da palha da Cana-de-Açúcar em Sertãozinho - SP**. 2007. 174p. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, UNIARA, Araraquara, SP.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **João Goulart : entre a memória e a história**. Rio de Janeiro. FGV Editora, 2006. 1a. ed. 62 p.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. 224 p.

LEME, Fernanda Beraldo Maciel. **As represas como lugares turísticos: Novas significações e valorização de uma paisagem sem memória**. Revista de cultura e turismo, ano 01 – n.01 – out/2007. Disponível em <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao1/artigo6.pdf>. Acesso em: 13 janeiro 2009.

MANCUSO, Rauter Inês Maria. **A cidade na memória de seus velhos: Estudo sobre São Carlos, Itirapina e arredores**. 1998. 241p. Tese de doutorado em sociologia, apresentada ao departamento de Sociologia da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. USP. São Paulo, SP.

MORAL HERNÁNDEZ, Francisco Del. **Aqueles que vivem nas margens, às margens da decisão: controvérsias sobre o uso dos rios e das terras ribeirinhas para a geração hidrelétrica. A expansão hidrelétrica**. 2006. 204p. Dissertação de mestrado. Programa interunidade de pós-graduação em energia. USP. São Paulo, SP.

HOCHBERG, E. Julian. **Percepção**. New Jersey, Estados Unidos da América: Prencite-Hall Inc, 1966. 179p.

MARCONI, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria. **Técnica de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 1999. 260 p.

MOREIRA, F. Orlando. Uma transposição de rio esquecida. **Revista UFG**. Goiânia, n.2, ano VII, p.78-82, Dez. 2006. Disponível em <http://www.transpiumhi.ufscar.br/divulgacao.htm>. Acesso em: 21 abril 2007.

RAINIER, Adil. **Capitólio em Prosa e Verso**. Viçosa: Editora Folha de Viçosa, 2002. 295p.

SILVA, A. Paulo, *et al.* **Determinação da extensão do rio São Francisco**. Anais XI SBRS, Belo Horizonte, 05-10 abril 2003, INPE, p. 393-400.

SILVA, José Pimenta. **Terra e Paraíso: um Pouco da História de Capitólio**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 1999. 336 p.

SILVEIRA, Lidianes Nunes. O Pântano do Cururu: Trabalho, ocupação e conflitos de Terra. 2008. Dissertação de Mestrado. UFV. Viçosa/MG. Disponível em: [http://www.tede.ufv.br/tedesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1559](http://www.tede.ufv.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1559). Acesso em: 04 junho 2009.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagens as nascentes do rio São Francisco**; tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Editora Atalaia, 1975. 190 p.

TAUK, Maria Sânia. **Análise Ambiental: Uma visão multidisciplinar**. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1995. 206p.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado. História Oral**. São Paulo, Paz e Terra, 1992. 385 p.

"**Transposição e Agonia do Rio Piumhi**". Terra da Gente / TV Globo 28/05/2005.

WHITAKER, Dulce C. A. **Sociologia Rural Questões Metodológicas Urgentes**. São Paulo: Editora Letras à Margem, 2002. 256 p.

<http://www.canastra.com.br/orio/nascente.asp>. Acesso em: 29 abril 2007.

<http://www.capitolio.mg.gov.br/default.asp>. Acesso em: 8 maio 2007.

<http://www.camara.gov.br>. Acesso em: 03 março 2008.

<http://www.furnas.com.br/historia/1957.htm>. Acesso em: 10 dez. 2007.

<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res86/res0186.html>. Acesso em: 12 janeiro de 2009.

<http://www.serracanastra.com.br/saoroque/saoroque.html>. Acesso em: 8 maio 2007.

<http://www.transpiumhi.ufscar.br/historico.htm>. Acesso em : 23 julho 2007.

<http://www.terra.com.br/istoe/brasileiros/1999/10/08/000.htm>. Acesso em: 13 janeiro de 2009.

<http://www.prefeiturapiumhi.mg.gov.br/>. Acesso em: 8 maio 2007.

<http://www.guiadoturista.com.br/suacidade.asp?cod=305>. Acesso em: 8 maio 2007.

[http://www.chesf.gov.br/riosaofrancisco\\_economia.shtml](http://www.chesf.gov.br/riosaofrancisco_economia.shtml). Acesso em: 8 maio 2007.

<http://jornalpontodevista.blogspot.com/2007/09/por-que-que-medeiros-abriga-nascente-do.html>. Acesso: em 12 janeiro 2009.

[http://velhochico.net/index\\_arquivos/Page%20354III.htm](http://velhochico.net/index_arquivos/Page%20354III.htm). Acesso em: 12 janeiro 2009.

[http://viajeaqui.abril.com.br/indices/conteudo/blog/138195\\_comentarios.shtml?7516350](http://viajeaqui.abril.com.br/indices/conteudo/blog/138195_comentarios.shtml?7516350)  
Acesso em: 12 janeiro 2009.

<http://jornalpontodevista.blogspot.com/2007/09/por-que-que-medeiros-abriga-nascente-do.html>. Acesso em: 25 fevereiro 2008.

<http://www.ferias.tur.br/localidade/3811/santo-hilario-mg.html>. Acesso em: 06 fevereiro 2008.

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 03 março 2008.

[http://veja.abril.com.br/201099/p\\_054.html](http://veja.abril.com.br/201099/p_054.html). Acesso em: 20 maio de 2009.



## GLOSSÁRIO

Assoreamento: Nome técnico que se dá ao processo acelerado de deposição de sedimentos detríticos em uma área rebaixada.

Deflúvio: Escoamento superficial da água.

Remanso: água estagnada.

Royalties: é uma compensação financeira devida ao Estado pelas empresas concessionárias que repassa aos estados e municípios de acordo com os critérios definidos em legislação específica.

## ANEXOS

## 1 - Quadros do perfil das pessoas entrevistadas:

| Nome do entrevistado        | Data da entrevista | Características gerais do entrevistado                                                                                                                                                                                                                                 |
|-----------------------------|--------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Sr. Bento                   | 23/11/2007         | Funcionário do parque nacional da Serra da Canastra em São Roque de Minas                                                                                                                                                                                              |
| Sra. Conceição Marques      | 03/02/2008         | Moradora de Santo Hilário (Zona rural do município de Pimenta). Arraial que foi reconstruído depois da construção de Furnas. A moradora tem 79 anos e acompanhou todas as modificações causadas por Furnas no lugar. Aposentada, vivia de agricultura de subsistência. |
| José Florêncio de Jesus     | 03/02/2008         | Morador de Santo Hilário (Zona rural do município de Pimenta). Arraial que foi reconstruído depois da construção de Furnas. O morador tem 79 anos e acompanhou todas as modificações causadas por Furnas no lugar. Aposentado, vivia de agricultura de subsistência.   |
| Padre José Pimenta da Silva | 18/11/2007         | Padre que trabalhou na paróquia e que foi professor de História no município de Capitólio. Tem 48 anos.                                                                                                                                                                |

|                     |            |                                                                                                                                |
|---------------------|------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                     |            |                                                                                                                                |
| Sr. Manoel          | 18/11/2007 | Morador das margens do rio Piumhi em Capitólio. Tem 80 anos e acompanhou as modificações causadas pela transposição na região. |
| Sr. Jamil           | 22/08/2008 | Secretario municipal de agricultura do município de Piumhi. Formação em Hidrologia.                                            |
| Sr. Edgar Rodrigues | 20/03/2008 | Secretario de turismo do município de Capitólio.                                                                               |
| Sr. João            | 22/08/2008 | Motorista da prefeitura de Capitólio.                                                                                          |
| Claudine Ourives    | 07/01/2008 | Ourives. Trabalha à 54 anos com jóias no município de Formiga. Município vizinho a região da transposição.                     |

#### Entrevistas de História de Vida – Moradores da margem do rio Piumhi

| Nome do entrevistado           | Idade do entrevistado | Características gerais                                                                                                                                                 |
|--------------------------------|-----------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Sr. José Carlos Soares Carlito | 50 anos               | Empresário – Sócio do hotel que fica ao lado do dique de Capitólio e es morador das margens do rio Piumhi em Capitólio. Sua família era de pecuaristas e agricultores. |
| Sr. Jair Pereira               | 84 anos               | Empresário – Dono de uma olaria e es morador e agricultor das margens do rio Piumhi em Capitólio.                                                                      |

|                              |         |                                                                                                                                                       |
|------------------------------|---------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Sr. José Gonçalves Machado   | 65 anos | Empresário – Dono de uma loja de eletrodomésticos e móveis e ex prefeito de Capitólio e ex morador agricultor das margens do rio Piumhi em Capitólio. |
| Sr. Otávio Alves Ferreira    | 83 anos | Morador das margens do rio antigamente e dos canais atuais do rio Piumhi na zona rural de Piumhi – Agricultor – agricultura de subsistência.          |
| Sra. Maria Alves Ferreira    | 73 anos | Moradora das margens do rio antigamente e dos canais atuais do rio Piumhi na zona rural de Piumhi – Agricultora – agricultura de subsistência.        |
| Sra. Maria Ferreira da Silva | 80 anos | Moradora das margens do rio antigamente e dos canais atuais do rio Piumhi na zona rural de Piumhi – Agricultora – agricultura de subsistência.        |
| Sr. Orilde                   | 79 anos | Comerciante na zona urbana de Piumhi, ex morador da região do pântano que o rio Piumhi formava na zona rural de Piumhi. Ex agricultor dessa área.     |

## 2- Regulamentação das Terras da Transposição do Rio Piumhi.

*Cria o "Condomínio Rural de Piuí" e dá outras providências.*

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA,

Faço saber que o CONGRESSO NACIONAL decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Na realização e execução do plano de reajustamento sócio-econômico das áreas atingidas pela inundação conseqüente da construção da represa de Furnas, a União promoverá o aproveitamento racional das terras drenadas pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento nos municípios de Piuí e Capitólio, em Minas Gerais.

Art. 2º São desapropriáveis por interesse social as áreas descritas no artigo anterior e destinadas à constituição dos lotes agrícolas, bem como as terras adjacentes que devam ser ocupadas com obras ou serviços necessários ao bem-estar dos rurícolas e das respectivas comunidades.

Art. 3º Para efeito das desapropriações previstas no artigo anterior, são considerados justos os preços vigentes nas zonas onde se operar a desapropriação.

*Parágrafo único.* Nas desapropriações serão excluídas das indenizações as valorizações decorrentes das obras realizadas pelo Poder Público.

Art. 4º A exploração das terras a que se referem os artigos 1º e 2º da presente lei será efetuada ... (VETADO) ... através do lote agrícola, que não poderá exceder de 10 a 15 hectares, nas áreas drenadas, de acordo com a qualidade das terras.

Art. 5º A distribuição dos lotes agrícolas de conformidade com o artigo anterior se a inicialmente feita mediante arrendamento aos agricultores que exerçam diretamente essa profissão em caráter exclusivo.

§ 1º Terão preferência para os arrendamento os agricultores deslocados da área inundada pela represa de Furnas e aqueles que exerciam suas atividades agrícolas como pequenos produtores, à margem da área recuperada.

§ 2º O arrendamento será realizado pelo prazo de cinco anos, devendo o arrendatário, até seis meses antes do término do prazo, optar pela compra ou não do lote.

§ 3º São expressamente proibidos o arrendamento, subarrendamento ou transferência do lote.

§ 4º Os preços do arrendamento e vendas dos lotes serão fixados em tabelas organizadas e aprovadas ... (VETADO) ... constante dos respectivos contratos.

§ 5º A falta de cumprimento de qualquer das cláusulas contratuais, por parte do arrendatário ou promitente comprador, importará na rescisão do contrato.

§ 6º Cada arrendatário ou condômino só poderá explorar um (1) lote agrícola.

Art. 7º O pagamento do lote será realizado em 20 (vinte) prestações anuais de igual valor, acrescido de juros de 6% (seis por cento) ao ano, contados de acordo com a "Tabela Price".

Art. 8º O lote agrícola é indivisível e só poderá ser vendido a quem não possua outra propriedade no meio rural.

Art. 9º Por morte do arrendatário ou proprietário, havendo sucessores, estes escolherão entre si o administrador do lote se não pretendem devolve-lo ... (VETADO) ... mediante indenização das benfeitoras realizadas.

Art. 10. Extingue-se o arrendamento:

- a) pelo término do prazo contratual;
- b) pela rescisão do contrato;
- c) pela morte do proprietário sem deixar sucessor, em condições de explorar diretamente o lote.

Art. 11. Poderá ser rescindido o arrendamento quando:

- a) o arrendatário explorar o lote em desacordo com as normas desta lei e de seu regulamento;
- b) o regime de comunhão prejudicar o aproveitamento econômico do lote;
- c) não for efetuado o pagamento do aluguel até 180 (cento e oitenta) dias subsequente ao vencimento, salvo motivo justo ou relevante, ... (VETADO) ...

Art. 12. Extingue-se o condomínio:

- a) pela adjudicação das partes indivisas ao cônjuge sobrevivente ou um dos condôminos, tendo preferência, por ordem de idade, o herdeiro varão, ou marido da herdeira domiciliado no lote e com experiência agrícola;
- b) pela venda do lote, nos termos dos artigos 5º, 6º e 7º.

Art. 13. ...(VETADO)... qualquer condômino, poderá ter a iniciativa dos processos da extinção da comunhão do arrendamento ou do condomínio, no caso da infração das cláusulas anteriores.

Art. 14. Em qualquer dos casos de reversão do lote agrícola ao condomínio, ou posse direta do Poder Público, são assegurados ao arrendatário ou proprietário:

- a) o direito à escolha da lavoura que já tenha feito no terreno;
- b) indenização de benfeitoria, à base do respectivo custo histórico, reajustado de acordo com os índices de oscilação da moeda e desvalorização do uso, segundo avaliação dos órgãos competentes.

Art. 15. Para auxiliar a execução dos objetivos da presente lei, na parte referente às terras descritas nos seus artigos 1º e 2º, fica instituído, ... (VETADO) ... o "Fundo de Desenvolvimento da Propriedade Rural do Piuí", que será formado com:

- a) alugueres dos lotes arrendados;
- b) preços das revendas das áreas desapropriadas, quando as indenizações tiverem sido efetuadas com recursos do "Fundo";
- c) lucros obtidos nas revendas das terras abrangidas pelos planos agrícolas;
- d) dotações orçamentárias;
- e) doações.

Art. 16. Os recursos do "Fundo" serão movimentados ...(VETADO) ... à base de orçamentos anuais de aplicação, aprovados pelo Poder Executivo, para os seguintes fins:

- a) desapropriação de novas áreas para atividades agrícolas;
- b) aquisição de máquinas, implementos agrícolas, sementes, adubos, inseticidas e fungicidas, plantas e animais para serem cedidos aos condôminos ou a suas organizações, mediante aluguel ou revenda;
- c) preparo dos lotes agrícolas, para efeito de exploração racional;
- d) subscrição de cotas de capital de cooperativas dos condôminos;
- e) garantia de empréstimos contraídos em bancos, para efeitos de exploração e melhoramento do lote, de acordo com o convênio entre a administração do "Fundo" e o estabelecimento bancário.

Art. 17. Ficam isentos de quaisquer impostos e taxas os contratos, termos, ajustes e registros relativos à essa lei, inclusive para concessão de financiamento.

Art. 18. As doações orçamentárias para o ano de 1962 e créditos especiais destinados à execução dos planos, programas e projetos de que trata esta Lei serão automaticamente registrados pelo Tribunal de Contas e distribuídos ao Tesouro Nacional, que os depositará no Banco do Brasil, ... (VETADO) ... em conta especial.

*Parágrafo único.* O saldo das referidas dotações e créditos, quando não utilizados, serão escriturados como "restos a pagar" com vigência de 5 (cinco) anos.

Art. 19. Caberá ... (VETADO) ... dentro do prazo de 60 (sessenta) dias, ao Poder Executivo, a regulamentação da presente lei.

Art. 20. Fica aberto um crédito de Cr\$50.000.000,00 para atender as necessidades iniciais do Plano, e, nos Orçamentos futuros serão incluídas verbas específicas correspondentes a desapropriação para utilidade social.

Art. 21. Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 7 de dezembro de 1962; 141º da Independência e 74º da República.

JOÃO GOULART  
Hermes Lima  
Miguel Calmon  
Hélio de Almeida

**Publicação:**

- Coleção de Leis do Brasil - 1962, Página 62 (Publicação)
- Diário Oficial da União - Seção 1 - 20/12/1962, Página 13039 (Publicação)

Disponível em: [www.camara.gov.br](http://www.camara.gov.br)

Acessado em: 25 de fevereiro de 2008.

Disponível em:

[http://www.tede.ufv.br/tedesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1559](http://www.tede.ufv.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1559).

Acesso em: 04 junho 2009.